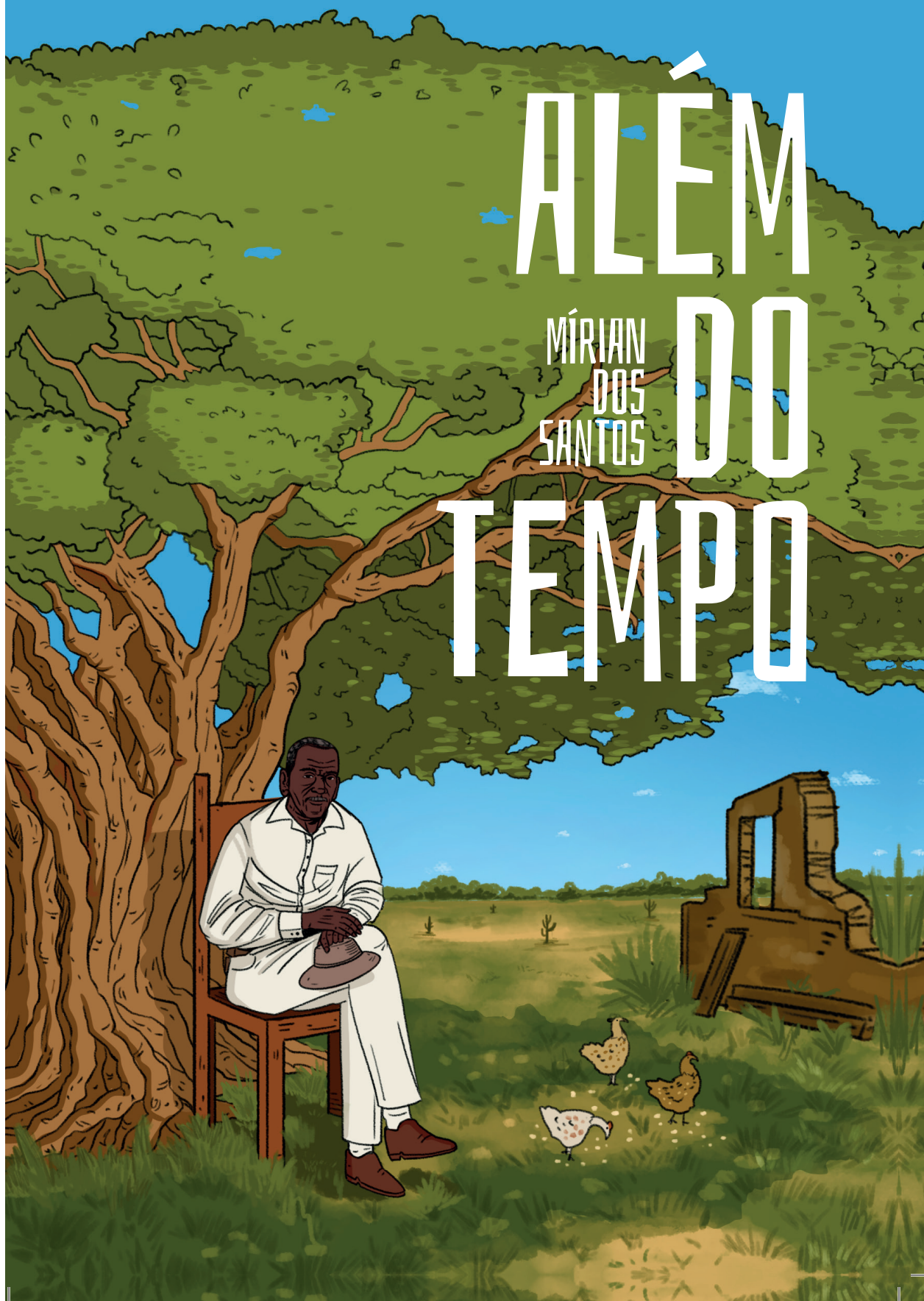


ALÉM DO TEMPO

MÍRIAN
DOS
SANTOS





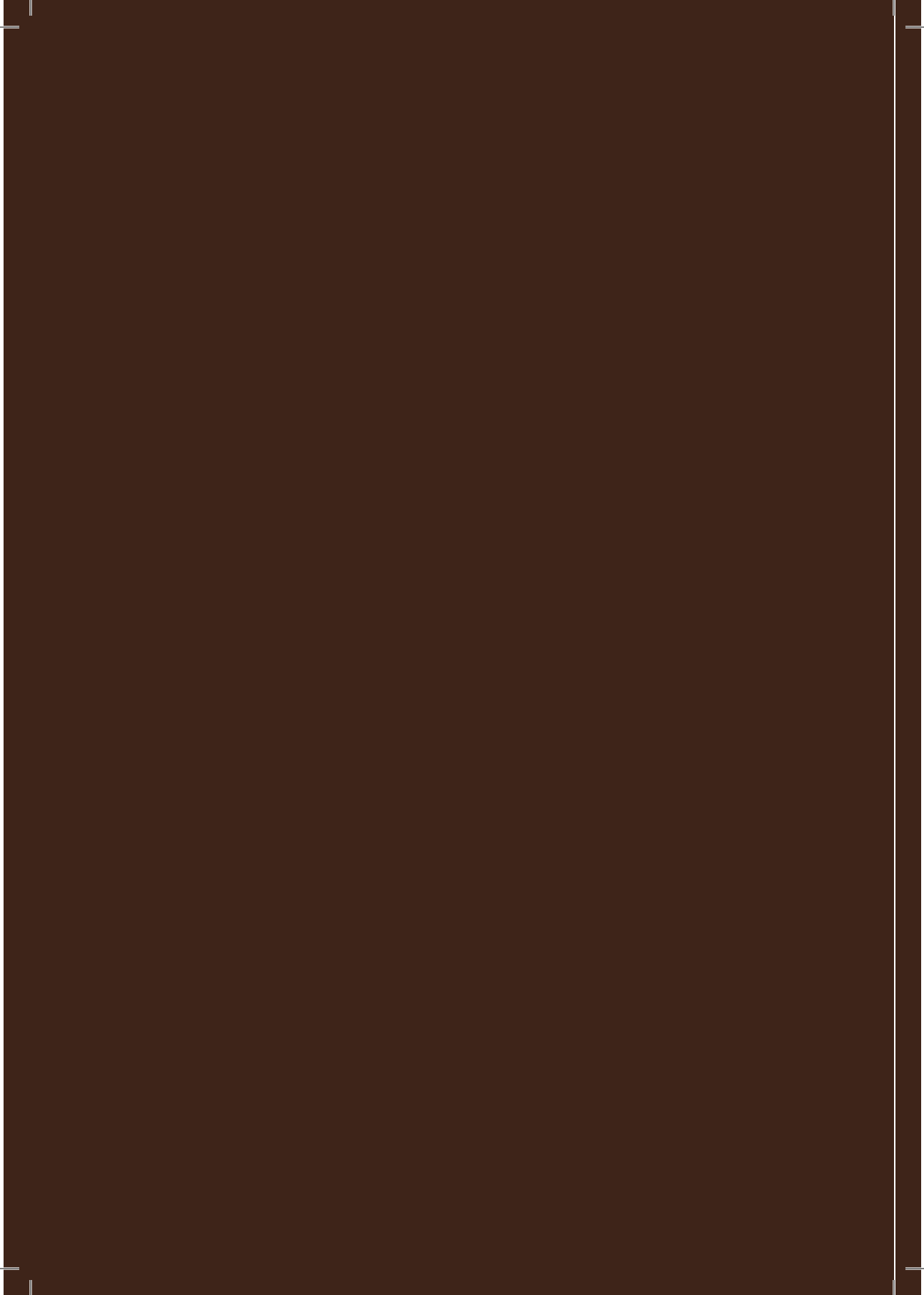




ALÉM DO TEMPO

um livro de memórias

MÍRIAN DOS SANTOS



Peço licença para abrir este livro com as palavras de Mateus
Aleluia, grande mestre da tradição afro brasileira:

“Você vê que a vida é feita de esperança. Pela história de Emaúra, né?! Por que esperança? Porque tem várias verdades. Não é só a minha verdade. É minha a verdade. Pois isso é uma mentira! Mas eu tenho a esperança que a verdade de alguém com quem eu for falar seja realmente a verdade. E se eu me enganar com essa pessoa, que eu possa encontrar na outra pessoa a verdade. Não é verdade? A vida é feita de esperança sempre. É por isso que nós um dia tocados por isso, acreditamos que a vida é feita de positivismo.”

Dito isso, deixo aqui uma verdade:

Antônio Preto está vivo!

SUMÁRIO

11 PARTE I – RUMO A SÃO PAULO

13 Quem tem boca vai a Roma

19 Honra e proveito, não cabem em saco estreito

29 Quem não tem cão, caça com gato

35 Não adianta chorar pelo leite derramado

43 Em terra de cego, quem tem um olho é rei

59 Quem procura, acha!

65 É nas subidas que se ganham as corridas

75 Um grama de exemplos vale mais
que uma tonelada de conselhos

81 Diga-me com quem andas e
lhe direi quem és

91 PARTE II – INTERIOR DA BAHIA

93 Filho de peixe, peixinho é!

99 O bom filho à casa torna

105 Deus ajuda quem cedo madruga

123 O homem é senhor do que
pensa e escravo do que diz

131 A voz do povo é a voz de Deus

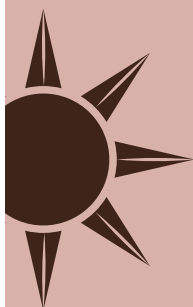
143 Gato escaldado tem medo de água fria

149 Quem não é visto, não é lembrado

157 PARTE III – ÁRVORE

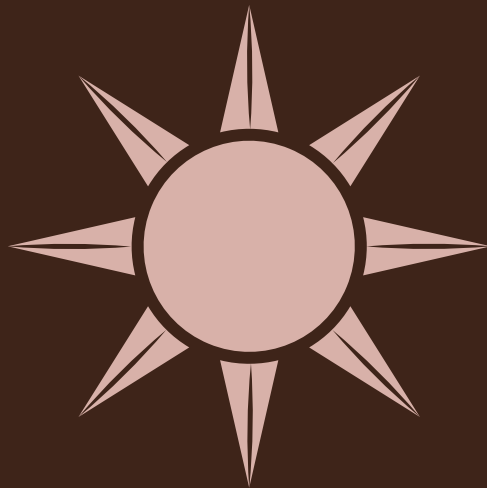
159 De pequenino é que se torce o pepino

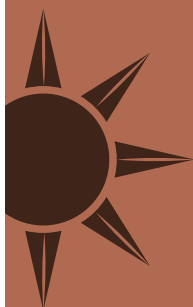
177 CAMINHO COMEÇADO É MEIO CAMINHO ANDADO

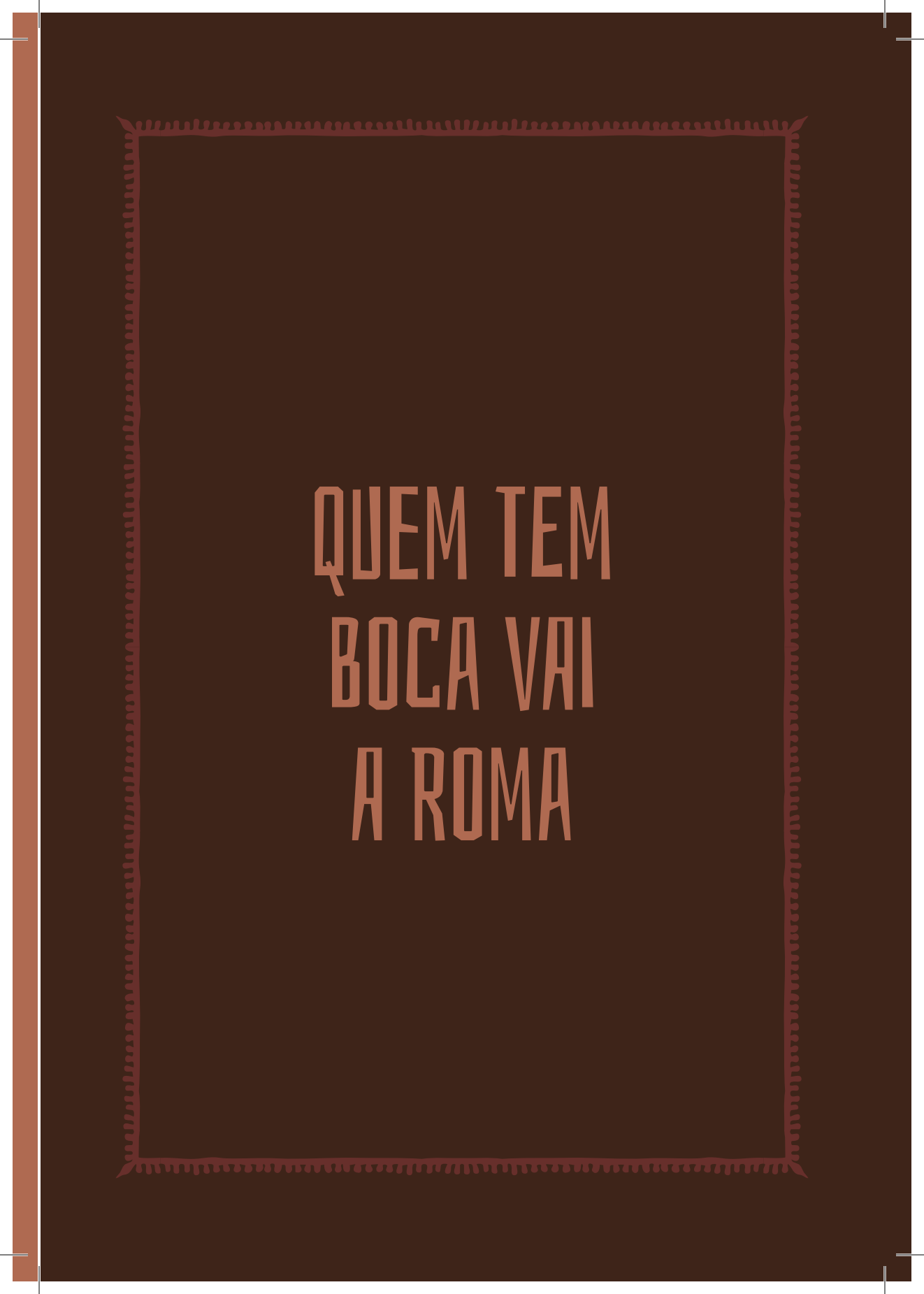


PARTE I —

Rumo a São Paulo







QUEM TEM
BOCA VAI
A ROMA



01



EM MENOS DE DUAS SEMANAS, FUI CAPAZ DE DECIDIR,

planejar e organizar uma viagem para São Paulo. Sinto uma profunda admiração por essa conquista. Moro em Mariana desde o início de 2022, quando finalmente pude continuar meus estudos presencialmente na Universidade Federal de Ouro Preto. Comecei o curso de Jornalismo no final de 2020, ainda no ensino remoto, devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19. Foram quase dois anos até que eu pudesse vivenciar, de fato, a experiência universitária.

Neste momento em que inicio a escrita carrego duas décadas de vida e a experiência de momentos de árduo trabalho. Minha rotina é exaustiva: doze horas diárias divididas entre dois expedientes completamente diferentes. À noite, intercalo entre as aulas da graduação e conversas com pessoas queridas. Vivo repetindo que não tenho tempo para nada e estou sempre exausta, o que faz total sentido diante da vida que venho levando nos últimos seis meses.

Por isso, uma viagem para outro estado, a princípio, parecia impossível. No entanto, o caminho surgiu diante de mim, e não hesitei em percorrê-lo. O feriado da Independência do Brasil veio como um alívio, a oportunidade ideal. Tomei a decisão sem me permitir pensar demais. Sabia que era uma loucura, mas resolvi encarar. Conversei com meus superiores para adiantar alguns dias de trabalho e conseguir folgar toda a semana do feriado. Meu corpo dava sinais evidentes de estresse e cansaço, mas ignorei. Sintomas comuns: olho com tremilique, manchas na pele e a sensação de carregar um fardo nas costas. Não era o momento de dar atenção às questões físicas e emocionais que vinham surgindo. Quando eu teria essa chance novamente?

Estou no sétimo período da graduação em Jornalismo e dando início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso. Minha proposta é reconstruir a história da minha família, partindo de nosso ancestral Antônio Preto. A motivação

surgiu em 2021, logo após concluir o primeiro período remoto na UFOP. Na época, enfrentei uma profunda crise de identidade. Sempre me vi como uma mulher “parda”, mas, ao entrar na universidade, passei a ouvir constantemente sobre o colorismo e a identidade negra. Onde eu me encaixava? Esse questionamento ecoava em minha mente.

As aulas costumavam abordar, teoricamente, temas como a divisão social do Brasil, as desigualdades de classe e raça. Foi nesse momento que comecei a refletir sobre minha trajetória e a perceber que as dificuldades que enfrentei na adolescência, principalmente em relação à minha aparência, estavam diretamente ligadas a problemas estruturais do país. Queria entender o real impacto disso no meu cotidiano. Quando comecei a ouvir sobre desigualdades e violências contra minorias, me assustei. Passei a me reconhecer nos debates acadêmicos, mas, me sentia deslocada. Muitos dos discursos vinham de pessoas que não compartilhavam a minha realidade, com uma abordagem teórica que contrastava com minha vivência prática. Eram olhares diferentes.

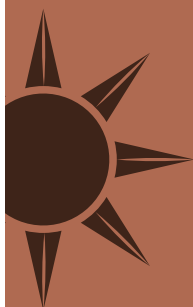
Cresci estudando em uma escola pública em Riacho de Santana, no interior da Bahia. Sempre gostei de ler e acredito que minha fascinação pela literatura nasceu da curiosidade. Tenho um apreço especial por revirar caixas antigas, explorar arquivos de memórias e redescobrir histórias esquecidas. Foi nesse espírito que, certo dia, ainda em 2021, peguei a pasta de fotografias da família, a qual minha mãe costuma guardar com carinho, e comecei a vasculhar. Queria entender mais sobre mim mesma, sobre a sensação de não pertencimento que me acompanhava em todos os espaços que adentrava, na igreja, na escola, na universidade, etc.

Ao rever as fotos, encontrei um retrato de meu avô. Naquele momento, surgiram diversas perguntas: como a educação que ele deu à minha mãe influenciava na pessoa que estava me tornando? De que forma as memórias dela sobre ele se refletiam em mim? Entre os registros, encontrei também a carteira de trabalho dele. Foi então que tive a ideia: e se eu escrevesse um livro sobre a origem da minha família? Eu pouco sabia sobre a minha história, sobre a trajetória de vida de quem foi o responsável pela criação de minha mãe. O tom retinto da pele de meu avô também havia me chamado a atenção.

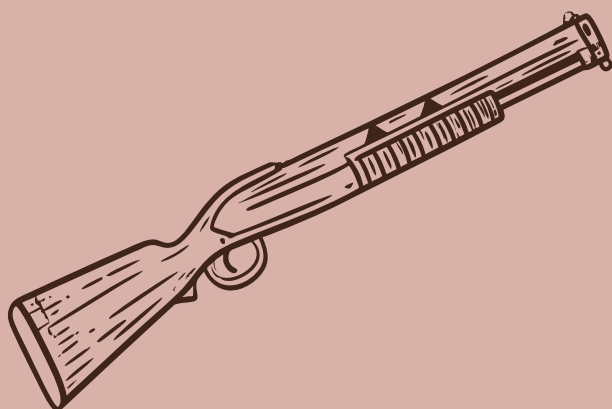


Depois de inúmeras coincidências, acontecimentos e questionamentos, cheguei até aqui, com a produção de um livro que busca compreender como meu avô continua existindo e qual o papel da memória nesse processo. Confesso que estou extremamente ansiosa para essa jornada ao passado. Faz tempo que não vejo minha família, e essa viagem para São Paulo é também uma oportunidade de reencontro. Para conseguir a folga, precisei trabalhar intensamente a semana inteira, intercalando com as aulas a noite. Estou exausta, é fato, mas o misto de emoções que me acompanham tem me dado força. Tento me convencer de que preparei minha mente para a correria que será. Quero conversar com o máximo de pessoas possível, ouvir histórias e saber de onde venho. Quem sabe assim eu consiga entender para onde vou.

Devo chegar na capital paulista por volta das sete da manhã. Ainda não sei se alguém irá me buscar na rodoviária e estou planejando ir sozinha até a casa da tia Duca. Essa é a quinta vez que vou a São Paulo e a primeira que embarco só. Mais tarde falo com vocês. Tô na estrada rumo a Belo Horizonte, vou aproveitar o percurso para dormir um pouco. Logo mais volto a escrever.



HONRA E
PROVEITO,
NÃO CABEM
EM SACO
ESTREITO



02



CHEGUEI EM SÃO PAULO MUITO ANTES DO QUE HAVIA PREVISTO.

De acordo com os meus cálculos, só estaria desembarcando no Terminal Rodoviário de Tietê às sete horas da manhã. O relógio marcava cinco e meia quando desci do ônibus. Peguei minha bagagem, uma mala grande, e fui em direção ao banheiro. Antes de qualquer coisa, era preciso lavar o rosto e tentar melhorar o aspecto de cansada. Demorei um pouco pra assimilar tudo. Eu estava com muito sono. Mal havia conseguido dormir durante a viagem. E com fome também. Decidi aguentar até chegar na casa de tia Duca para tomar café da manhã. Apesar de ser domingo havia bastante gente na rodoviária. Pelo horário, alguns estabelecimentos ainda estavam começando a se abrir. Na noite anterior, quando eu já estava no ônibus em direção a capital paulista, Gessé havia me enviado uma mensagem explicando os passos que eram precisos para chegar ao meu destino inicial. Mesmo assim, resolvi pesquisar no Google Maps. Não compreendi muito bem.

Quando conversei com tia Duca sobre a possibilidade de ficar na casa dela durante a viagem, ela logo me informou que estaria trabalhando na maior parte do tempo. Então, por conta disso, eu quase não a veria. Disse também que conversaria com tio Zé, marido dela, para me buscar na rodoviária. Só que ainda era muito cedo, então insisti em chegar lá sozinha. Da casa dela até onde eu estava eram quase duas horas de condução e não parecia ter muito segredo. Por precaução, liguei para tio Zé avisando que estava indo, e não iria esperá-lo vir me buscar. Eu tinha a tecnologia a meu favor para o caso de ficar perdida.

A princípio, peguei o metrô errado. E olha que antes de embarcar, perguntei a um guarda que estava na estação sobre qual direção era correta para pegar o metrô sentido Jabaquara que, em resposta, questionou se era esse mesmo o que eu precisava pegar. Confirmei que sim. Então, ele me indicou a linha à

frente. Desci duas estações depois e percebi o erro. Peguei outro metrô, agora para voltar o caminho feito e pegar a direção correta. A última vez que estive em São Paulo foi há mais de um ano atrás e foi tudo muito rápido, logo quando estava de mudança para Mariana. Isso, por causa de mainha, que quis visitar Gessé antes do meu desembarque no que seria minha morada temporária. Em minha mente, algumas lembranças da última vez que estive pela capital ainda estavam claras e foram elas que me ajudaram com o percurso. Quando encontrei com tio Zé já estava a menos de dez minutos de sua casa. Conforme cheguei ao condomínio, a não ser pelas casas belíssimas, que eu não me recordava, tudo parecia seguir familiar. Na casa de tia Duca não era diferente. As plantas ainda embelezavam a parte da frente. E o carro velho de tio Edson continuava na garagem, esperando pelo dia em que voltaria a ser colocado em movimento.

Entramos pela porta do fundo. Gessé estava no quintal. Tentei esconder a surpresa ao revê-lo. Meu irmão aparentava estar diferente. Acredito que era pelo cansaço estampado em seu semblante e também pelos olhos fundos. Parecia que ele havia envelhecido mal, porém nem tinha passado muito tempo desde a última vez que o vi. Na época ainda carregava muita mágoa dele, pelas surras na infância e adolescência, por isso nem trocamos muitas palavras. Nossa relação sempre foi complicada.

Aliás, sou filha de Domingas e ela tem três filhos. Todos com nomes bíblicos. Felipe Emanuel é o mais novo, Gessé o primogênito e eu, a única mulher e a do meio, Mírian e não Miriã ou Mira. Como é de costume ser dito por quem é próximo. Ser a única filha mulher teve grande influência em minha criação. Eu sentia ciúmes de meus irmãos por, ao meu ver, eles receberem tratamento diferenciado. Por conta do gênero, fui privada da liberdade desde muito nova. Isso me deixava com raiva. Ainda me deixa, na verdade. Foi esse sentimento que causou diversas intrigas entre nós durante o crescimento. Carreguei no peito muita dor durante um bom tempo, por conta disso tudo. E também, culpa. Quis muito que meus irmãos fossem meus melhores amigos, pois me sentia solitária dentro de casa. Mas não rolava.

Acreditei por um bom tempo que o problema era comigo, por esse motivo busquei a reconciliação. Há alguns meses mandei mensagens a Gessé pedindo perdão. Era mesmo de coração o sentimento. Estava em Mariana



e muito preocupada com ele. No início de 2020, um mês antes do país decretar a pandemia da Covid-19, meu irmão se mudou para São Paulo, buscando continuar os estudos no curso de Engenharia Civil. A faculdade Pitágoras, na qual ele havia iniciado o curso na Bahia, acabou indo à falência e minha mãe, sempre empenhada em garantir que ele conseguisse concluir a graduação, incentivou que se mudasse. Disposta a abrir mão da companhia diária do filho dela, lutou para que ele conseguisse estadia e recurso para viver. Gessé foi morar na casa de tia Duca, na companhia de tio Zé (que o adotou como filho) e de Rayan, nosso primo. Quase três anos depois, por conta da rotina exaustiva e do desânimo, meu irmão resolveu abandonar o curso. Imagine! Não é nada fácil para jovens pretos conseguirem entrar em uma universidade, porém, é ainda mais difícil conseguir permanecer, porque não é um espaço construído para corpos como os nossos.

A faculdade tem suas exigências e pouca gente fala sobre isso: demanda ter uma boa escolarização, tempo disponível e dinheiro. Coisas que quem faz parte da elite tem maior acesso. As pessoas que não atendem a essas condições precisam trabalhar para sobreviver e ralar o dobro para lutar pelo sonho de conseguir concluir uma graduação e obter um nível superior. Sei disso por experiência própria e pela trajetória de mainha, tia Duca, tia Bel e tantas outras pessoas de nossa família. Digo isso sem levar em consideração que existem atravessamentos em outras áreas da nossa vida e que também exigem nossa atenção. Com tantas faltas, não ter tempo para estudar pode ser visto como algo normal. E por isso, muitos de nós nem optamos por encarar os estudos. O mesmo serve para o desinteresse em ter um bom desempenho na vida. Quando me refiro a ausência, não quero dizer sobre o não comparecimento à aula, mas sim sobre o fardo que já vem atrelado ao nosso nascimento. Para quem tem cor e tem pobreza no sobrenome e ainda consegue resistir ao sistema, ter pouco é ser abençoado.

Os conflitos que enfrentamos durante o nosso crescimento foram muitos e encontrar o culpado é difícil. Na história de convivência entre Gessé e eu, muitas foram as brigas por conta de comida. Enxergávamos um ao outro como inimigo, quando na verdade o sistema é o responsável por tudo isso. Sabe o poder público? É ele que escolhe negligenciar as nossas

terras, os corpos, a cultura, a vida. Mas como vamos compreender isso na pouca idade, se a educação ainda é um privilégio? A rotina que Gessé estava levando era muito exaustiva e ele tinha contas para pagar: uma dívida imposta à nossa gente. Trabalhar o dia inteiro e ainda ir às aulas à noite, retornar para casa e nem conseguir dormir. Sair do automático é difícil, tá! Tem gente que acostuma. Viver preso dentro de um *loop*, diariamente acordando antes do primeiro galo cantar e enfrentar a condução lotada desde cedo. Sério, não é nada bom para o corpo e para a mente. Não faça, você pode se machucar!

Mas qual é a escolha que temos, né? Vocês acreditam mesmo em livre-arbítrio? Foi por isso que resolvi perdoar meu irmão e deixar as coisas no passado. O fardo que carregava já era grande por si só. Por que continuava insistindo em aumentar o tamanho? Precisei liberar alguns pesos. A consciência racial e de classe me ajudaram nisso. Tem umas coisas que boto na cabeça, que só depois fazem sentido. Tipo a minha busca por descobrir como ficar viva e deixar de ser sobrevivente. A essa altura esse havia se tornado o meu propósito maior. Não só por mim, mas pelos meus que ainda virão.

Não vou mentir, para um corpo que havia trabalhado duro durante a semana e emendado uma viagem de quase quinze horas, tudo que eu precisava era de um bom cochilo. Quando cheguei na casa de tia Duca, Gessé estava se arrumando para ir até Mogi das Cruzes de bicicleta. Algo comum em seus domingos. Eu disse que iria também. Não queria perder nenhum momento que fosse. Com o cansaço, poderia lidar depois. Também não sabia quando teria de novo essa oportunidade de ficar sozinha com ele. Então, tomei café rapidamente e coloquei uma roupa mais confortável. Peguei a bicicleta de Rayan, que estava estudando no quarto, e fui. Fazia muito tempo que não pedalava. Até achei que não sabia mais. Demorei um tempo para reacostumar.

Desconhecia o trajeto e nem tinha dimensão da distância. Lutei para concentrar minha atenção em coisas distintas: contemplar a beleza dos lugares onde estávamos percorrendo, memorizar ao máximo informações do trajeto, pedalar em uma avenida com atenção necessária para não cair ou não ser atropelada e ouvir o que meu irmão tinha a dizer. Havia tempo que via meu irmão falar tanto e tão profundamente. Parecia que era muita



coisa acumulada dentro dele. Pressenti que o caminho era pequeno para o tanto que precisava ser dito em voz alta. Até estranhei, já que dos três filhos ele é o mais tímido. Acredito que o momento e a saudade foram o que o deixou confortável.

Antes de chegar para reencontrar minha família, tentei imaginar as condições em que se encontravam. O mundo inteiro ainda estava sofrendo para se adaptar à vida pós-pandemia e às consequências do coronavírus. Economicamente, todo mundo se encontrava quebrado e isso também afetava as relações, o que interferia diretamente no psicológico e, consequentemente, na saúde mental e física. Gessé me confirmou por outra perspectiva sobre o real cenário, as condições em que nossa família se encontrava. A dificuldade para sobreviver era coletiva e estávamos distantes de nós mesmos e da nossa comunidade. Já não buscávamos mais nem a companhia do outro e internamente, não sabíamos quem éramos e como tínhamos chegado até ali. Algo que é contraditório ao contexto mundial, já que o momento era de adaptação mediante a uma situação que nos forçou a conviver mais próximos, isolados dentro de casa. Por consequência, o esperado era que nossas relações se estreitassem, mas não foi isso que aconteceu.

Um mês antes da minha viagem para São Paulo soube que Gessé havia pedido demissão do emprego. Inicialmente, ele queria se mudar para o interior e tentar construir a vida por lá, na companhia de minha família paterna. Meu pai foi totalmente contra a decisão. Minha mãe havia lutado em busca de oportunidades para que ele não precisasse trabalhar pesado para conseguir sobreviver, mas meu irmão estava disposto a encarar isso, se significasse que ia ter a chance de construir sua vida e tomar as próprias decisões. Só que por lá as condições também não estavam boas e a busca para encontrar algum emprego tinha diversos empecilhos. Foi o que fez desistir da ideia.

Após pedalar por mais de dezesseis quilômetros, somados ida e volta, cheguei novamente a casa de tia Duca. O suor que escorria pelo meu rosto dava notícias sobre o passeio. Acostumada com a temperatura insuportável de Mariana e alertada que estaria fazendo frio na região paulista, não me preparei adequadamente para o sol e calor que estavam fazendo. Tinha como a exaustão ficar pior? Mal conseguia me locomover. Minhas

pernas estavam doloridas e agora carregava um novo machucado no pé, causado pelo pedal da bicicleta. Apesar das dores, sentia o crescimento da esperança que pulsava dentro de mim, impulsionado pela conversa com meu irmão. O Trabalho de Conclusão de Curso, que foi o que incentivou a planejar e realizar uma viagem interestadual, entre Minas Gerais e São Paulo, era parte de um plano muito grande. Ter a confirmação para o que almejava encontrar, que parecia ser uma ideia um tanto impossível, as ferramentas para conseguir continuar existindo no futuro, foi muito importante. Ali percebi que não era a única que precisava se envolver com o trajeto.

Com um sorriso enorme recepcionei tio Edson, que havia chegado para me ver. Ele foi a primeira pessoa para quem contei que ia visitá-los. Recebi seu apoio desde quando anunciei sobre a escrita do projeto. Logo quando as ideias ainda não eram muito claras. Contatei meu tio anteriormente, partindo do desejo de fazer a apuração inicial sobre as histórias que poderiam entrar no livro. Dei um abraço apertado. Quanta saudade sentia de sua companhia. Ele nem se importou quando comentei que estava pingando suor por causa do passeio de bicicleta e, mesmo assim, retribuiu alegremente. Trocamos algumas palavras e, enquanto os homens da casa iam preparando o almoço, resolvi pegar minha roupa para tomar banho. Depois de alimentar, tínhamos tempo para conversar tranquilamente. Aliás, tinha tanta novidade pra contar.

O banho foi revigorante. Nada melhor do que me sentir refrescada, ainda mais sabendo que daqui a pouco, um delicioso almoço estaria à minha espera. Ao sair no quintal, vi Gessé e tio Edson tentando acender a churrasqueira com um secador de cabelo. Achei a ideia curiosa — nunca tinha pensado nessa possibilidade. Sentei em uma cadeira ao lado da mesa e fiquei observando a cena. Tava com fome. Sempre me intrigou como os homens da minha família materna foram criados para lidar com todo tipo de trabalho, inclusive as tarefas domésticas. Isso contraria, de maneira sutil, as normas patriarcais. Mas esse não é um assunto que discutíamos abertamente. O machismo infelizmente é algo muito presente. Enquanto eles se dedicavam ao preparo do almoço, tio Zé varria a casa. Eu refletia sobre a situação.



Tem uma característica de Tio Edson que gosto bastante, sua habilidade para contar histórias e facilidade de relembrar as memórias:

— Roubaram uma espingarda do pai — começa. Ele tinha ganhado essa espingarda do Du, meu irmão. Era uma espingardinha bonitinha, pequena. daquelas que tinham cartucheiras. Cartucheira não, soca soca. Você colocava a pólvora e tal. O pai ficou triste porque tinham roubado. Ele foi lá no seu Rufino, que era o curador, e contou a história. Aí seu Rufino falou:

— Ah não! Pode ficar tranquilo! Como que você quer receber? Como quer que ela volte para você? Quer que eu faça a pessoa vir trazer e te pedir perdão? Quer que a pessoa pague por aquilo que fez?

O pai respondeu:

— Não. Só quero ela de volta, porque é uma relíquia. Algo que eu ganhei do meu filho. Então é mais por isso.

Seu Rufino:

— Pode ficar tranquilo que ela vai aparecer.

— Foi desse jeito. Beleza! Não deu nem nove dias. Um belo dia o pai chegou da roça, abriu a porta e a espingarda estava atrás dela. Só que a parte que a gente chama do cano da espingarda estava estourado, porque ela já estava carregada há muito tempo e a pessoa que levou quis usar. Como a munição já estava há muito tempo lá, acabou explodindo o cano. Mas até aí tudo bem, o pai trocou e continuou com ela. Depois, com o tempo, ele acabou descobrindo quem foi que roubou. E eu sei quem foi que roubou. A pessoa é conhecida.

— É vivo ainda? — pergunto.

— É vivo, era amigo — responde — o apelido dele era Charuto.

— Quem foi o filho que deu a espingarda de presente para vô?

— O primeiro filho do pai — diz.

— Claudemiro?

— É, o Du. Ele já morava aqui, aí levou para ele de presente a espingarda. Eu usei bastante ela, entendeu?

— Mas esse filho era muito próximo de vocês e dos outros? — A curiosidade surgiu por pouco eu ter ouvido falar sobre ele.

— Não, quando eu nasci não tive contato, tanto é que eu não cheguei a conhecer pessoalmente.

— O senhor não chegou a conhecer o Du? — Gessé, que estava próximo cuidando da churrasqueira, também busca informação...

— Não cheguei a conhecer, mas dizem que ele era assim... o jeito dele era parecido comigo.

— É que mãe também não conheceu. Ela falou comigo assim muito por cima sobre ele — recordo do filho que vô teve fora do casamento e confundo ambos.

— Sim.

— Ele era mais velho que Teonílio? — Gessé questiona.

— Sim, ele é o mais velho e Vitorino é o mais novo. Teonílio é o filho do meio. O Du ficou morando pouco tempo na Bahia. Porque assim ó: o que acontece? Na época, o pai queria que o Du estudasse. O pai tinha um potro, um cavalinho. E deu para uma pessoa que morava bem distante de lá da nossa casa. Ele dizia que era o pagamento para ensinar o Du, entendeu? Para que ele aprendesse. Porque naquela época não tinha escola. Você pagava para alguém te ensinar. Isso comigo mesmo já aconteceu: de pessoas me pagarem. Já dei aula pro irmão do Zé aqui... Ele tinha me pagado pra dar aula. O pai também fez isso, deu um cavalo para essa pessoa ensinar o Du. Ele aprendeu e veio aqui para São Paulo. Começou a trabalhar aqui e ia lá na Bahia visitar a família.



QUEM NÃO
TEM CÃO,
CAÇA COM
GATO





03



ONTEM FOI UM DIA INTENSO. PASSEI HORAS ENTREVISTANDO O

tio Edson, revirando memórias de vô Antônio e relembando a grandiosidade que ele foi. Mesmo exausta, fui dormir tarde — tinha tanto para processar. O cansaço batia, pedindo para eu fugir da extremidade, mas como não ignorar? Fazia mais de um ano que não nos víamos, e um turbilhão de coisas aconteceu nesse meio-tempo. Queria matar toda a saudade que senti esse tempo todo logo de uma vez. Porém precisava estar inteira no dia seguinte. Então, respirei fundo e resolvi buscar descansar.

Hoje o destino era Mauá, na casa da tia Bel. Na noite anterior, nada estava certo sobre como chegar lá, mas, ao acordar, já havia uma mensagem dela: “Estou de folga hoje. Vou fazer um almoço especial!” Meu coração disparou. Essa é a minha tia favorita. Não escondo de ninguém. Tia Bel tem um dom: sabe dar o conselho certo na hora certa. Além das histórias, era a comida da família que mais ansiava — aqueles sabores com raízes baianas que me fazem sentir em casa. Saudade pura. Pude experimentar um pouquinho de tempero ontem, na comida preparada por Gessé. Mas as mãos de tia Bel carregam algo especial: o cuidado. No impulso, chamei meu irmão para me acompanhar durante o dia. Ele conhece bem o caminho, mas, como sempre, durou pouco a esperança de convencê-lo a sair. Não compreendo essa parte, morando em uma cidade enorme e com tantas possibilidades de lugares para ir, Gessé prefere se refugiar em casa. Por sorte, tio Zé topou ir comigo e, no fim, chegamos sem grandes dificuldades.

Quando abracei a tia Bel, senti o peso da saudade que nem sabia que carregava. Tanta coisa mudou desde a última vez. Eu mudei — minhas ideias, o jeito de observar o mundo, os sonhos, aparência. Mas ela estava igual: radiante, com aquele sorriso que dizem ter herdado do vô Antônio, cheio de vida. Sempre transmitindo alegria. Minha tia escolheu não ter filhos, logo no

início do casamento. Decidiu que ia construir a sua vida, lutar por um lugar para morar e correr atrás dos seus sonhos. Um deles era conseguir fazer um curso superior. Demorou bastante tempo, mas conseguiu. Preciso abdicar de muita coisa e trabalhar em dobro, mas garantiu o seu diploma. Tenho tanto orgulho dela e de sua história. Tia Bel é o tipo de pessoa que aguenta o mundo nas costas e mesmo assim não abandona o sorriso. Tem as características de uma mãe preta: o coração do tamanho do mundo e é mestre na arte de cuidar. Ela estava na cozinha preparando o almoço. Nesse tempo, o gás acabou. Ocupamos o tempo esperando a entrega de um novo botijão com risos e conversas. Minha tia lembrou sobre vô Antônio, mas fomos interrompidas. Pela chegada do gás e posteriormente pelo cheiro irresistível da comida que tomou conta. E o almoço virou prioridade.

A mesa estava posta quando o tio Edson apareceu — sem aviso, como quem prevê a hora certa de aparecer. Por mais que eu tentasse planejar, os melhores encontros fogem do controle. Foi assim: deixei que conduzissem os assuntos, meu papel seria ouvir atentamente a cada história. Falaram da adolescência, das lutas para se estabelecer em São Paulo, das dores da vida. Tio Edson compartilhou a tristeza que o acompanhava nos últimos anos, e a dificuldade para lidar com a depressão; Tia Bel falou sobre sua paixão por cuidar de idosos. A família veio à tona, é claro. E, naturalmente, o papo chegou até a minha geração — os netos. No fim, ter a presença de alguém com experiência de vida para oferecer colo e conselhos fazia falta. Não só pra gente. Estávamos todos envolvidos em contextos marcados pela ansiedade. Eu refleti em como, mesmo com as mudanças, algumas coisas ainda se faziam presente ali: o amor, a comida quente no prato e a risada da tia Bel ecoando pela casa.

— O pai falou que teve uma vez ele que passou num lugar, não lembro o nome... Você lembra que ele falava daquela tabuada dos Noves fora, Bel? Era em estilo de música, como se fosse cantando e ele aprendeu só. É difícil, entendeu? — Tio Edson rouba a cena.

— É. Os Noves fora é difícil. Agora pergunta a esse pessoal mais novo o que é os Noves fora ninguém sabe responder.

— Eu mesma nunca tinha ouvido falar — comento.



— Não? É porque a tabuada inteira do um ao nove, de todos que você tem que fazer, precisa tirar o nove — tio Edson explica mas continuo sem entender.

Tia Bel tenta a sorte:

— Por exemplo, dezoito Noves fora é quanto?

— É zero, porque 18 é a soma de nove e nove, né? Tudo que tiver nove, zera. É igual a prova real — tio Edson completa.

— É a prova dos nove!

— Você já sabe como é, né? — Tio Edson pergunta para saber se entendi.

— A prova dos nove? — busco enrolar...

— Faz uma conta, de mais ou menos. Se é de mais, você coloca embaixo. Em cima o resultado tem que estar igual. Tipo assim, se deu três em cima, embaixo tem que dar três também. Isso é a prova real.

— A prova real eu sei — me recordo de ter estudado isso no Ensino Fundamental.

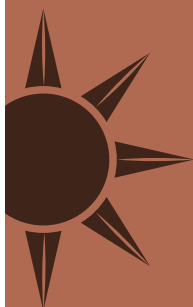
— É, só que aí a gente faz a prova dos nove. Eu acho mais fácil. Mas hoje em dia com a calculadora acaba que nem precisa mais. Naquela época, você fazia uma conta enorme e precisava se virar como pode...

— O mesmo número que está embaixo tem que estar em cima — relembra tia Bel.

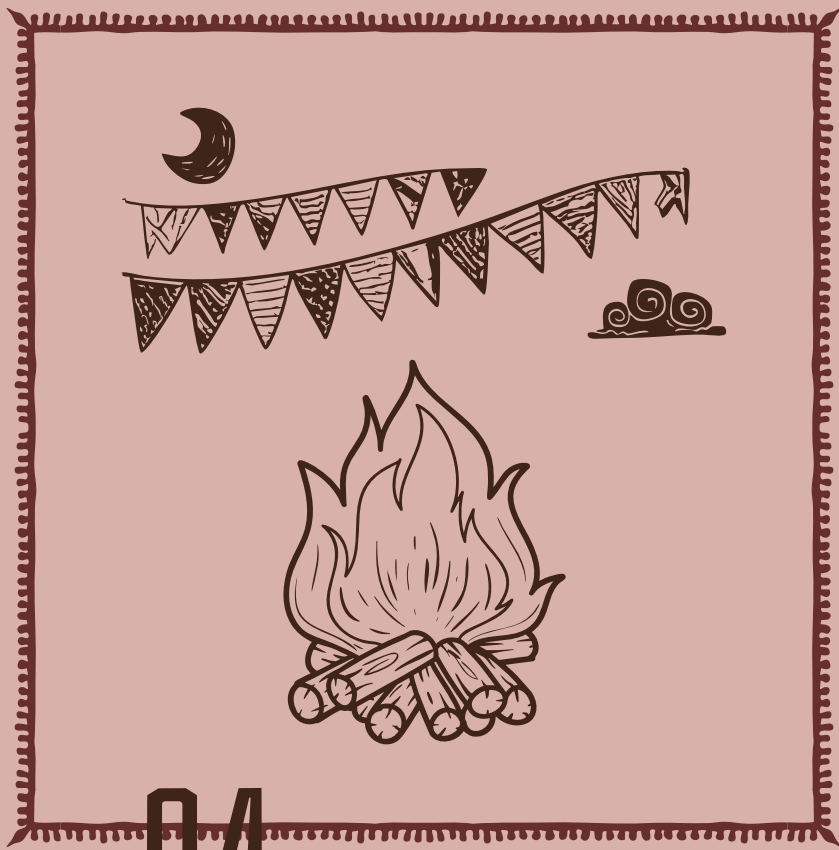
— Exatamente. Tanto pode ser de dividir, quanto de multiplicar, somar ou diminuir. Que dá o resultado. Só muda a forma, mas o resultado é correto. Muito mais fácil fazer prova real.

— E hoje em dia na medicação você tem que fazer contando as gotinhas. Saber sobre gotejamento. É tão diferente, é tão complicado. Mas hoje você consegue achar até na internet. — Tia Bel aborda sua área de trabalho.

— Tem aplicativo pra tudo — tio Edson está quase certo.



NÃO ADIANTA
CHORAR
PELO LEITE
DERRAMADO



04



O QUE VOCÊ FARIA SE PUDESSE VOLTAR NO TEMPO? QUAL

memória escolheria reviver? No ritmo da rotina cansativa, os bons momentos que a gente já viveu passa despercebido muito fácil, né? Caímos facilmente na cilada de acreditar que a vida é trabalho, casa e contas para pagar. Daí, por isso, tanta saudade da infância, das pessoas que anteriormente nos ofereceram colo e dos momentos em que o mundo não parecia um grande inimigo. Me lembro daquela época em que a nossa maior preocupação era esconder a roupa molhada das poças de água da chuva ou do Rio das Piabinhas. Tinha também os momentos em que preferia ficar na rua com sede, porque se entrasse em casa beber água mainha trancaria o portão e a graça se perderia. Sabe em quê acredito? Muito da saudade desse tempo passado é pelo prazer genuíno que sentimos em cada memória. No período de infância era natural os momentos de felicidade por estar viva e a busca pelo que faltava não era o centro das atenções. Hoje estamos querendo mais, ir além, conquistar e melhorar. Fico me perguntando se será mesmo que é o tempo que não volta ou a gente que não banha duas vezes em um mesmo rio?

— Ele dava tanto conselho para a Bel. Ela foi a primeira a sair para morar lá na Neusa e era o orgulho dele. Coitada, sofria pra caramba na Neusa. Só que para nós ela não demonstrava. Quando a gente ia lá, às vezes, ninguém percebia que podia estar sofrendo horrores. Era também para o pai não ficar triste — Tio Edson é quem conta.

— Era sim para o pai não ficar triste. E quando ele morreu, antes né... falou para cuidarem de mim. Parecia que eu ia dar trabalho. Pediu ao Vitorino para cuidar de mim. Fico pensando, será mesmo que o pai pensou que eu ia dar trabalho? Acho que não dei trabalho não, não sei — conta tia Bel, como se carregasse um sentimento de culpa no peito.

— Lembra Bel que quando você foi para Bom Jesus da Lapa, ele fez a marca no Juazeiro lá de casa? E ficou por muitos anos ali. Foi em 1984 ou foi 1983?

— Foi em oitenta e dois. Quando Láira nasceu — responde.

— Isso, ele fez a marca lá no Juazeiro, da data, para sempre se lembrar.

— Pai era assim mesmo, gostava de deixar marcado.

— Ele era muito sentimental? Por exemplo, a ponto de registrar essas coisas que considerava muito importantes? — interrompo as memórias de ambos.

— Era. O pai era muito importante. Ele queria viver na sociedade e mostrar para os outros que estava bem — fico na dúvida se tia Bel compreendeu a pergunta.

— Tipo assim, se tinha uma pessoa importante, que nem estava falando para Mirian ontem, ele fazia questão de cumprimentar a pessoa — tio Edson tem admiração por vô e pela relevância em sua comunidade.

— E o pessoal gostava dele, a Helena mesmo, minha irmã. Você vai ouvir ela falar sobre o casamento dela com o Pedro, quem deu conselho foi ele — tio Zé concorda.

— É verdade. Eu estava lembrando ontem da época de seu Firmino. Antes... quando ele era católico, bem católico e Dona Supriana também. Você lembra Zé? As rezas todas eram lá e tinha o samba de roda — tio Edson mergulha fundo no passado.

— Tinha samba e eu achava bonito. Era tão bom.

— Muito bom, né? Eu não participava porque era criança. Mirian, mais era muito lindo. Aí chegava aquelas senhoras, com uns vestido cá embaixo, rodava e formavam uma roda. Quem tocava o tambor Zé?

— Era o Rufino, seu Júlio. Esse tinha um reco reco.

— No tambor era seu Rufino. Você se lembra que falei que ele era curandeiro? Você lembra Bel das rodas de samba? — Ao ouvir, imagino que tio Edson esteja se referindo as giras da Umbanda.

— Eu lembro.



— Tia Fúlora gostava também.

— Mãe gostava — tio Zé confirma.

Tio Edson direciona a pergunta para mim:

— Você já viu como é que as mulheres ficam? — respondo que sim, mas sem certeza — Eu não sambava porque tinha vergonha.

— Eu sambava — tio Zé lembra empolgado.

— Você tinha vergonha, Edson?

— Eu era criança, não tinha como né, Bel? No meio da mulherada toda, eu só pegava as mulheres para dançar forró.

— Era Amélia, Gripina, Lerinha, Eresinha, Dalva... Tudo dançava — tio Zé relembra as mulheres envolvidas.

— Aí você via elas se transformando! Só que tinha que estar com o saião. Bem rodado. Era feito pra rodar.

Tia Bel interrompe:

— Quem gostava muito era a minha sogra.

— Aí tocava na pessoa... mãe também gosta muito de samba... Tocava na pessoa e a pessoa já começava também. Ia lá e fazia seu passinho. É. — tio Edson se recorda emocionado.

Tia Bel recorda:

— As embigadas...

— E as embigadas? Nossa... as mulheres quando chegava assim na roda — diz tio Edson demonstrando o movimento com o corpo e sem conter as risadas — vinha tocando assim...

— Era as embigadas... — repete Tia Bel em meio a risadas.

A lembrança dos tempos que não voltam trouxe energia emotiva para o ambiente, todos falavam empolgados. Porém logo o sentimento muda com a fala de tio Zé:

— Mas acabou tudo.

— Mas era muito divertido. Tinha vários tipos de samba. E todo mundo entrava na roda, contagiava, não tinha jeito. E os... como é que fala? Os leilões? Mirian, no samba eles leiloavam, né Zé?! galinha, o que tivesse...

— Era bingo — minha tia se lembra de outra forma.

— Vinho, cachaça... arrematava caro, todo mundo queria. Só para contribuir.

— Eu lembro que tinha carne de bode... — tia complementa.

— Brevidade, né Zé?! Faziam os bolos. Era muita tradição. Naquela época, tinha muito samba, muita reza nas casas e ninguém perdia uma. Na casa de Dona Alzira tinha bastante. Seu Firmino era praticamente o embaixador. A pessoa que você vai conversar, a dona Supriana, que é a esposa do seu Firmino. O que faleceu. Sua casa era aonde tinha. Depois foi que ela passou a ser evangélica... — afirma tio Edson.

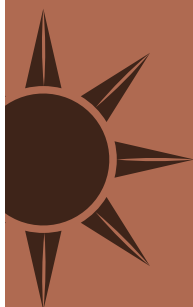
Foi no carro dele que voltamos pra casa de tia Duca. Conversamos bastante no caminho. Eu, toda empolgada, fui contando sobre as expectativas com o trabalho e o quanto estava me identificando com as histórias. E aí tudo começou a fazer mais sentido: meus gostos musicais, os filmes que gosto, o interesse por política, por memória... eram coisas da minha família também. Um monte de afinidades, especialmente com tio Edson. A gente compartilha o gosto pelo audiovisual. Posso dizer que essa foi uma das grandes descobertas da viagem.

Ele me contou sobre um dos seus bens mais preciosos: as fitas de videocassete que guarda há mais de vinte anos. Registros da Bahia, do tempo em que ainda era jovem e andava por aí com uma câmera que comprou com muito esforço. Quando ele falou isso, não consegui conter a emoção. Descobrir que eu não era a primeira — e nem a única — da família a ter esse desejo de contar histórias e registrar momentos com esse aparelho quase mágico... tocou fundo. A sensação que tenho é que tudo está se encaixando melhor do que imaginei. Como se já tivesse um caminho desenhado pra mim faz tempo, e agora as coincidências estão só confirmando isso.

Depois que chegamos de volta a casa de tia Duca, peguei uma muda de roupa, meu notebook e fui com meu irmão Gessé para a casa de tio Edson.



Queria ver de perto tudo o que ele tinha pra compartilhar. Já dentro das quatro paredes do que seria o arquivo pessoal de meu tio, foi confirmado mais uma vez que nós tínhamos uma história grande. Eu só precisava descobrir. Desbravar a quantidade de material e objetos-memórias à minha frente. Porém, logo mais retorno a falar sobre isso. Agora vou dormir, porque o dia de amanhã vai ser longo. Tô animada para reencontrar tio Vitorino e a esposa dele, Edilene. Combinamos de almoçar por lá.



EM TERRA
DE CEGO,
QUEM TEM UM
OLHO É REI



05



ELE AQUI NA TERRA VIVEU, VIVEU, VIVEU E MORREU ENSINANDO

a guardar. Que Deus o abençoe! Tem pastor mentiroso por aí adoidado, mas esse homem não era pastor. Era um grande professor, profeta que ensinava, ensinava e morreu ensinando a verdade para os netos e os filhos. Dias antes dele partir, com tantas outras, outras e outras coisas que ele devia ter selado, ele deixou um relato muito importante. Não tem governador nenhum, nem presidente, que tem uma história tão linda igual desse homem aí, por isso que eu falo para as pessoas: pode meter o pau em mim. Pode meter o pau, mas rastreia minha vida que vai ver de onde é que eu vim e quem é que tá aqui hoje falando, Vitorino. Eu tô no lugar do mais velho da família e falando para vocês tudo:

— Guarda as coisas boas que aprende, que os mais velhos ensina. Guarda! Tapa o caralho quietinho e age como se não tivesse ouvindo nada... mas de verdade, guarda também dentro de vocês. Por que amanhã vai ter um resultado bom na vida. É o que se passa até dentro da história de Martim Pescador, do carro de boi que andei montado e de cima do saco de farinha.

Vou colocar um pouquinho do lajedo na história. Me foi pedido para lembrar como é que é era o lajedo. Pois quer saber sobre o lajedo? Eu vou explicar também. Mas essas coisas, filho, é tão importante que você até grava e fala assim:

— Ó, eu tenho gravado aqui no áudio a prova viva do que é a verdade. Está aqui a prova viva de quem era meu vô, quem era minha vó, quem era minha mãe, quem era meu pai e tudo o que falou tá gravado. Não tem juiz, não tem ninguém que tira a verdade de ninguém, sua verdade é a verdade. Daqui a pouquinho falo um pouco mais, vou parar por aqui...

Voltando ao lajedo. Naquela fazenda lá de Barro Vermelho, tinha um monte de pedra. Aquilo é o que se chama de Lajedo. Aquelas pedras que ficam muito tempo na terra, conforme a terra vai mudando de lugar. A pedra não muda, porque ela é uma pedra rústica, ela vai aumentando o espaço dela. E dá a impressão que tá crescendo. A fazenda do meu pai era grande, tinha duzentos e dez hectares que foi dividido em duas vezes, vendeu a primeira parte e depois vendeu a outra. A primeira parte vendeu barato e a outra deu de graça. Dizendo que nós tava perdendo, perdendo, perdendo. Conversamos bastante, os dois irmãos que tinha essa responsabilidade, que eu acho que ainda tem. Não é muito visto, mas ainda tem. Eram os dois: o caçulinha que é o Edson, desde menino que foi um grande homem e o outro, Vitorino, que sou eu. Sentamos conversando, eu e sua mãe. Ela concordou com a ideia, porque ia perder. Eu disse:

— Nós estamos perdendo tudo, só tem agora os mato que ainda tá lá, mas nem madeira de lei tem, vamos procurar vender. Porque você não vai vir para cá, eu também não vou.

E não ia mesmo. Aí nós resolvemos sentar e ver quanto que valia. Nós achamos que na época valia vinte e cinco mil. E era dinheiro hein, vinte e cinco mil. Que nada, não conseguimos achar comprador, no fim foi por quinze mil. Assim mesmo, o cara pagou raspando tudo quanto que era lugar. Me parece que era o Zezinho lá da moita, que eu esqueci o nome dele agora. Era o Zezinho. Aquela fazenda enorme foi vendida por nada, mas não é porque ele não tinha como pagar, era porque não tinha como não valer nada naquele tempo. Era tudo, tudo nada. Ou você perdia tudo ou tinha tudo, quando você tinha tudo, você tinha nada.

Essa fazenda tinha muitos lajedos dentro. Ali beirando a estrada tinha sete lajedos, as pedras. E pra baixo era o Riacho. Onde meu pai fez o poço. Tinha a represa também. Embaixo na represa era onde que a água passava e o poço ficava do lado. Antes de chegar na Cabeça Dantas, que era o lugar que se alugava o espaço para plantar arroz. Porque lá tinha o lugar que juntava água e ficava muito tempo sem secar, então a terra era apropriada pra isso.

Não sei como é que o meu pai ouviu falar, não sei dizer quem ensinou isso para ele, só sei dizer que o homem aprendeu e fez. Ele chegava em cima



daqueles lajedo, onde a pedra era bigudo para cima, juntava um monte de madeira e tacava fogo. A madeira começava a queimar, queimar, queimar, e a pedra com fogo ela não combina muito bem. Aí ela esquentava. Meu pai descia lá embaixo na represa e trazia as vasilhas de água. Depois jogava em cima da fogueira. Quando ele jogava, a água ia de encontro até aquelas pedras, e então começava a explodir.

Ocorria a explosão que fazia as pedras quebrarem. Quando quebrava, deixava lá até o outro dia. Aí esfriava e ele ia lá, acabar de quebrar o lugar que tinha estralado. Jogava tudo para fora. De novo, colocava madeira e tacava fogo. Aí quando tava queimando mesmo, toda aquela madeira e aquelas pedras estavam em estado muito quente... Ele chegava assim de canto, jogava a vasilha de água e baixava escondido. Igual uma toca. Porque se voasse lasca pegava nele. Jogava de longe, porque assim a água evaporava na hora e explodia. Ele jogava a água e depois só via a água penetrar no calor do fogo e chegar no lajedo. No lajedo pegava e explodia: pá, pá, pá — esse é o som feito por tio Vitorino ao narrar a história. Ele continua...

— Quero dizer que no tempo que tava seco era mais fácil dele fazer o trabalho, porque se deixasse a lenha lá, ela não molhava. Era só pegar e jogar fogo e água. Depois explodia e ia formando. Aí juntava o pessoal e limpava o lugar. Assim foi formando os caldeirões de água, que eram os poços em cima das pedras. Antes não tinha buraco, não tinha nada no lugar, mas meu pai com a inteligência dele, tinha sete lajedos. Fez sete poços em cima das pedras. O que acontece com esse trabalho dele? Assim, mal ameaçava chover e acontecia da chuva encher o lajedo. A água penetrava e não saía, diferente da terra, que a água bate e vai embora. Então ele tinha água, ó — tio Vitorino comunica o barulho com o estalo dos dedos no sentido de um bom período de tempo — Quando acontecia as primeiras chuvas, ninguém tinha água armazenada ainda, e nossos poços tava tudo cheio. Todo mundo ia pegar água no Lajedo, por causa daquelas cacimbas que eram também poços de caldeirão, feito em cima das pedras com muito suor, muito trabalho. Era arriscado até de pegar uma doença. Por causa da caloria do fogo e da água gelada, que chegava pra jogar. Ou até mesmo se acidentar, tá?!

Meu pai fez ali em cima, descendo por ali dentro da casa da frente. Daquela casa abandonada para baixo é onde fica o lajedo. Ali tem sete poços

em cima das pedras furadas à base de água e fogo. Água e fogo. Água e fogo. Água e fogo. Se você não tem experiência, não faça, pois pode se machucar.

— Aqui, ó — tio Vitorino demonstra no chão — Pega aqui um monte de lenha aqui e bota fogo, só por causa do aquecimento. Do cimento em forma de pedra. Aqui nessa parte, pega um monte de coisa, bota fogo e deixa queimando mesmo — continua narrando enquanto traça o desenho — depois, quando você quiser apagar o fogo e tiver que jogar água, cuidado. Porque vai fazer isso e vai explodir. Isso aqui vai abrir o buraco e os pedaços daqui, vai voar e o que tiver por perto vai atingir tal. Então explode. A gente fala que é explosivo a pedra muito quente com água. É chamado de Lajedo a pedra grande que tem nas terras, nos lugares do interior. Isso que se fazia era explodir as pedreiras ali. Por causa de quê, o pessoal via uma montanha, e por baixo da montanha era pedra. E as terras, as areias, estão por cima na parte que tem árvore e tem tudo, a vida. Não costuma saber que ali é pedra, mas quem estudou ou é estudante da ecologia sabe o que significa. Onde tem pedra e onde tem terra. Então ele vai lá e limpa todas aquelas terras e depois começa a tirar o olho dali. Dar vista ao que se chama pedra. Elas são feitas por aí. Coloca as bombas de pólvora dentro, que é o estopim, taca fogo na madeira e aí, torna a ouvir o pow. Sai aqueles pedrão grandão lá. E aí para fazer as pedrinhas menores, pra modo nós poder construir prédio, o que faz? Nesse caso tem as pedreiras que é onde os cara vai lá e quebra, quebra e quebra. Uma pedra bruta, quebrada aos pouquinhos até ficar no ponto de ir para a máquina, na esteira onde que moi para formar as pedrinhas. Que depois nós usamos aqui em São Paulo para fazer calçada. Lá onde meu pai morava tinha de monte. No lugar que ele nasceu, se nós soubéssemos o valor estávamos podre de rico, porque nós tínhamos pedras preciosas.

Quando tio Vitorino se põe a narrar trato de ouvir atentamente. Sua experiência de vida traz muita sabedoria, muito aprendizado.

— O que é registrar? É pra modo não apagar da memória... Como é que vocês chamam aquela igreja católica lá em Lagunas? — pergunta tio Vitorino.

— Eu não sei o nome não — Gessé responde.



— A capela? — fico na dúvida sobre o quê ele está se referindo.

— Eu sei — era um teste, queria ver se a gente sabia também — Para valorizar o nome de Antônio Pereira dos Santos, pois colocaram o nome de Santo Antônio. Eu falei lá assim: Está vendo Januário? Valeu a ideia de vocês, mas você também não pode ficar esquecido. Porque na verdade aquelas terras eram mais de Januário. Todas aquelas terras que tem hoje na cidade de Lagunas. Então, meu pai e Januário desenharam, não sei se tem alguma coisa que os parentes de Januário lembram e podem confirmar, mas sei que ele fez a parte daquela cidade principal. Foi meu pai, Antônio Pereira dos Santos e Januário, que fez com que fundasse aquela cidade. Parece que não tem nada a ver, mas tem tudo a ver. Eu não sei como é que está lá hoje, mas acredito que é uma cidade registrada no mapa. Se você entrar agora, pra procurar, deve ter.

— Hoje já é registrado como povoado, no caso uma comunidade, um distrito — digo.

— Distrito de Riacho de Santana. Olha só, tá vendo? Como vocês contaram agora e eu afirmando que vi como nasceu tudo aquilo lá. E das pessoas mais antigas que podem contar essa história aqui, se souber e quiser contar, é alguma pessoa da família de Januário. Mas acho que eles não levaram muito a sério. Deve ter gente morando lá. Daí, continuando a história... depois foi que veio a igreja que comecei a pregar. A igreja de lá de Laguna. Começou debaixo do pé de Juazeiro. O nome era Batista Renovada. Você já viu falar isso, não já?

— Mãe falava dos cultos — confirmo.

— Era, começou debaixo do pé de juazeiro. Eu lembro que estava lá na feirinha ali, já tinha a cobertura que formava aquele mercadinho que hoje não sei como é que tá, e a Minga, sua mãe, tinha um carrinho que eu fiz. Um carrinho que levei para ela vender as mercadorias dela. Não sei se vocês chegaram a lembrar disso. Depois colocava as coisas dentro do carrinho, trazia e montava a barraquinha lá.

— Mainha tinha barraquinha de quê? O que ela vendia? — pergunto curiosa com a nova informação.

— Na barraquinha dela tinha de tudo, tudo que era miudeza, porque eu falei eu não posso dar o dinheiro para você aqui que eu não tenho, mas eu...

— Então ela sempre foi vendedora? — interrompo...

— Ela sempre foi vendedora — diz repetindo com o peito cheio — sempre foi vendedora. A intenção dela era ganhar alguma coisa em cima da sua mão de obra e ela trabalhou muito. Sua mãe, trabalhou, trabalhou, trabalhou, trabalhou, eu conheço essa história... da sua mãe, que você nem imagina. Acho que ninguém nunca contou como é que a sua mãe começou a trabalhar. Começou a trabalhar lá na casa de barro, no meio da mata. Ela ia, ó — Tio Vitorino aponta para os braços — ela ia com duas garrafas de água. Amarrava uma aqui e a outra aqui, ó — demonstra — de um lado e mais outras duas do outro. Pegava uma bacia de roupa que tinha lavado lá no rio, na represa, amarrava aquilo na cabeça e marchava a pé. Com duas garrafas de água e uma trouxa de roupa lavada, para levar para aquela casinha lá no meio da mata. No Barro Vermelho, onde nós morava antes.

— Isso era mais ou menos que ano tio? Quando começou a formar Lagunas? — busco me situar sobre que época estamos nas memórias.

— Eu fui para São Paulo em 1961, ainda não tinha nada. Então foi mais ou menos em 1973, por aí, que começou a formação. Ela ia buscar água na cabeça. Edson você que conheceu muito bem, sabe como era na cacimba lá no Riacho de Baixo. Pegava a roupa, lavava lá no Riacho de Baixo, colocava para secar mais ou menos e amarrava a trouxa, colocava na cabeça com duas garrafas de água aqui e duas garrafas ali. Subia de lá de Riacho de Baixo, lá embaixo. A pé! Para trazer um pouco de água para chegar em casa e colocar naquela forquilha. Tinha, assim, um pote no meio da forquilha de lá daquela casa grande, um pote que ficava pendurado para bicho não entrar dentro. Ela chegava e despejava as garrafas lá — tio Vitorino reproduz o som — enchia o pote e deixava tampado, era a água para o uso da semana. E no meio da semana ela tinha que descer lá embaixo novamente para buscar mais água. Você foi lá — afirma para tio Edson — morou lá e viu com o que era difícil.

— Você chegou a morar naquela casa que era do lado da casa do Tomás?

— Tio Edson participa da conversa.



— Morei. Eu praticamente nasci naquela casa que ficava para o lado de baixo da casa de Tomás, porque do outro lado era o sangrador da tapagem — responde Tio Vitorino.

— E a casa do finado Justino era aquela casa de enchimento que depois virou o depósito dos caixões de farinha, aquela do lado de frente? — questiona.

— Aquela casa ali, aquela casa de frente, que virou a de farinha que na minha opinião era a casa do meu pai. Aí, depois ela virou a casa de farinha.

— Do lado de baixo da Casa Grande?

— Do lado de baixo da Casa Grande. Daqui para lá, olhando agora e vendo no caso é como se fosse para o Curral das Vagens. Lá embaixo. Do lado direito. Do lado esquerdo é o lado que vai a represa. A Casa Grande da Fazenda que é a casa do Tomás. Logo em seguida vem a casa do meu pai.

— E ali do lado de baixo da Casa Grande era só o depósito que ficava os caixões de farinha? Dali do lado da casa do finado Justino tinha uma casa, ali assim, para quem passasse ali sentido a Lapa... — Tio Edson ajuda a construir um cenário sobre o local.

— Ali depois da casa do véi Justino, que tinha uma casa ali, ali já não era... não, ali era ligação da casa. Era realmente a primeira Casa Grande. A primeira casa antes de construir aquela casa que onde era depósito de tudo. A casa do véi Justino fazia emenda. Ali era só a emenda, quem morava ali eram os empregados da Fazenda mesmo. Era só emenda da casa grande que era a Casa da Fazenda, onde recebia todas as coisas e tinha à “venda”.

— Ali na época, então só tinha as quatro casas? a do Bernardinho...

Tio Vitorino completa:

— A casa do Tintino, a casa de Bernardinho, a casa de Bertulino, só. A casa do Tintino, a casa de Bertulino e a Casa Grande, dali para perto não tinha mais nada. Até o Lajedo não tinha casa nenhuma ali.

— A casa de Tintino era onde? — tio Edson questiona novamente.

— Ali para cima. Você vem vindo... logo que saía, antes de chegar na casa de Bertulino, tinha uma casa quase na esquerda da praça. Tinha a casa de Bernadinho e a de Tintino.

— Você falou que, por exemplo, no comércio era armazenado farinha e milho, essas coisas. Mas lá era muito seco e só chovia em uma parte do ano. Então, o que é que o povo fazia no restante do ano? — entro na conversa buscando imaginar todo o cenário que estava sendo narrado e como as pessoas se organizavam na comunidade naquela época.

— Exatamente, por essa razão que o povo fazia era só passar fome mesmo. Não tinha jeito de não passar fome. Não tinha outra coisa. A única coisa que tinha lá, que era garantido que ia ter era a farinha.

— A farinha de mandioca! — respondo empolgada.

Tio Vitorino diz quase cantando as palavras:

— Farinha de mandioca! E leva a sério isso aí, farinha de mandioca.

— Como é que era essa produção? Por exemplo, de cultivo lá? — busco saber.

— Como as fazendas tudo era em volta, uma próxima da outra, as melhores terras já tinham sido destruídas. Era perto. Era mata. Então cada um daqueles moradores faziam uma roça de mandioca. Era o forte para poder fazer farinha. Roça de mandioca. Só plantava a mandioca, né?! Não é dessas mandiocas que estamos cozinhando aqui. Inclusive, nós temos aí para comer hoje. Vaca Atolada. Gosta Edson?

— Humrum. Como sim — responde.

— Tem uma vaca atolada aí, tá feita. Porque eu falei vou fazer uma coisa diferente. Vaca atolada. Fazer uma sopa de mandioca. Então, casa de farinha. Na casa de meu pai tinha a casa de farinha. Meu pai era quem comandava tudo isso aí, porque ele era o homem inteligente daquela turma toda. Era o que ordenava quem vai fazer farinha e quem não faz. Lá tinha essa casa de farinha, ela começou tocada à mão, depois a cavalo. Primeiro era a mão, só que banhava a roda lá, panhava, às vezes, e passava no negócio de moer. As mulheres raspavam mandioca e chegava um monte de cara. Um monte de rapazinho novo assim, que nem esse — se refere ao meu irmão — ficava um de cada lado. Virava aqueles veião lá, a roda virava e moía a mandioca. Depois é que eles entenderam que para render teria que ser força a cavalo. Aí fizeram uma roda grande. Naquela casa que o Edson tava falando que tinha a casa de farinha. Aquela rodona



grande que ponhava os mourão assim e pendurava fazendo os eixos. Aí amarrava o cavalo na coisa e ficava tocando, dando voltas. Porque não podia sair daquele círculo. Aquela roda ia se movimentando e fazia virar em cima. Não era motor porque não era elétrico, mas virava como se fosse um motor. Girava lá no moedor, e você só ia enfiar as mandiocas lá e vamos fazer farinha!

O que acontece? Todo mundo trazia as mandioca para fazer farinha. Como a época de fazer era a mesma, porque tinha que ser naquele mês de seca, senão depois chovia e não dava para fazer. Já tinha que programar com antecedência quantas carradas de mandioca queria fazer. Quanto que a roça sua poderia dar? Tal quantidade... então vamos precisar de uma semana. Na semana que vem é o Edson. Eu ia começar a fazer farinha, tinha que fazer logo porque ele já ia trazer a mandioca dele. Todo dia traziam às carradas e colocavam lá. Todas as mocinhas chegavam lá, sentavam no chão e rapavam, rapavam e levavam para o relador lá na roda. Relar e colocar nas prensas. Aí começava o forno grande assim, pra pôr lenha, para acender aquelas formas. Com tempo, nas lajotas em cima e tacava fogo embaixo para esquentar. Porque era fogo de lenha, mas haja caminhão de lenha para pôr. Aí colocava a lenha e jogava a massa dentro, começava a virar. Virava a massa até secar a água e virar farinha. Não era torrar. Ai virava essa farinha. Você colocava na vasilha lá e ia ensacando... pondo lá o saco cheio, ensacando e pondo lá o saco cheio novamente. Quantos sacos de farinha você fez Edson? Trinta! Quinze é meu. Quinze era do véi Justino. Quinze era dele. Você levava metade da sua farinha, era isso.

— A casa de farinha era dele? — questiono intrigada.

— Você já chegou a ir em Riacho de Baixo? — Tio Edson me direciona uma pergunta em resposta.

— Já!

— A casa de farinha ficava ali entre a casa de Tomás e a Casa Grande. No meio tem um pé de Tamarindo...

— Exatamente! — Tio Vitorino concorda.

— Tinha um pé de Tamarindo, ainda tem alguns resíduos da casa lá — Tio Edson se refere às paredes de adobe, que apesar do tempo ainda estão de pé.

— Exatamente, temos alguns resíduos, o carro de Boi...

— Ficava entre a... se você for na casa de lá de Riacho de Baixo para ter registro, meio que vocês vão ver.

— A casa meio que abandonada...

— Ao lado da Casa Grande, do lado direito, tem a casa de farinha que na época era movida a mão, a roda, e depois do cavalo.

— Ali era a casa de farinha. Tinha uma plantação de mandioca para fazer farinha e todo mundo fazia. Tinha que armazenar também. Porque pra armazenar em casa era difícil. Não tinha lugar para guardar o saco, não tinha posse de fazer um caixão para pôr a farinha. Como guardar a sua farinha? Era feito a farinha e mandava para o véi Justino e ficava tudo armazenado lá. E aí, quando ia fazer lá, de vinte sacos tinha direito a só dez. Podia levar vinte sacos de farinha, mas só saía de lá com dez. Você podia armazenar toda a farinha que construiu, ou seja, construía a farinha lá mesmo e já ficava ali armazenada com véi Justino. Se você vendesse a sua parte, que não queria quando achava que o que tinha dava pra passar o ano todo, podia vender, mas a metade era do véi Justino. Pagava para ele. O cara que comprava a farinha chegava lá e pegava vinte sacos de farinha, ele pagava os vinte sacos, mas quem levava dez era o véi Justino. Era para ele a metade. Ele estava abusando da gente porque não tinha outros recursos.

Só tinha duas duas coisas que faziam a sobrevivência lá: farinha e peixe. O forte lá era ter farinha e água no rio, naquele riacho que começava lá em Riacho de Santana. Na cabeceira ali. Como é que chama mesmo? Santana, né? Começava lá na nascente da Santana e ali jorrava as águas e descia, passando para baixo pela barragem do Giral, e depois na represa de Lagunas. Só que aí enfraqueceu a represa de Riacho de Baixo. Fizeram outra represa na Cabeça do Boi, já chegando no Curral das Vargens. Daí começou a fazer represa para chegar no Rio São Francisco. Nós guardávamos a água pra ela não ir embora direto para o Rio São Francisco. Então o forte era farinha e peixe. A gente só não passava fome por causa deles.



Se pegava o saco de farinha e levava para a sua casa. Não tinha comida de nada, nem um tipo de comida, só farinha. Farinha e água da represa. Água selvagem mesmo. Ia lá na represa, pegava os peixes e trazia. Faziam o pirão de farinha e comia. Peixe com farinha. Pirão de peixe. Olha só, se tivesse algum restinho de alguma coisa... arroz era fantasia. Não se comia lá, era muito difícil para dar arroz. Dava arroz quando o tempo era bom, quando o tempo era ruim nem adiantava, porque não aguentava muito tempo e apodrecia o arroz... O forte era feijão, farinha, e carne. Caça do mato, os bichos que você criava, bode, porco e o peixe — conta tio Vitorino.

— E a época das plantações de algodão? — Pergunto me recordando das histórias já contadas por mainha.

— A época das plantações de algodão era só para alguns. Porque tem muita terra lá que não tem valor para nada. Então, o que acontece? Aquelas terras também não dava nada. A única coisa que servia era plantar algodão. Como algodão é nacional, todo gado consome, quem tinha muita terra mandava plantar. Por exemplo, essa família aqui todinha... Nós trabalhávamos na fazenda do Edson plantando algodão. Eles plantavam o algodão naquelas terras que ninguém dava nada por elas. Mas dava algodão, plantava, jogava as sementes lá e nascia, crescia no meio do mato. Aí chegava na época do algodão dar aqueles capuchos, era hora de colher. Então tratava com as pessoas para ir lá colher. Chegava lá tinha Carrapicho, né? Todas as meninas que não tinha nada que fazer ia lá:

— Quanto que quer? — perguntava.

— É dez reais — diziam

— Quem eram os donos dessas roças? — pergunto curiosa.

— Os mais malandros. Espertão. O véi Justino. Meu pai. Os que tinham qualquer coisa e que podiam lançar a semente, guardavam a semente. Os outros não, não tinha nem como. Só se fosse você comer essa semente, não tinha nada.

Então ele dava a semente:

— Ó, seu Justino — diz meu tio imitando outra voz.

— Oi — responde a si mesmo

— Eu trouxe um saco de semente de algodão. Tá bom?

— Você vai levar o quê? — dizia o cunhado Justino.

— Eu quero uma quarta de café em grão. Eu quero uma lata de querosene. Porque tudo que você pegava era pago com aquilo que você produzia lá: semente de algodão, semente de capim. Tudo que dava no meio da roça, juntava, levava lá e ele passava a mão.

— Não era dinheiro, né?

— Não, não tinha dinheiro não. Dinheiro não dava nada, a vantagem era pegar aquele mercadoria que você tinha. Valia, mas quem é que dá? Ninguém. Não valia nada. Ou você dava aquilo ou ficava sem nada. Entendeu? Ele ia lá pro meio da mata, sozinho a pé, morrendo de medo de cascavel, cobra, e jacaré. Um tanto de coisa lá. Jacaré não tinha lá não, tem poucos, só na beira do rio.

— Vitorino, Vitorino... — Tio Edson interrompe.

— Tem que praticar as mentiras — responde com risadas.

— Vou fazer um chão de cimento para segurar já que tu tá aumentando...

— Aí meu irmão, sabe o que ele fazia?

— Conta menos rapaz...

— Era dessa maneira, cara. Aí ó, pegava a semente de capim trazia lá...

— Já acabou? — diz tio Edson dando risadas.

— Zé Caboclo com a família, meu irmão.

— Tá contando cada uma...

— Zé Caboclo com a família, é desse cara que eu tô falando. Se você pegar um cara que tem experiência vai falar que era tudo isso, e mais alguma coisa. Era assim mesmo. Você ia daqui lá para a casa sua... já marcava a hora, só ia chegar lá amanhã. Vocês não iam para chegar hoje na sua casa. Você ia a pé, daqui para sua casa. Não tinha problema nenhum. Você ia a pé daqui para lá.

— Então Vitorino, não era assim. Quando o pai saía para fazer as viagens e levar as mercadorias de troca, dessa essa aí eu não tinha muita infor-





mação. Pegava lá na beira do rio, né? O que ele contava para mim era o seguinte: que viajava com tropa, então descia para a beira do rio levando sal, rapadura...

— É isso mesmo... — concorda.

— Essas coisas assim e trazia de lá da beira do rio...

— Tudo que dava na beira do rio.

— Isso! Geralmente era abóbora...

— Que era o mais forte, que era o socorro bem presente lá. Abóbora, aquele peixe salgado. Como os rios secavam, então tinha que vir tudo ali da Lapa.

— Era na Lapa, porque tinha na Batalha o armazém de guardar peixe.

— Enfim, eles pegavam na beira do rio e na lagoa...

— Tinha muita lagoa.

— Isso, trazia para trocar com o pessoal de Riacho de Baixo. E na época Mirian, lembro que o pai falava da mercadoria... Não existia dinheiro mesmo não, era troca... a mercadoria que mais precisava lá era querosene. Que vinha de fora.

— Isso, tudo que vinha era de fora — concorda tio Vitorino.

— Rapadura que não produzia lá... — complementa tio Edson.

— Era isso aí mesmo.

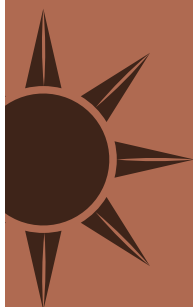
— Não existia açúcar, era café em grão, rapadura, querosene e peixe seco. Tudo era trazido na... Como que chama?... bruaca.

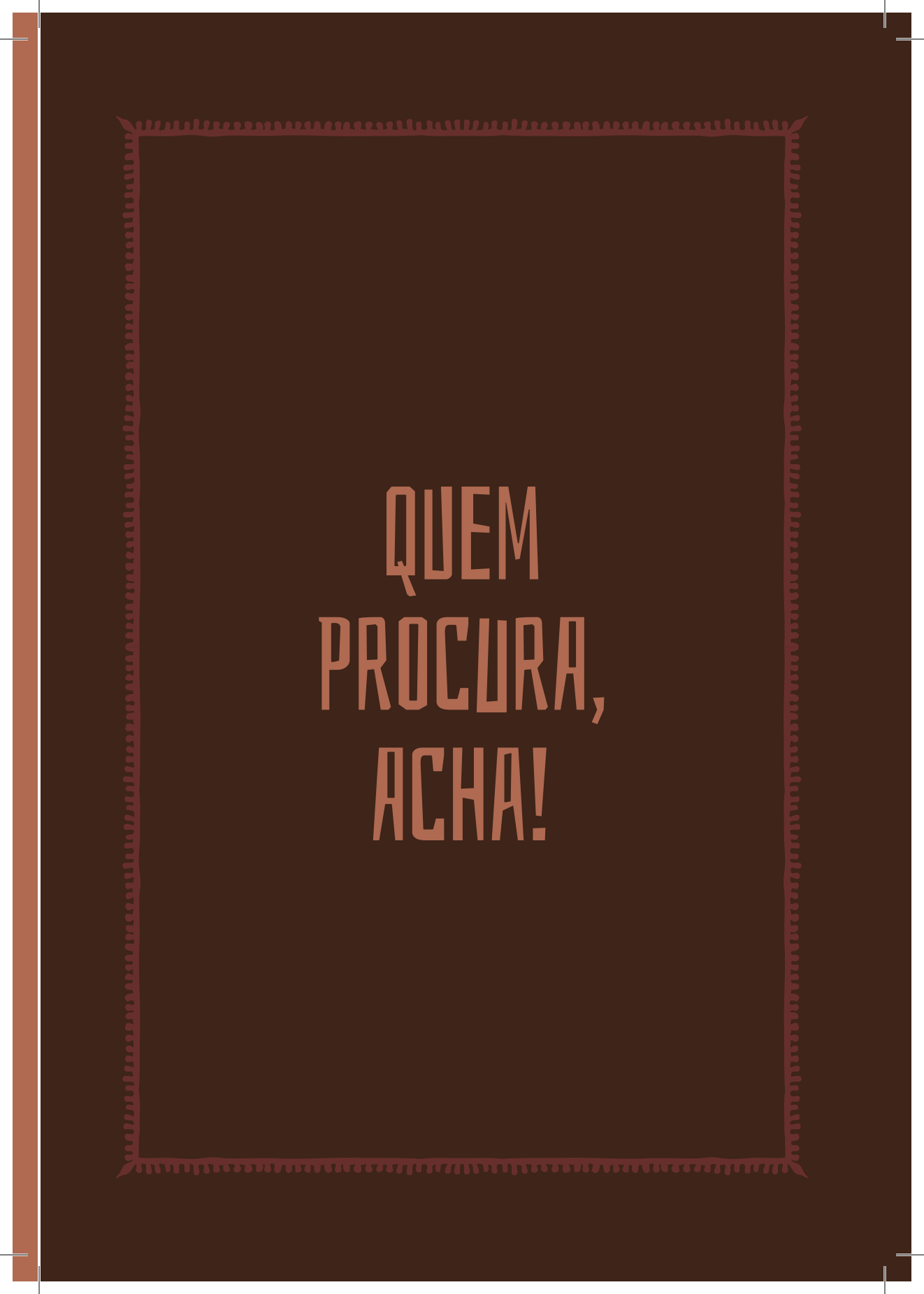
— Tudo na bruaca. Trazia aquele jegue com as carga de coisas.

— E de vez em quando, quando o véi Justino vendia o gado, era o pai quem levava o gado...

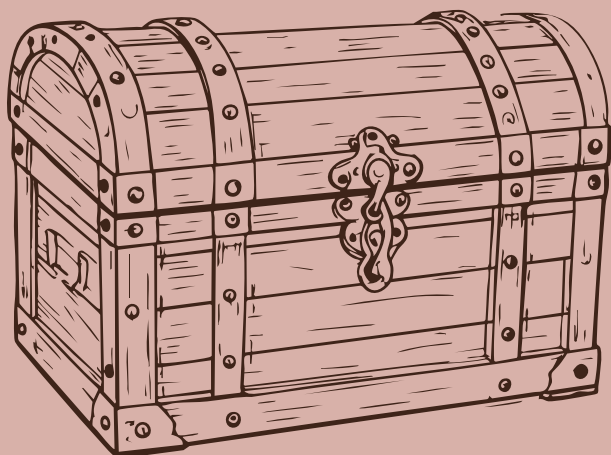
— Para entregar para os caras.

— Isso, exatamente!





QUEM
PROCURA,
ACHA!



06



A PARTIR DE AGORA VOLTO A CONTAR SOBRE UM

acontecimento muito marcante para mim — o mesmo que levou Ana Maria Gonçalves a escrever *Um Defeito de Cor*. Sou cética em muitas coisas, mas, à medida que refletia sobre a escrita desse livro, sentia meu peito se encher de esperança. Embora ainda não soubesse exatamente o que procurava, queria encontrar algo em que pudesse depositar minha fé e que me permitisse continuar viva. Meus pais são evangélicos desde que nasci. Passei toda a infância dentro da igreja e só aos dezesseis anos tive a chance de escolher os rumos da minha própria história. Foi nessa idade que decidi que não queria mais acreditar em nada relacionado a forças superiores. Minha experiência religiosa dentro do cristianismo havia me marcado negativamente. Cresci em um ambiente no qual não me encaixava, não me sentia acolhida e que me causou diversos traumas.

Escrever sobre a história desse homem passou a ser, para mim, uma necessidade. Buscava não me sentir mais sozinha. Mais do que isso, tornou-se um propósito, motivado pelas coincidências que estavam acontecendo ao longo desse percurso. Em *Um Defeito de Cor*, Ana Maria Gonçalves relata um evento crucial que determina seus próximos passos na narrativa e o nomeia de “Serendipidade” — o que acontece quando descobrimos algo inesperado enquanto procuramos outra coisa. E, para que isso ocorra, já devemos estar de alguma forma preparados.

* O termo *serendipidade* refere-se a descobertas felizes e inesperadas que ocorrem por acaso, geralmente enquanto se procura por algo totalmente diferente. Trata-se de alcançar algo valioso sem que esse fosse o objetivo inicial. O conceito destaca a habilidade de reconhecer e valorizar achados não intencionais que acabam se revelando significativos.

Foi nesse contexto da viagem que tio Edson me contou mais a fundo sobre as fitas que havia guardado. Eu já sabia que ele costumava registrar momentos da família quando estava na Bahia. Meu avô escrevia cartas. Meu tio teve a ideia de produzir os vídeos. As cartas mantinham o contato com os parentes distantes, em São Paulo, mas a fita cassete conseguia comunicar muito mais. A imagem permitia visualizar o cenário e transmitia um impacto diferente. Assim, ele e meu avô Antônio, passaram a gravar vídeo-cartas para depois mostrar à família residente em outro estado. Vinte e sete anos depois, interceptadas pela linha circular do tempo, aquelas fitas chegaram até mim. Eu havia embarcado para São Paulo na expectativa de ouvir memórias de pessoas que conheceram meu avô. Além disso, fiquei surpresa com as semelhanças que compartilhava com tio Edson.

O sorriso estampado em meus olhos revelava a felicidade com a possibilidade de um novo rumo. Além de conhecer meu avô por meio dos relatos, agora eu poderia voltar no tempo e reviver suas memórias. Contemplar sua imagem e sua voz ao assistir as vídeo-cartas. Uma imersão completa. As imagens que construí mentalmente a partir das descrições de minha mãe sobre sua fisionomia e personalidade finalmente ganharam vida. O que eu não imaginava era que receberia uma mensagem dele, gravada em 1996.

Abro um parêntese para destacar algo curioso: meu primeiro contato com a palavra “Serendipidade” aconteceu ao ler o epílogo de *Um Defeito de Cor*, enquanto viajava de ônibus de Belo Horizonte para São Paulo. Três dias depois, eu mesma vivi uma experiência que poderia descrever exatamente dessa forma. Como poderia imaginar? Às vezes, acho engraçado como o destino surpreende. Como não acreditar em um propósito maior? Sentia que tinha uma missão: não permitir que as palavras de um homem retinto, quaisquer que fossem, se perdessem na espiral do tempo. A oralidade é uma força que mantém nossa história viva, mas estava caindo no esquecimento. Minha geração, os netos, estava adoecida psicologicamente. Percebi que isso tinha relação com o fato de desconhecermos nossa trajetória e a dos que vieram antes. Não tínhamos noção do porquê era tão importante insistir em lutar e vencer. As dores causadas pelo mal do século estavam atingindo nosso corpo profundamente. Mas agora, eu



tinha em mãos diversas fitas cassetes que contavam muito. Um registro fundamental até para as próximas gerações.

Mas havia um problema: até uma semana antes da minha chegada, o reprodutor de vídeo cassete funcionava normalmente. Não sei se foi azar ou apenas um capricho do destino me testando, mas justamente quando precisei dele, deixou de funcionar. O que eu poderia fazer? Estava tomada pela curiosidade e pela euforia de vivenciar aquela experiência. Então, sugeri que procurássemos em São Paulo alguém que consertasse o aparelho. Tio Edson lembrou de uma loja especializada em eletrônicos antigos e propôs que fôssemos até lá. Até então, tudo estava acontecendo melhor do que eu esperava. Minhas expectativas já haviam sido superadas e, se aparecia um obstáculo, a solução surgia também.

No entanto, ao chegarmos à loja, descobrimos que o conserto não era uma opção. Para minha felicidade, sob o balcão, entre outros eletrônicos, havia um videocassete à venda por R\$ 490,00 — quase todo o valor que havia reservado para a viagem. Me perguntei quando teria outra oportunidade como aquela. Sentia uma ponta de esperança e via ali a chance de existir no futuro. Eu estava disposta a pagar qualquer preço para conhecer minha história. Aquele material narrava a trajetória de pessoas que lutaram bravamente para sobreviver e permitir que eu estivesse viva. Uma família negra do sertão baiano no final do século XX. Além disso, registrava o lugar onde um homem ousou sonhar com uma vida melhor e desejar que seus filhos tivessem acesso à educação. Hoje, considero o preço que paguei irrisório diante de tudo que colhi dessas gravações.

De volta ao apartamento, não conseguia esconder o que sentia. Estava completamente tomada pela emoção. Meu corpo reagia como se grandes doses de dopamina tivessem sido liberadas e eu não conseguia conter meus pensamentos de felicidade. O que havia chegado até mim era poderoso e eu ainda não sabia como lidar com aquilo. Tinha material suficiente para estudar por toda uma vida e, de repente, a possibilidade de traçar minha carreira a partir disso se tornava real. Uma semana atrás, eu estava perdida, sem saber o que fazer do meu futuro, sobrecarregada pela incerteza. Agora, surgia uma oportunidade. Uma possibilidade criada por meu avô e por meu tio anos antes do meu nascimento. Muito antes de sequer

existir algo que indicasse minha presença no futuro, eles já haviam preparado o caminho para que eu pudesse seguir viva e encontrar meu destino.

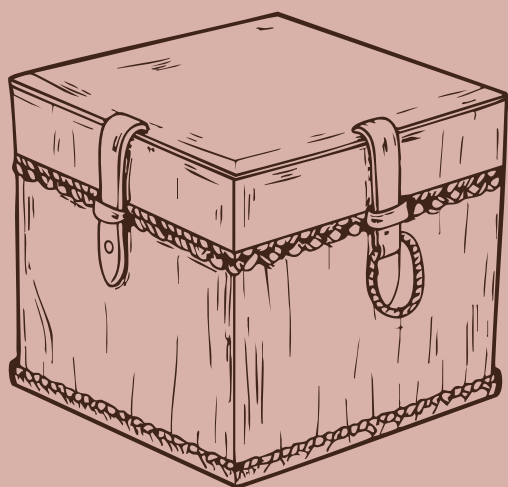
Muito antes de decidir embarcar na aventura de escrever um livro, considerei a produção de um documentário. Porém, os empecilhos me fizeram desistir da ideia. Como queria abordar a memória e a história de meu avô, precisava de material de arquivo para construir a narrativa. Até então, não sabia da existência dessas fitas e, por isso, descartei rapidamente a ideia. Além disso, eu teria que lidar sozinha com toda a pré e a pós-produção, o que seria um grande desafio diante da minha rotina de trabalho. Eu não me sentia preparada para isso.

Mas, diante da situação, o que fazer? Continuar o livro ou transformar o projeto em um documentário? No calor do momento, a resposta veio fácil. Aquele material guardado há tanto tempo contava a história de diversas pessoas que nem sequer sabiam da existência dos registros. Documentava tradições e costumes de uma comunidade que beira à margem do esquecimento entre as novas gerações. Eu não poderia permitir que aquilo ficasse guardado dentro de um quarto pequeno, no apartamento de tio Edson, em Ferraz de Vasconcelos. Meu tio me deu uma missão: digitalizar as fitas e compartilhar com as pessoas que também faziam parte daquela história. Eu aceitei. Mas também decidi seguir com meu planejamento para a viagem. Ainda visitaria outros parentes e continuaria com o projeto.



É NAS
SUBIDAS
QUE SE
GANHAM AS
CORRIDAS





07



— ELE VINHA DESSA REGIÃO DE GUANAMBI E CAETITÉ

trazendo sal e rapadura, tudo nas costas. Eles falavam: nas costas da mula. Tinha as Cangaia. Cangaia quer dizer bruaca. Você sabe o que é bruaca, né? Bruaca é uma uma caixa de couro, quadradona. Uma caixa toda feita de couro cru. Aí vinha rapadura e sal. Era a moeda de troca trazida de Caetité e Guanambi. Também iam até a beira do Rio São Francisco, já chegando em Bom Jesus da Lapa, e trocavam por abóbora, batata, doce, essas coisas. O comércio era feito por troca. E aí o pai viajava às vezes. Quando não era assim, ele viajava para levar o gado: os bois de Justino, do pai dele de criação. Levava para vender e o pai era quem negociava. Ele contava e era o orgulho dele, que uma vez, saiu da Fazenda de Riacho de Baixo com oitenta bois. Ele era quem conduzia. Porque naquela época não tinha esses caminhões que carregam...

— Era tudo a cavalo? — pergunto a tio Edson.

— Tudo a cavalo. Então era todo aquele trajeto de Caetité para baixo, até na Lapa, era a cavalo, era tudo tropeiro. Ele sempre estava viajando naquelas regiões todinhas das vizinhanças coletando o que tinha pra levar pra vender. Depois disso que começou em Lagunas. Porque o comércio todo era em Riacho de Baixo. Se você for perguntar os mais antigos, Riacho de Baixo que era o *point*, o lugar. Era muito movimentado, a troca era em Riacho de Baixo. Foi ficando muito fraco e quem fazia todo o comércio lá era o finado Justino, que era o pai de pai. A movimentação do comércio era naquela casa velha, que está desabando lá, que era do finado Justino. Eu ainda peguei em funcionamento.

— Mãe falou, né? Que lá era uma vendinha...

— Isso, lá era chamado de venda. Eu ainda peguei em funcionamento. A parte de baixo não vai ter mais. Tem a casa velha de adobe e a parte de baixo era onde eles moravam antes, que era uma casa de enchimento. E lá ficava a

parte do estoque, tinha dois caixões enormes, que eles guardavam arroz, farinha e feijão, essas coisas assim. Era o estoque. Então todo o comércio era naquela Casa Grande ali. Na frente não tem ali o espaço aberto?

— O espaço tem — Gessé se recorda.

— Ali era onde o pessoal se reunia para fazer as festas. Ali tinha cavalhada, tinha a cantoria de Reis, o samba. Era tudo naquela parte. Ali era uma praça limpa, entendeu? Tinha a casa do finado Bernardo, o Bernardino, lá para cima. A primeira casa. O pai morou antes, do lado da casa do Tomás. Se você for perguntar à tia Erezinha e o pessoal lá, eles vão falar onde o pai morava. Onde tinha o comércio também, perto do pé de Gameleira. A casa de baixo era a parte que o pai ficava. Depois fizeram a outra parte da casa do finado Justino, que era uma casa de enchimento. Depois aí que fizeram o casarão. O movimento era todo ali. Dali para o outro lado do rio. Aí já para lá, depois de Riacho de Baixo, tinha dona Alzira, tinha Seu Firmino, tinha um pessoal mais antigo. Vinha todo mundo se reunir. Da Cabeça do Boi, da Vargem Serrada. Todos se reuniam em Riacho de Baixo. Até de Laguna. Porque em Laguna viviam eram os brutos. O Pai falava que eram os brutos, pessoas ignorantes e que não eram muito desenvolvidas.

— Está bem diferente de hoje em dia, se a gente for parar pra pensar na cultura de Laguna e na de Riacho de Baixo — comento esperando que meu tio concorde.

— A cultura de Laguna era diferente. Riacho de Baixo era mais os negros e Laguna era mais os brancos. Então o pessoal de Laguna, que não era Laguna na época e sim Moita — para conseguir trocar o nome demorou um tempão: o nome sempre foi Laguna, mas o pessoal conhecia como Moita — por causa do preconceito demorou muito para o pessoal aceitar. Aceitar a se misturar. Essa época eu acompanhei porque ainda estava lá. Tanto é que quando vinha o pessoal de Riacho de Baixo e chegava em Laguna, o pessoal de lá já ficava meio que de lado. Riacho de Baixo que dominava, depois que Laguna começou a evoluir um pouco mais. Depois da feira. Pai teve participação. Foi onde Seu Januário fez isso: que começou a vir as coisas tudo de Riacho. Porque antes vinha tudo da Lapa, não existia Riacho de Santana, praticamente, na parte do comércio. Tudo era movido de lá da Lapa. De lá para Riacho de Baixo era mais perto. Depois



que começou a desenvolver a parte de Laguna, entrou Riacho de Santana no meio. Seu Januário começou a doar as terras para as pessoas construírem as casas. Algumas delas vendia, vendia baratinho ou doava para as pessoas começarem a morar ali por perto. Por isso que foi feito daquele jeito ali, aquele quadrado. Foi doando todas aquelas terras, que na esquina, na frente da casa de Seu Januário, era a casa do finado Zé Caboclo, que era um dos mais velhos ali. Depois teve as outras casas. É que na minha mente está a primeira formação de Laguna, não está sobre a composição de agora. Tanto é que nos vídeos que eu tenho aparece mais a primeira parte, a formação. Então hoje eu não tenho nem ideia de como tá, mas eu lembro dali de quando formou. Desde o início. Só não acompanhei o dia em que foi formada a feira.

— Na parte em que você escrevia cartas, era na feira de Laguna ou quando tinha o comércio lá em Riacho de Baixo? — questiono, mas demoro para ter resposta.

— Você pode colocar que no início o comércio era mais em Riacho de Baixo, porque a maioria dos feirantes, do pessoal que trazia a mercadoria para troca na verdade era da região dali da Cabeça do Boi e do Curral das Vargens, que era onde mais produzia. Porque a parte de Laguna não tinha produção. A parte da produção agrícola era para baixo. Aí vinha mais da beira do rio, que a gente fala é o São Francisco, perto da Lapa. A maioria das coisas vinha de lá. Os produtos de antes eram abóbora e melancia. As pessoas traziam na cabeça às vezes. De longe. Trazia na cabeça. Foi quando o pai veio aqui para São Paulo, logo quando ele voltou pra lá já estava mais ou menos formado o povoado lá de Laguna. O que foi que o seu Januário fez? Foi isso que eu falo para você, foi um dos fundadores. Ele também teve um colégio, não sei se existe ainda, um prédio do lado da casa dele. Que fez para ser um local onde receber os políticos, para quando tivesse alguma reunião.

— Ali virou a sede da Telemar — comenta meu irmão.

— Depois ali formou o primeiro grupo que virou a escola. Eu fiz parte do primeiro grupo de ginásio. Tinha dezessete alunos. A gente estudava ali. Depois que foi construído o Colégio lá em cima, mas no início tudo era ali. Era eu, a Sema que é a ex-mulher do Zezinho, Socorro a filha de seu

Marcolino, Nelma que morava em Braúna e Jô. Eu lembro de alguns, mas eram dezessete alunos. Era muito legal. E o quadro, a lousa, era isso aqui ó. Um metro e vinte, mais ou menos, por um. E não tinha como passar tudo na lousa. A gente não tinha livro e nem apostila. Só quem tinha era o professor. Nosso primeiro professor dali era o Tião. Foi o primeiro professor de Laguna. Ele que dava todas as matérias. Só tinha um professor e o livro dele, não tinha apostila. A gente tinha que copiar e era tudo ditado. Por isso que eu tenho essa facilidade de ouvir e interpretar. Porque ele ditava um parágrafo inteiro e você ficava em silêncio. Ditava o parágrafo inteiro e você só memorizava, e pá, pá, pá. Ficava assim às vezes uma hora de aula e ninguém falava um “a”, pra não tirar a concentração. A gente às vezes ficava até com calo na mão e era tudo escrito. A gente levava para casa e ia estudando assim. Dessa forma, sem livro. Só era o caderno. Depois, com o tempo vieram três professores de Riacho de Santana. Foi quando formou o Colégio de Laguna. Tem um professor que eu lembro, o apelido dele era Quinho, o outro professor era Ilberto e aí tinha uma professora, mas estou tentando lembrar o nome dela. Esses três professores ficaram por muitos anos lá em Laguna. Aí sim que começou a dividir as matérias. O Tião ficou com a parte das crianças, né? Esses três professores deram aula pra gente. A primeira turma do ginásio, com dezessete alunos. Quando eu saí de lá eu ia fazer a oitava série, que aí que eu vim para cá e a turma continuou. Ninguém desistiu. Porque era muito bom.

— Antes o estudo era mais valorizado, né? Porque quase ninguém tinha acesso...

— Isso, e a gente era pessoas muito bem vistas. Porque eram os primeiros que estavam estudando em Laguna. Muito respeitado por todo mundo. Tinha uniforme. Eu lembro como se fosse hoje, a camisa branca, a calça e um tênis azul. Quando a gente passava todo mundo queria se aproximar e conversar, porque não tinha escola em nada praticamente. Foi muito bom. Na verdade, quando eu comecei a estudar lá na quarta série era em um barracão. Depois que foi construir esse colégio lá que o Januário fez. Depois que foi para o colégio que tem até hoje lá. Para eu terminar a quarta série tinha poucos alunos. Foi isso mesmo. Não tinham dezessete ainda. Era uns quatro ou cinco. Quando entrei eram eu e mais uns dois ou três, se não me engano, que era da quarta série. O restante era tudo



de antes, era tudo misturado. Depois o filho do seu Arlindo, eram os dois, o Wellington...

— Era colega do senhor os dois, não era? — questiona Gessé.

— Os dois eram meus colegas, era Wellington e Uélio. Eles estudavam em Igaporã. Aí foram para Laguna. Por isso que chegou aos dezessete alunos. Porque no começo quando eu cheguei lá era isso. Era eu e mais uns dois ou três alunos, se não me engano, que estava terminando a quarta série. Quem estava estudando fora veio porque foi formado esse grupo. Seu Januário doou o salão para dar aula. A partir daí eu já não sei contar quando veio a Sema. Acho que ela estudava em Riacho, eu não sei.

— Mãe nessa época já tinha estudado? — pergunto.

— A sua mãe estava em Riacho de Santana. Assim que foi formado. Eu não tinha amizade antes com o pessoal, não sabia de onde eles vinham. Como eu estava estudando fora e como criou lá, formaram uma turma de dezessete alunos.

— Você tem alguma memória, por exemplo, de algum dia que você estava na feira e vô escreveu cartas para alguém? Uma memória muito forte, de alguma confusão, ou de alguma coisa?

— De um dia que tava na feira e eu escrevi uma carta para alguém? — meu tio não compreende a pergunta — Algum momento que você viu vô escrevendo cartas para alguma pessoa lá. Por que ele escrevia cartas? Qual era o motivo?

— Ah sim, ele sempre escrevia. As pessoas iam lá em casa. No começo era ele quem fazia as cartas, depois quando a Duca foi para lá, aí ela começou a fazer. Depois que ela veio para Riacho, aí ficou eu. Mas era ele no início, a única pessoa que sabia escrever para as pessoas lá. Então ele costumava escrever cartas para todo mundo. Iam até ele e contavam a história e ele escrevia a carta. Às vezes, muitos iam e levavam um caderno e uma caneta, e queriam pagar. Ele não recebia. Daí davam presentes. Uma galinha ou na primeira colheita que tinha, levavam alguma coisa. Era feito uma troca. Sempre fazia isso. Ele já tinha tudo separado lá, caderno e caneta, já para fazer. Ele escrevia para muita gente mesmo.

— Eu tenho a sensação de que alguém já me falou isso, dele fazer repente...— digo.

— Dele mesmo fazer os versos e repente? Eu não consigo lembrar de versos que ele fazia, mas ele era muito criativo. Eu sei que ele tinha facilidade para decorar. Se ele lesse uma coisa, uma vez só, já decorava. Ele precisava ouvir, porque era muito bom de ouvido. Ele gostava de ouvir rádio, ouvir bastante histórias, então para ele ficava mais fácil de criar. Não era muito o visual era mais o ouvir. Tanto é que ele sabia de muitas histórias, porque ele ouvia muito. Para quando precisasse opinar...

— Ele ter o que dizer! — completo.

— Exatamente. Imagina naquela época onde muitas pessoas não se abriam para conversar, que existia a ignorância. Aquela coisa toda. Imagine só, as moças, as pessoas mais novas iam pedir conselhos para ele. Isso Vitorino pode falar para você. Às vezes elas não conseguiam conversar com os pais. Tipo, você está namorando alguém, tá na dúvida e quer conversar com alguém... Ia conversar com ele, que dava conselho, porque já conhecia as gerações anteriores da pessoa. Era muito disso antes. A família tinha uma grande importância quando você ia avaliar alguém. Como ele já conhecia os antepassados dessa família, ele explicava: Ó, essa família é assim...

Por isso que as pessoas acabavam considerando e chamando ele para ser o padrinho, ou do filho ou de casamento. Justamente, por que? Para ter uma pessoa por perto que pudesse aconselhar. Por isso que queriam manter ele por perto. Foi assim que ele chegou aos mais de duzentos afilhados. Por ouvir. Porque, imagina aquela época, pega aquelas pessoas antigas, seu Marcolino da vida... Não tinha como um filho ou filha chegar e conversar com ele. Tanto é que você vê a irmã do Zezinho, a Helena. Ela é uma delas, que pode falar. Sempre ia conversar com ele, porque com ele podia falar. Ele não ia espalhar, ia só te dar um conselho. A maioria das vezes as pessoas seguiam o conselho que ele falava. Ou então ele intermediava, entendeu? Chegava para o pai daquela moça que estava pretendendo casar com um rapaz e tentava explicar: Olha, o moço é uma pessoa direita...



Usava muito isso. A pessoa direita, de família, é bom que eles estejam juntos.

— O pessoal respeitava, né? — pergunto.

— Respeitava a opinião porque geralmente era certa, entendeu? Não tinha como a pessoa cometer um erro porque ele estava cuidando. Antes tinha muito o costume de consultar os mais velhos. Geralmente não começava um relacionamento sem conversar, sem consultar. Porque eles iam ficar sabendo. Eu usava muito disso. Depois com o tempo que começaram a namorar escondido. Você lembra que para namorar uma pessoa, tinha que ir lá e pedir a mão dela para os pais, era assim que funcionava. E antes de chegar nisso a gente já perguntava os conselheiros. Na parte dos mais velhos e que era sempre respeitado tinha as pessoas que eram curandeiras. Era sempre os mais velhos que tinham primeiro a palavra. Tanto é que na cultura indígena continua sendo assim. Depois, com o tempo, que começou a mudar e querendo ou não ali tem muita influência da cultura indígena e da cultura africana. Você vê até os nomes que a gente usava, os costumes da gente era tudo isso. Depois que foi mudando. Se você for conversar com mãe mesmo você vai ver. Tem coisas que a gente não vai entender e que ela fala.

— Eu sempre fico me perguntando de onde é que vem isso. Teve uma vez quando estava lá na Bahia, que ela estava cantando uma música várias vezes. Nunca sabia de onde era. Uma música de Folia de Reis. E ela canta no ritmo. Batendo assim com a mão — reproduzo o som.

— Era assim que funcionava: vamos supor, as mulheres se reuniam e ia jogar verso... Você recita um verso e aí eu recito de volta. Ficava muito disso. Formavam a roda das mulheres, os homens não se misturavam, que ficavam trocando versos. É por isso que mãe sabe alguns de cor. É como se fosse o Cordel, só que uma disputa de versos. Começava como se fosse uma briga, como se fosse hoje o repente. Assim que mãe foi criada. Essa é a cultura dela. Por isso, quando ela ouve uma música vem na memória dela isso. Muito bom, é uma pena que hoje em dia ela não consegue mais lembrar com detalhes dessas coisas...

— Não é tão lúcido, tão claro.

— Depois eu vou ver esse vídeo dela. Foi gravado aonde? — pergunta Gessé, curioso.

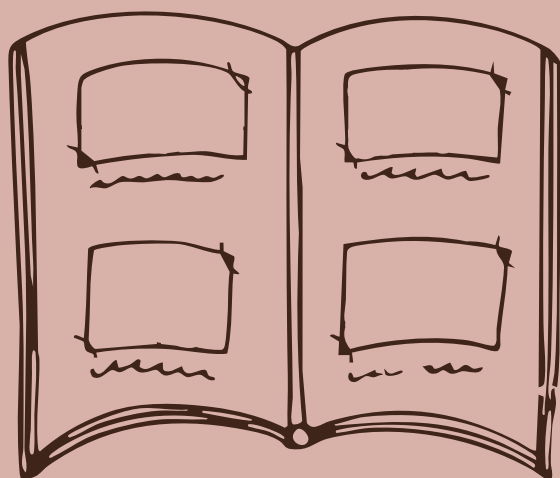
— Foi aqui — respondo recordando do material que assisti no computador de tio Edson.

— Quando a Duca morava aqui nesse apartamento. Estava a Preta, a Adriana... — completa meu tio.



UM GRAMA
DE EXEMPLOS
VALE MAIS
QUE UMA
TONELADA DE
CONSELHOS





08



GOSTARIA DE RELATAR SOBRE O DIA DE HOJE, MAS PRECISO

primeiro voltar à noite anterior. Chegamos ao apartamento de tio Edson e tudo estava exatamente como da última vez. Assim que avistei a sala, mergulhei em lembranças de outras visitas ao local. O silêncio permanecia o mesmo, refletindo a solidão que acompanha meu tio desde a separação de Adriana, sua ex-mulher, há quase três anos. Nesse período, ele enfrentou um quadro severo de depressão, e as sessões com a psicóloga foram seu principal refúgio. Apesar da solidão, o ambiente ainda transmitia aconchego. Sentei no sofá e, aos poucos, o cansaço deu lugar à curiosidade e à expectativa. Estávamos ali para explorar mais de duas décadas de material guardado por tio Edson: cartas de antigos amores, correspondências de meu avô e de tia Duca, discos de vinil, CDs — entre eles um original do Racionais —, fotografias da família, câmeras fotográficas de diferentes gerações, uma filmadora e fitas de vídeo cassete registrando suas viagens à Bahia.

Eu estava fascinada. Como todas aquelas memórias puderam permanecer guardadas por tanto tempo, sem que eu sequer soubesse de sua existência? Desde muito jovem, desenvolvi uma paixão pela fotografia. Lembro-me bem do dia em que ganhei meu primeiro celular com câmera, um Nokia E71, durante uma das minhas visitas a São Paulo. Ele foi comprado por apenas setenta reais em uma daquelas feiras populares, onde se encontra de tudo por um preço acessível. A partir desse momento, passei a enxergar o mundo por meio de uma lente, mesmo que de baixa qualidade, sempre em busca do melhor enquadramento. No entanto, minha fascinação pelas fotos não estava na estética ou na composição perfeita, mas sim na capacidade de capturar momentos e revisitá-los mais tarde, revivendo as emoções que aquelas imagens conseguiam transmitir. Foi uma surpresa descobrir que o tio Edson também compartilhava dessa mesma paixão. Os álbuns de fotografias cuidadosamente

organizados e guardados por tantos anos revelavam não apenas seu interesse pela imagem, mas também contavam a história de um homem que acumulou mais de quatro décadas de vivências e memórias registradas.

Em certo momento da noite anterior, segurei por alguns minutos uma fotografia de vô Antônio no Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Questionei tio Edson sobre ela. Enquanto ele narrava a lembrança, minha mente reconstruía aquele dia, como se a memória também me pertencesse, como se eu estivesse ao lado do meu avô naquela imagem. Então, surgiu uma dúvida que me acompanharia dali em diante: como era a relação de vô Antônio com a religião católica? Seus filhos haviam sido batizados na igreja e tinham ou tiveram suas madrinhas e padrinhos. Ele mesmo havia desempenhado esse papel diversas vezes. Mas, ainda sim, me perguntava até que ponto a religião influenciava na sua forma de produzir e transmitir a cultura, e influenciava no conhecimento que trazia da cultura africana?

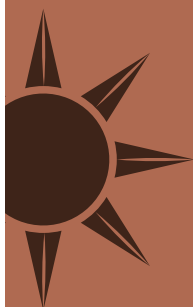
Na noite anterior, enquanto segurava com cuidado a fotografia de vô Antônio no Santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, senti o tempo deslizar entre meus dedos. A imagem, que destacava a qualidade das câmeras da época, parecia estar preparada para revelar um novo mundo quando questionei tio Edson sobre ela. Ao responder, enquanto sua voz tecia a memória, minha mente — em busca do pertencimento — começou a costurar lembranças alheias como se fossem minhas: eu me via ali, ao lado do avô, naquele instante congelado pelo click da câmera. Foi então que a pergunta brotou no pensamento: como vô Antônio se relacionava com a religião católica? Seus filhos foram batizados, tiveram padrinhos e madrinhas. Ele mesmo assumira esse papel tantas vezes, entrelaçando cuidado e fé. Mas, no silêncio entre um ritual e outro, até que ponto aquela religiosidade moldava sua forma de produzir e transmitir cultura? E como a sua herança, o conhecimento e a sabedoria ancestral, resistia às tentativas de colonização? A dúvida, agora, não era mais só sobre ele. Incluía os fios quase invisíveis que unem crença, tradição e identidade, em uma colcha de retalhos da nossa história.

Hoje, visitei tio Vitorino na companhia de Gessé e tio Edson. Edilene, sua esposa, esteve presente durante toda a conversa. Entre os filhos de vô Antônio que ainda estão por aqui nesse plano, ele é o mais velho. O



dia foi singular. Ainda estou refletindo sobre a divergência em alguns pontos das histórias e de como a participação do filho mais novo criou um contraste interessante. Ambos, apesar de se respeitarem, carregam discordâncias e conflitos do passado. Porém, a principal diferença entre os dois é a idade. Vinte e seis anos os separam. Tio Vitorino se apoia na sabedoria das experiências acumuladas, enquanto Tio Edson se destaca pela precisão com que recorda os fatos. Mas há algo que ambos compartilham: a maestria na arte de comunicar.

Além disso, algo me chamou a atenção durante essa visita. Em 2014, tio Vitorino perdeu a visão devido a um glaucoma — doença que atinge a raiz do olho, altera a pressão e, sem tratamento, pode levar à perda da visão. O mesmo aconteceu com seu irmão, Teonílio, e com o próprio vô Antônio, que, além de enfrentar a catarata, foi impedido de realizar a cirurgia ocular devido à doença de Chagas, sofrendo também uma perda parcial da visão. O que me intrigou, porém, foi a forma como tio Vitorino, enxergando o mundo para além dos olhos, narrou suas memórias. Senti-me imersa de um modo diferente. Os detalhes que ele escolhia, os sons que incorporava à narrativa e até o uso peculiar dos tempos verbais fizeram com que, enquanto ele contava a trajetória de Antônio Preto — e, por consequência, a sua própria —, eu me visse teletransportada para outro tempo. Era como se ele tivesse transferido para mim, intactas, as vivências que moldaram sua história. E isso, sem dúvida, foi uma das maiores lições.



DIGA-ME
COM QUEM
ANDAS E
LHE DIREI
QUEM ÉS



09



— POIS É, EU VIM AQUI PARA OUVIR VOCÊS CONTAREM SOBRE

vô Antônio...

— Você não conheceu ele não, conheceu? — pergunta Helena, uma das irmãs de tio Zé.

— Não, não — respondo.

— Ah, você também não né, Gessé?

— Não.

— Ele morreu um pouco mais de quinze dias depois do casamento de mãe...

— Parece que ele só esperou casar — meu irmão completa.

— Tio Zé falou que ele deu conselho pra vocês antes de se casarem? — questiono.

— Foi para Dona Helena aí — Pedro participa da conversa.

— Deu, foi assim quando eu.... Como meu pai não era aquele... Você também não conheceu o meu pai? — direciona a pergunta para Gessé.

— Não, conheci não.

— Então, meu pai era muito bravo, não era de se importar com os filhos. Eu tinha até medo de casar. Porque minha mãe sofria na mão dele. Tinha medo de arrumar um marido igual. Comecei a namorar com o Pedro e sem coragem de falar para o meu pai. Pois eu pensei, já sei: vou falar com meu tio Antônio. Porque sempre ele dava atenção para mim. Ele chamava eu de minha fia. Às vezes eu chegava lá: Bença, tio.

Ele falava:

— Deus te abençoe minha fia, entra.

— Você tá boa?

— Tô boa, e o senhor?

— Tô bem.

Ela continua:

— Sim. Eu falei assim: vou conversar com o tio Antônio. Fui lá com vergonha de falar com ele. Naquele tempo o povo era muito tímido.

Pois eu disse: Ô tio Antônio, tô namorando com o Pedro de Domingos. O que o senhor acha? Aí para ele... nossa, que conselho bom... ele foi e falou:

— **É minha fia, se der casamento... é boa família. Família de gente trabalhador. Família boa.**

Eu voltei para casa numa felicidade. Agora achei apoio, pensei. E continuei namorando até o dia em que casei. Nós ficamos quatro anos. É, quatro anos. Eu comecei a namorar com 17 anos e casei com 21. Mas era um homem que eu falo, era pretinho.

— É, pelas fotos dá pra perceber que ele parecia ser bem retinto.

— Ele era bem pretinho. Era um preto que eu amava de coração. Como eu gostava de tio Antônio, viu... Era só a gente precisar de ajuda, ele estava ali. E depois que eu comecei a namorar com o Pedro, foi que ouvi falar que ele era o conselheiro dali. Falei: então fui na pessoa certa.

— É que lá tinha aquele negócio de os mais velhos serem conselheiros

— Pedro completa.

— Aconselhar os mais novos...

— Por conhecer as família mais antigas, né? — Gessé pergunta.

— Ele me deu um bom conselho. Parece que você disse que ele era padrinho do seu pai? — Helena fala a Pedro.

— É, acho que é o padrinho de casamento.

— Ele já conhecia a família do Pedro.

— É que meu pai chamava ele de meu padrinho Antônio.

— Ele era um preto muito querido mesmo no meio do povo. Nossa, eu gostava dele demais. Toda vez que chegava lá, já recebia a bença. Andei trabalhando para ele.



— Trabalhou? — pergunto curiosa.

— Trabalhei nas roças dele lá. Nossa, ele dava comida e tudo. Quem ia cozinhar para a gente era Maurícia.

— Tia Maurícia? — ela é uma das irmãs de vó Maria e foi casada com tio Arlindo.

— Você deve ter conhecido.

— Conheci — respondo feliz.

— Então, ela que era a cozinheira. Fazia a comida com fartura. Leite, nós tomava lá direto. Teve um tempo que ele tinha as vacas leiteira e a gente passava uma necessidade... Tio Antônio tirava leite e mandava minha mãe pegar todo dia. Todo dia nós ía lá para pegar o leite de manhã cedo. Depois deu o tempo que eu casei e fui lá para a Vargem Serrada. Quando eu fiquei grávida da Selma, sentia um desejo de tomar leite com farinha. Meu Deus, a mãe foi e falou com a tia Maria. Eu passei lá e ela me deu quase meio litro de leite com farinha. Disse:

— Ela vai comer!

Matei a vontade. Mas era um tio que eu gostava também, meu Deus. Ele e minha avó, eram dois preto que alumiava, mas também era legal. Minha avó Remoalda também, nossa!

— A senhora já ouviu falar sobre os pais de Vó Antônio? Porque foi Justino que criou, mas aí ninguém sabe — pergunto imaginando que talvez não encontre a resposta.

— Não, nunca vi falar não.

— Eu estou tentando localizar mais informações sobre os pais dele.

— Não sei quem era não, Pedro você sabe?

— Eu não, também não sei quem é não.

— É, pela idade que ele morreu, deve ser gente de muito tempo atrás. Aí só se você andasse lá no local da gente, aquelas pessoas mais antigas deve saber.

— É, no caso, só mais antigo mesmo — Pedro completa.

— Uma que pode dar a informação é a tia Supriana — o caminho é semelhante ao indicado por seu irmão, tio Zé — Tem o Marcolino véi, mas mora ali para o lado das Pedrinhas...

— A senhora aprendeu a ler e escrever foi junto com Maria, sua irmã, lá na Bahia?

— Não, o pouquinho que eu estudei foi aqui no interior de São Paulo, que eu nasci e criei.

— Ah, então depois foi para lá? — havia imaginado que sua infância tinha sido no interior do nordeste.

— É, fui para a Bahia já com a idade de 17 anos. Já cheguei e de cara já conheci o Pedro. Naquele tempo lá a gente tinha que estar trabalhando fora, seu avô tinha serviço e o pai mandava nós trabalhar para ele. Peguei aquele amor, aquela amizade. Sempre atendeu a gente bem. Então, quando a pessoa atende bem, seja a cor que for, a gente pega aquele amor que nossa! Era nós por ele. Nós tínhamos aquela necessidade por não ter as coisas... Ele dava leite para a gente todo dia. Já tinha um lugar de tirar o leite lá pertinho da casa dele. Todo dia nós ia buscar. Quando a gente trabalhava lá, sempre estava na roça, ia com a gente. Nós nunca ficou sozinho não. Ele não era daqueles que largava lá abandonado não.

— Quando trabalhava assim, era mais colheita do quê na época? — Gessé também participa.

— Às vezes podia ser plantação, capinar, tudo — responde.

— Tudo da roça.

— E e as rezas que tinha lá pela região, era na casa da senhora? — pergunto.

— Não. Tinha rezas na casa de tia Supriana. Era muito longe. Tinha lá no Mandacaru. Festejava o São João, no dia vinte e quatro de julho e tinha um outro, no dia seis de janeiro. Dia do Santo Reis.

— A folia de Reis! — digo empolgada.

— Quando estava chegando perto eles passavam lá com o tambor. Pow, Pow, Pow. E uma bandeira assim, ó — diz Pedro construindo a história com o corpo.



— E era gente, viu. Gente que eu já não conhecia.

— E aí tinha a reza na casa dele. Uma folia.

— Hoje em dia quase não se vê mais a Folia de Reis — Gessé busca se lembrar na memória de alguma vez que viu...

— Tem, mas não sei se ainda lá para o lado de Riacho de Baixo. Para o lado de Botuquara, ali nessa região sei que ainda tem — digo.

— Só sexta-feira da paixão que tinha a reza no Cruzeiro lá junto do cemitério — conta Pedro.

— No cemitério? — pergunto intrigada.

— Lá no Riacho de Baixo. Na casa do vói Justino também tinha. Lembra que tinha uma cruz? Acho que não é do tempo seus não. Tinha uma cruzona lá. E aí o povo ia acender vela lá no pé da cruz e rezar.

— Era em frente da casa dele? — meu irmão pergunta.

— Era do lado assim.

— Ah, eu sei que tinha um espaço limpão de frente da casa, né?

— Eu não sei se a casa velha ainda está lá em pé, se essa cruz ainda está lá ou apodreceu tudo...

— A casa de farinha ou a casa dele mesmo? — pergunto.

— A casa velha dele ainda está de pé — meu irmão responde.

— Tá quase caindo, mas ainda está de pé. Aí o Nelson fez uma casa lá do lado.

— Nelson é filho de Justino? — questiono na dúvida se era filho ou genro...

— Nelson não, é casado com a filha do vói Justino, com Dalva. Nelson era filho de Adélio. Adélio era filho do vói Gerônimo. Esse pessoal não é do seu tempo não — Pedro responde.

— O pessoal me contou que quando produzia essa farinha era costume guardar na casa de Justino?

— O vói Justino tinha dois caixões grandes de guardar farinha. Na época ele era o poderoso, que tinha dinheiro. Vamos supor, todo mundo dali da

redondeza tinha farinha para vender e não tinha preço, o véi Justino era esperto. Chegava um lá e dizia: Ô seu Justino, eu tenho uma farinha para vender. Quantos arqueiros você tem para vender?

Falava arqueiro. Um dizia, acho que dá um arqueiro, outro falava eu tenho dois arqueiros.

— **Eu compro, pago tanto. Você quer? — era o que Justino dizia.**

Ele só andava com um bolsão cheio de dinheiro. Era. Não guardava dinheiro em outro lugar não, era no bolso. Toda hora que metia a mão no bolso, saía aquele maço. Ele tinha um jeito de fazer assim, ó — Pedro faz o gesto simulando o ato de contar notas — E pegava o dinheiro e esfregava. Esfregava que só faltava rasgar para ver se não tava um colado no outro. Tá, tá, tá, tá, tá, com aquele dedão seco dele. Era cheio de dinheiro. Se tinha um bezerro para vender, corria lá. Aí a pessoa tava numa precisão danada, vendia. Meu pai comprou muita farinha assim na mão do véi Justino. Antes nós tínhamos farinha, aí acabou. Chegou uma época que faltou. Meu pai comprava farinha na mão dele. Às vezes era cinco, dez litros de farinha. Menina, a casa dele gotejava e você sabe que a farinha, se molha ela cria aqueles bolão. Meu pai do céu, comprava aquelas farinha, a gente chegava em casa e tinha que quebrar tudo. E os pelos de rato que tinha? Você ponhava num leite, chegava ficar assim, ó — diz fazendo careta — porque porque a farinha desce, porém o pêlo do rato sobe no leite. Mas fazer o quê?

— A gente dormia e de manhã cedo amanhecia com os pés tudo ruído de rato — Maria, a irmã de Helena, que mora próximo, chega a casa e também participa da conversa.

— Se tinha os pelos de rato, você acha que ele não urinava também?
— Pedro diz.

— Rato roía os pés da gente — reforça.

— A gente comia, graças a Deus e pela misericórdia dele não tinha nada. Hoje a gente está bem melhor. O véi Justino era danado. Eu já trabalhei bastante para ele. Eu tinha comprado um tombador e ele tinha aquele quintal ali em volta da casa dele. Ele me chamou para ir lá tombar a terra para



ele. Eu fui. Rapaz, cheguei lá. O véi Justino era mão dura. Cheguei, ele me chamou para tomar um café para começar o serviço. Um café amargoso, rapaz do céu. Uma farinha seca. Às vezes ele comprava pão em Riacho de Santana e comia por quinze dias esses pãezinhos. Já estavam bolorado já.

Ele perguntava assim:

— **Servido?**

Eu dizia assim:

— **Não, obrigado.**

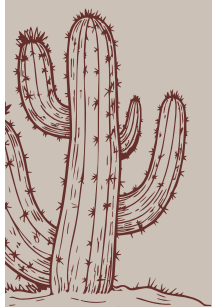
Você ia para a roça e trabalhava, trabalhava, trabalhava. Dava meio-dia. Pra você pisar na terra molhada assim, no mês de dezembro, dá uma fome. E aquela fome, tal. Teve um dia que eu fiquei indignado. Eu gritava para os boi assim: Passa fome! Vai lá, passa fome! Para ver se eles lá ouviam para vir atender. Eu gritava mesmo: Passa fome. Os bois chamavam Leão e Navio. Aí um dia de manhã cedo ele deu um chá de limão com beiju, rapaz. E eu comi. Tomei aquele chá e comi o beiju. E aquele negócio fermentou na minha barriga. Meio dia já eu não tive mais apetite de comer. A cabeça estava doendo e aquela agonia. Depois eu falei:

— **Dá um remédio, um sonrisal...**

Fui lá para a casa do finado Bernardino Mosquito, que era do lado assim. Bernardino era vaqueiro dele, né? Fui para lá, deitei. Esse dia não fui nem para a Vargem Serrada de tarde, não aguentei. Enquanto não vomitei todo aquele beiju com aquilo, não melhorou. Mas foi cruel. Se você trabalhava e terminava, ele pagava. Mas também era sofrer. Era sofrido.

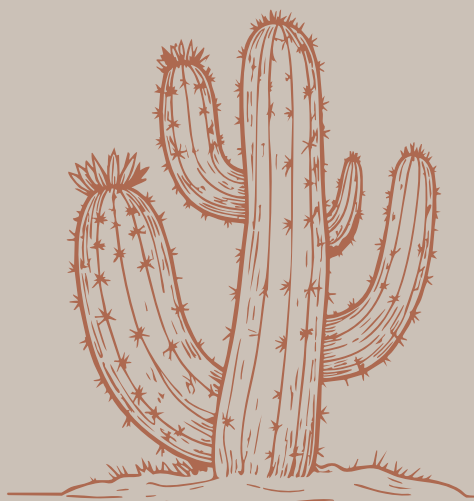
— **É, eu fico pensando, né? Porque o pessoal fala assim: Ah, ele criou seu avô, pegou seu avô para criar ainda novo. Me pergunto: criou ele de que forma? Porque não era filho legítimo, pau para toda obra e aí já os trabalhadores já sofriam...**

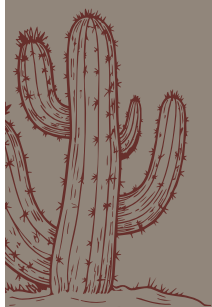
— **Eu não sei como foi a vivência deles, não sei. Porque os próprios filhos dele saíram e largou ele lá. Mas é uma história longa.**

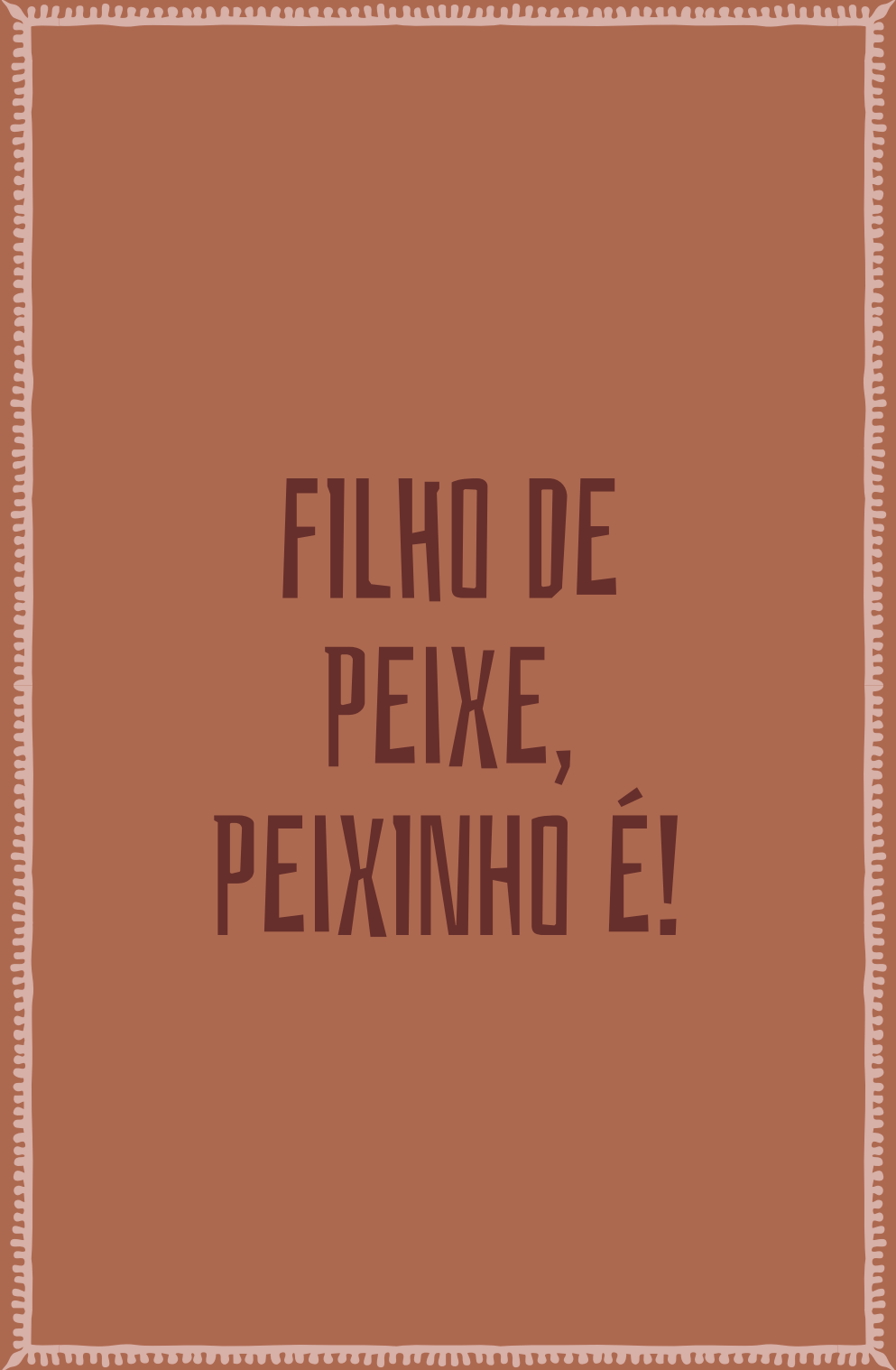


PARTE II —

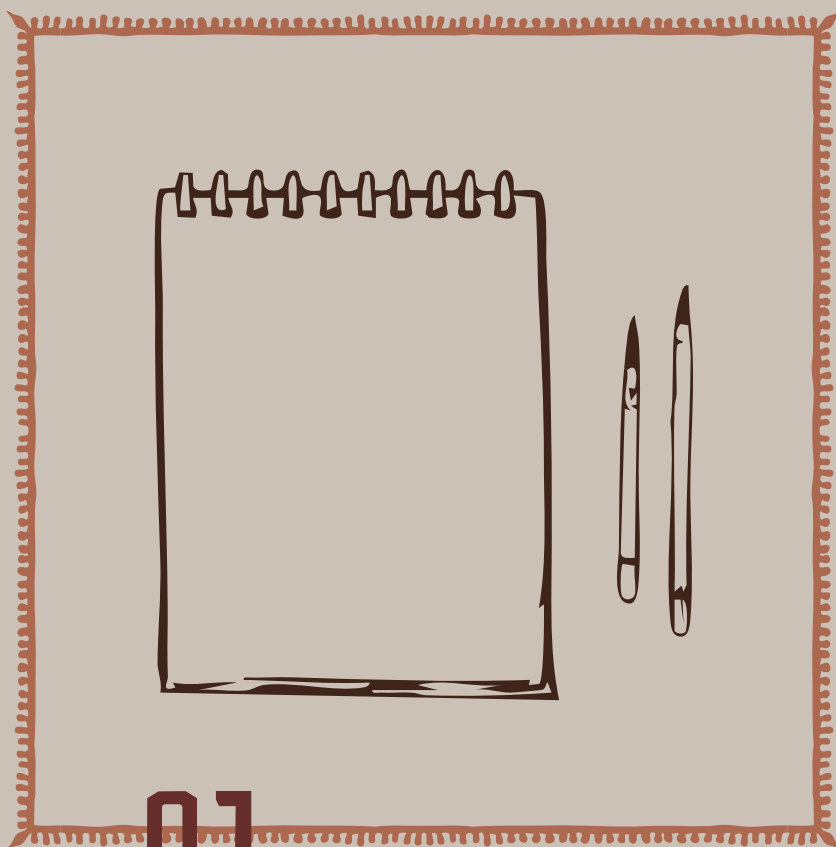
Interior da Bahia







FILHO DE
PEIXE,
PEIXINHO É!



01



FUI CRIADA POR UMA MULHER PRETA, E DELA VEM BOA PARTE

da educação e dos valores que carrego. Sou filha de Domingas, professora da educação infantil, a primeira da família a entrar numa universidade pública. Aos 27 anos ela se formou em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia, mas não foi fácil. Teve que tentar o vestibular três vezes — duas em Bom Jesus da Lapa e, só na terceira, em 2000, conseguiu a vaga na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Riacho de Santana. Quando concluiu a graduação eu já dava chutes dentro de sua barriga e Gessé era bem pequeno na época, com quase três anos.

Muitos dos meus professores foram colegas de mainha na faculdade. Imagina a pressão para eu me comportar na escola! Mas, confesso, adorava quebrar as regras — e mais de uma vez fui parar na diretoria. Mesmo assim, sempre me dediquei aos estudos, por prazer. Ela me incentivou a mergulhar no mundo dos livros, mesmo sem condições de comprá-los. Fazia de tudo: desde abrir uma ficha na Biblioteca Municipal no nome dela para que eu tivesse acesso a obras literárias, até lutar para me matricular numa escola particular. Pelo menos até concluir a alfabetização. Sabia, por experiência própria, as limitações do ensino público — ela trabalha em creches do município e conhece bem a realidade.

Domingas é minha maior referência. Lembro, com os olhos cheios d'água, da época da pandemia, quando pude acompanhá-la de perto na função de professora. Aquele período nos aproximou ainda mais, mesmo eu tendo crescido sob seu teto. Foi quando entendi de onde vem uma das minhas marcas: a dedicação. Com a necessidade de adaptar as aulas para o online, a ajudei a construir seus materiais didáticos. Vi mainha transformar as paredes de casa num cenário de ensino — cheio de numerais, letras do alfabeto, investindo do próprio bolso em iluminação e recursos pedagógicos. Minha tarefa? Registrar

tudo em vídeo para os alunos. Era divertido vê-la exercer com tanto amor a profissão que escolheu. Pensava: “Esses alunos nem sabem a sorte que têm”. E, confesso, sentia ciúmes. Muito ciúmes! Eles roubavam a atenção que eu tanto queria dela.

Antes da pandemia, mainha já vivia correndo. Foi assim durante o meu crescimento. De manhã, revendia produtos da Natura e da Avon pelas ruas de Riacho de Santana (BA). No começo, ia a pé, de casa em casa, oferecendo algumas vezes prazos de 30 dias para pagamento. Até que comprou sua primeira moto: uma Honda Biz. Lembro do dia em que meu pai a ensinou a pilotar e ela bateu num poste. Mas, como eu disse: ela é persistente. Aprendeu e hoje é conhecida pela Biz vermelha, que virou sua companheira de trabalho — e quase uma extensão dela.

Essa conversa aconteceu durante minha viagem à Bahia, quando fui coletar depoimentos para mais uma etapa deste livro. Meu objetivo era garimpar memórias daqueles que nunca tiveram coragem de deixar sua terra, sua comunidade e seus amigos para tentar a vida na cidade grande — gente que também conheceu meu avô. Queria entender: o que leva alguém a deixar tudo para trás, como fez meu avô e tantos outros? E, principalmente, o que motiva quem fica, mesmo quando a vida é dura? No Nordeste, como sabemos, o jeito é “se virar nos 30”. É por isso que minha mãe enfrenta a dupla jornada. Domingas, uma das participantes desse livro, é filha de quem partiu e voltou, mas ela mesma nunca quis se mudar da sua terra natal. Herdou a coragem do pai, só que expressa de outra forma: na rotina exaustiva de quem dribla a falta de recursos com trabalho incansável. Pela manhã, vendendo produtos da Natura; à tarde, cuidando da educação de crianças na creche; à noite, preparando tudo para o dia seguinte. Muitas vezes, sozinha. Trabalho dobrado para garantir o mínimo — a pura essência do modo sobrevivência.

O dinheiro que conquistou com esforço era o passaporte para o básico. Quando não podia contar com o marido, nem com os filhos, a corrida contra o tempo se intensificava: arrumar a casa, pôr a comida no fogo, tudo num ritmo frenético antes do turno da creche ao meio-dia. Nesse dia, a rotina parecia mais leve, mas o ritmo acelerado com que raspava a cenoura revelava o peso do hábito enraizado nela. Era sábado. Enquanto conversávamos, o cheiro de alho frito tomava conta da cozinha, envol-





vendo aquele momento em algo ao mesmo tempo cotidiano e cheio de significado.

— Todo dia de noite, depois que todo mundo tomava banho e jantava, pai sentava na porta e a gente sentava na mesa. Ele começava a contar sobre a vida dele, como é que foi. Ele dava os exemplos e aconselhamentos pra gente.

— A senhora se lembra de um dia específico? — pergunto curiosa.

— Não, sempre pai falava isso. Sobre a vivência dele, como é que era.

— Eu falo assim, por exemplo, se a senhora tem alguma memória de um dia em que vocês sentaram e ele contou alguma história que ficou marcada? — ainda insatisfeita.

— Ué, a gente sentava chupando melancia na porta, no terreiro, nas noites de luas claras. Quando a gente não ia para a casa dos vizinhos. Às vezes a gente saía nas estradas e ia para a casa dos vizinhos ou dos parentes, na parte da noite. Fazer uma visita a alguém. Quando a gente não ia ou não tinha lição pra fazer, ele contava as histórias pra gente. Começava a conversa contando sobre como é que ele vivia, como é que foi criado. Dos parentes dele... Vitorino deve ter contado muita coisa a respeito de pai para Edson. Edson foi criado com Vitorino praticamente. Saiu de casa bem pequeno para morar com Vitorino em São Paulo. Eu saí com 13 anos para trabalhar, depois de mim foi Duquinha. Bel saiu cedo, uns três anos primeiro que eu — conta.

— Tio Edson falou que quando tia Bel saiu para estudar vô gravou no pé de Juazeiro a data, é verdade?

— Não sei, não lembro disso não. Ela saiu cedo de casa.

— A senhora lembra dos conselhos que vô contava?

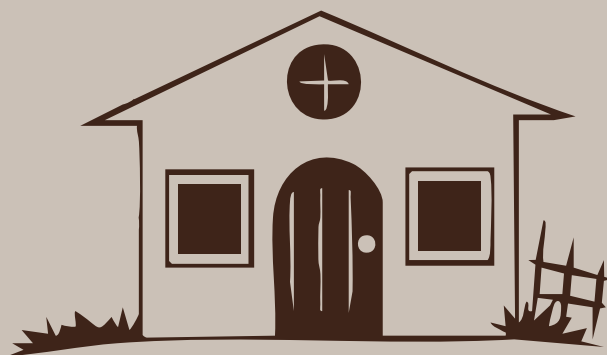
— Ele tinha um conselho que eu nunca esqueci e isso eu sempre levei para minha vida. Ele costumava falar que uma ovelha ruim bota um rebanho a perder. Também dizia: Cuidado com as más companhias. Cuidado! A sujeira de um preto no branco é muito mais fácil de ser visível. Se um branco se sujasse era mais fácil de se limpar, agora um preto quando fazia uma sujeira, era mais rápido de ser visto. Então, que a gente andasse direi-

to, não pegasse nada dos outros. Procurar falar sempre a verdade, doa em quem doer. Não mentisse para ninguém, não desse lugar para as pessoas desconfiar da gente. Obedecesse, que a gente sempre fosse obediente... Onde estivesse, sempre andar direito. Pois o defeito não era ser pobre. Ser trabalhador, cumprir com os deveres e andar direito. Isso ele sempre ensinou para a gente. Ele dava conselhos e mostrava os exemplos. Tinha uma coisa que ele falava muito também, das pessoas que poderia pegar uma coisa e dá para a gente carregar, enrolada em outra coisa, e sem a gente saber que está fazendo uma coisa errada. Ou se visse alguma coisa em algum lugar, que avisasse alguém e não mexesse. Para a culpa não ficar na gente. De ter pego, escondido, ou alguma coisa assim.



O BOM FILHO À CASA TORNA





02



NA VOZ SERENA DE GILBERTO GIL: AH QUE SAUDADE EU TENHO

da Bahia. Era isso que ecoava dentro de mim. Ah, se eu escutasse o que mamãe dizia é certo que eu jamais deixaria minha terra natal. Mas a vida me levou para viver cercada pelas montanhas de Minas Gerais, e quase dois anos após essa decisão retorno novamente às terras riachenses, mesmo que por um breve período de tempo. E no fim não é que mainha sempre teve razão? quem não ouve conselho, é pobre coitado! O retorno é movido por um único sentimento: saudade. Esse negócio louco que causa um aperto no peito. Foi uma escolha viver distante, hoje assumo que calculei mal as consequências. Foram 26 longas horas entre rodoviárias, estradas e trocas de ônibus — uma rotina que já conheço bem. A ansiedade batia forte. Nem ligações nem mensagens conseguiam matar a saudade do cheiro da comida baiana, do calor da minha gente. Descrever a Bahia é difícil; tem coisa que só se sente. E, confesso, eu estava inquieta. Da última vez, voltei cheia de expectativas e acabei me frustrando. A distância tinha me feito romantizar as memórias, esquecer que toda família tem seus conflitos. Dessa vez, resolvi baixar as expectativas — e, como sempre, fui surpreendida. Encontrei abraços apertados, brigas passageiras, reconciliação, comida temperada e, principalmente, aquela sensação gostosa de estar em casa.

Diferente da minha ida a São Paulo, essa viagem não era só pelo livro. Eu precisava descansar a mente, reviver lugares. Mas alguns espaços me trouxeram gatilhos. Até então, eu estava em paz comigo mesma, mas voltar mexeu com minhas inseguranças. Uma delas era o medo de ser “bruta no falar”, como sempre me disseram. Por tanto tempo acreditei nisso que acabei me calando pra não machucar ninguém. Preferia engolir as palavras — da dor interna eu já conhecia bem. Me esforcei para seguir com o planejado. Afinal, o objetivo do projeto também era encontrar forças para lutar contra as dores e os traumas.



No dia 4 de janeiro, depois de muita insistência, convenci mainha a me acompanhar até Bom Jesus da Lapa para visitar tia Maurícia, irmã de criação de vô Antônio. Ela já está com 95 anos, e eu pouco a conhecia. Levar minha mãe me deixou mais segura, mas ainda tivemos que resolver quem faria companhia para vó Maria. Meu pai topou cuidar dela. No dia seguinte, saímos cedo. Eu tinha deixado para preparar as perguntas no caminho, na van. Meu irmão caçula, Felipe Emanuel, resolveu ir junto. Chegamos à Bom Jesus da Lapa antes das 9h e, como ainda era cedo, passamos na gruta do Santuário de Bom Jesus para tirar umas fotos. Não ficamos muito — o dia prometia ser cansativo.

Mainha, sempre preocupada em não ser incômodo, sugeriu almoçar no Mercado Municipal antes de irmos à casa de tia Maurícia. Avisamos da visita em cima da hora, e ela não queria chegar na hora da refeição. Eu, faminta, nem liguei de adiantar o almoço — eram só 10h30. O local onde almoçamos não era distante. Quando chegamos, seu filho mais novo nos recebeu. Tia Maurícia, frágil, se apoiava num andador depois de uma queda recente. Pedi sua bênção, e ela logo reconheceu mainha. Aos poucos, entendeu quem eu era — disse até que eu parecia com tia Bel, filha do último casamento do meu avô. Expliquei o motivo da visita, e seu filho Nilton foi direto: “Nada de gravador”. Descobri depois que outras pessoas já tinham tentado entrevistá-la, e ela não gostou.

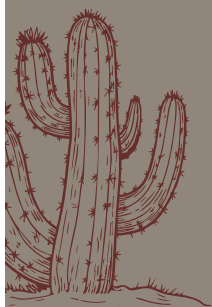
Fiquei nervosa, fui pega de surpresa. Não estava preparada para anotar tudo no caderno enquanto conduzia a conversa. Comecei com as perguntas que havia preparado, mas vi que não fluía. Tia Maurícia tinha dificuldade para recordar e se perdia nas memórias, isso quando conseguia acessá-las. Então mudei a estratégia: comecei a contar o que já sabia, e aos poucos ela foi se soltando. Seus filhos ajudavam, completando as histórias. Só quando já estávamos nos despedindo é que ela soltou uma revelação inesperada...

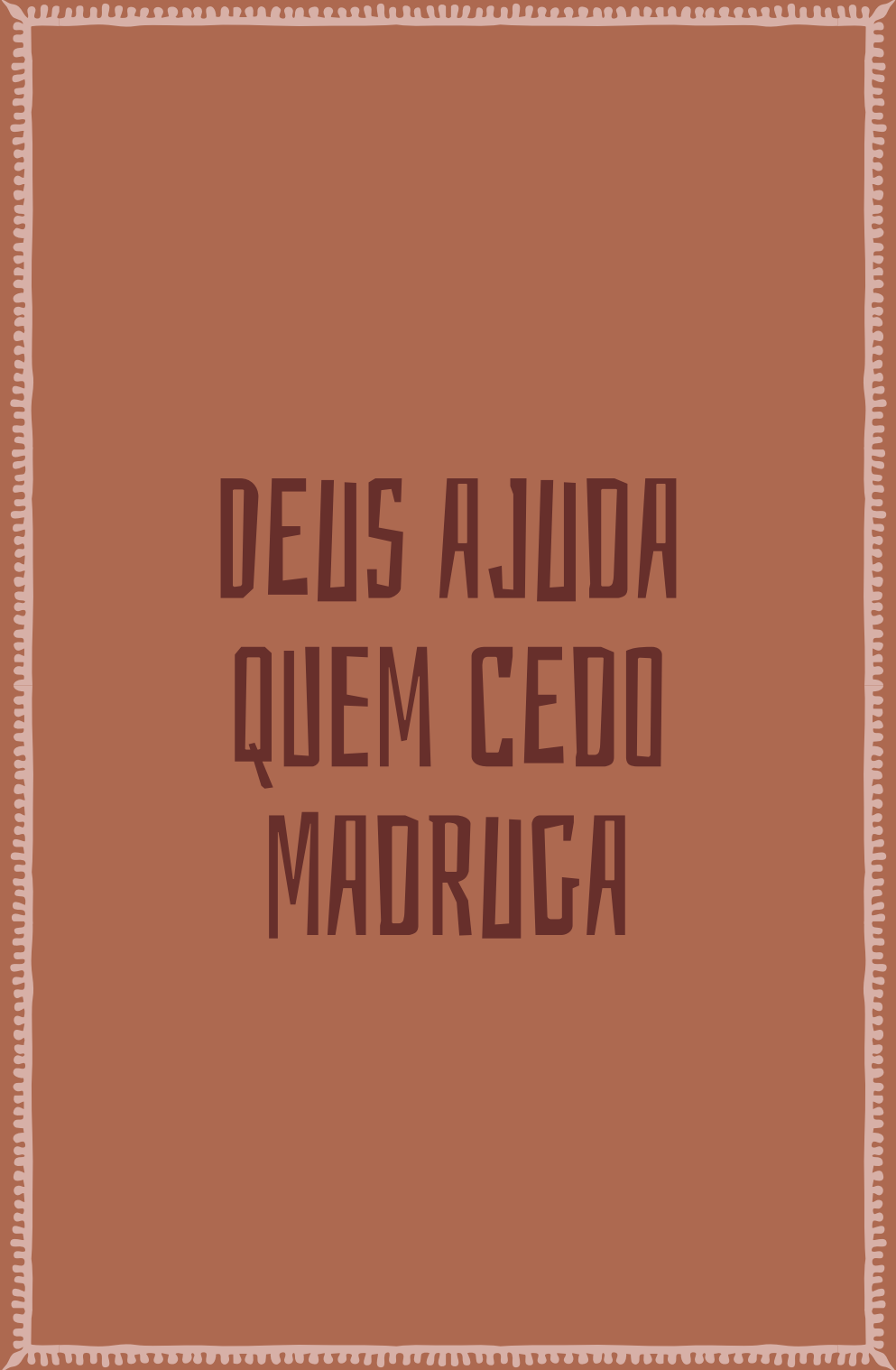
— Na época da festa do Divino, Tõe correu na cavallhada com um chapéu forrado. Lá na região da Batalha. Do lado do Cristão, com o chapéu azul — disse.



Achei curioso perceber como a memória funciona. Depois de tanto esforço para puxar lembranças, bastou um simples momento de despedida para que um detalhe importante viesse à tona. Saber que meu avô participou das Cavalhadas Mouramas — aquela tradição de origem católica — acrescentou novas camadas à minha busca. Andava querendo saber: até que ponto o cristianismo e o sincretismo moldaram a trajetória dele? Já tinha ouvido histórias sobre sua relação com o tambor, com as rodas de samba — sinais claros da resistência da cultura africana na nossa comunidade. Mas agora eu me via diante de outra pergunta: até onde os rastros da colonização ainda ecoavam em nossa história? Essa era a grande questão que me perseguia. A visita foi rápida. Tia Maurícia não aguentava ficar muito tempo sentada, e mainha estava ansiosa, com medo de estarmos incomodando. Além do mais, tínhamos que correr se não quisesse perder a van das 13h30.







DEUS AJUDA
QUEM CEDO
MADRUÇA



03



POUCAS VEZES ESTIVE NA COMUNIDADE DE RIACHO DE BAIXO,

mas cada visita ficou marcada na memória. A maioria delas foi na companhia de mainha, em busca de reencontrar parentes. Algumas, por causa dos cultos evangélicos no povoado de Lagunas, quando a família decidia participar. Saíamos cedo de casa, descíamos para a Moita de carro com tempo de sobra, sempre antes do horário do culto. Nessas ocasiões, não deixávamos de passar no Barro Vermelho para visitar tio Arlindo e tia Maurícia, que naquela época ainda viviam ali. A última vez que pisei naquelas terras foi ao lado de tia Bel, mainha e Carlinhos, filho de tia Olinda — uma das irmãs de vó Maria e de tia Maurícia. Esses encontros eram especiais: era quando tínhamos notícias frescas da família ou quando, por acaso, esbarrávamos com conhecidos na área urbana de Riacho de Santana. Tia Bel, que mora em São Paulo, tinha o costume de voltar à Bahia uma vez por ano. Suas visitas incluíam não só a família, mas também os parentes espalhados por Lagunas, Mocó e até Bom Jesus da Lapa. Ela havia passado parte da adolescência sob os cuidados de sua madrinha Neusa e de tia Maurícia — irmã de criação de vô Antônio —, o que explica sua ligação forte com aquela gente de lá.

Como o leitor deve se lembrar pelas palavras de tio Edson, desde os primórdios do povoado, havia uma divisão sutil entre quem vivia em Lagunas e quem era de Riacho de Baixo — muito por conta do tom de pele. O preconceito enraizado. Se olharmos para o tratamento dado pela sede do município, é difícil não notar o abandono que Riacho de Baixo sofre. Negligência pura, justificada talvez por sua localização, quase na divisa com Bom Jesus da Lapa e por ser uma das áreas mais secas do município. Riacho de Santana, encravado no Baixo Médio São Francisco, tem o ritmo lento típico do interior nordestino. Na área urbana, o sol inclemente racha o chão seco e as casas simples se alinham sob um céu azul sem perdão. A vida gira em torno da agricultura

familiar, do cultivo de feijão catador, mandioca, milho e algodão e dos festejos — sejam os religiosos, seja o aniversário da cidade, em agosto.

O contraste entre a área urbana e a rural em Riacho de Santana é um retrato cruel das desigualdades que moldaram o sertão baiano. Enquanto a sede do município é abastecida pela nascente do Rio Santana — com ruas pavimentadas, acesso a saúde precária mas existente, e um comércio que movimenta a economia local —, a zona rural vive à mercê da escassez. Lá, a água é disputada em poços artesanais, cacimbas e lajedos; ou armazenada nas caixas d'água instaladas no governo Lula, enquanto famílias dependem de carros-pipa em anos de seca extrema. Mas a disparidade vai além da infraestrutura: é herança de uma história de coronelismo e dominação fundiária.

Como em grande parte do sertão próximo ao Rio São Francisco, a ocupação dessas terras seguiu a lógica da grilagem e da doação de terras “inúteis”. Muitos fazendeiros, ao chegarem no século XIX com o intuito de explorar a região, depararam-se com a caatinga árida e solos pouco férteis. Sem condições de lucrar com grandes culturas, parte deles repassou lotes aos antigos escravizados — não por benevolência, mas em troca de servidão. Esses trabalhadores, agora “livres”, tornaram-se vaqueiros ou meeiros, presos às relações de dependência que perpetuavam o poder das oligarquias. Em Bom Jesus da Lapa e municípios vizinhos, como Riacho de Santana, esse processo deu origem a comunidades quilombolas e mestiças, muitas delas ainda hoje marginalizadas.

Na área urbana, o legado dos coronéis segue vivo nos sobrenomes que dominam a política local: Castro, Brito, Gondim — famílias que, por gerações, controlaram cargos públicos, terras e até o acesso a recursos básicos. O voto de cabresto, embora menos explícito, ainda ecoa na falta de investimentos em educação, cultura e políticas públicas para o campo. Enquanto isso, as comunidades rurais resistem. Suas paisagens são cortadas por cercas de arame que delimitam latifúndios improdutivos e trechos de caatinga, onde pequenos agricultores lutam contra a seca, o esquecimento e um sistema que os mantém à margem. A água falta, mas a dignidade teima em brotar.





Foi isso que me fez retornar. A busca pelo reconhecimento das histórias de pessoas sobreviventes e com uma trajetória de vida inspiradora. Dois dias antes do meu aniversário, acordei cedo, às 6h em ponto, com um misto de ansiedade e medo — aquele temor irracional de morrer aos vinte. O destino era claro: Barro Vermelho e Riacho de Baixo. Depois de tanto adiar, finalmente iria voltar ao começo. E decidi não avisar ninguém das comunidades. Confiava que o destino se encarregaria de tudo. Fui de moto com Felipe Emanuel. Mainha intercedeu e meu pai acabou cedendo o veículo. Abastecemos e partimos. A paisagem, agora verdejante por causa das chuvas de Ano Novo, era um alívio. Quando cheguei à Bahia, semanas antes, o peito havia apertado ao ver a seca castigando gente e gado. Trazendo à memória lembranças de momentos difíceis. Novembro e dezembro foram cruéis, quem arriscou plantar perdeu tudo. Meu pai foi um deles. Mas a chuva renovou a esperança. Como se diz: tarda, mas não falha.

A estrada, esburacada, sacudia a moto a cada “costela de vaca”, mas eu mal notava. Estava absorta, revivendo lembranças de tantas idas e vindas por aquele caminho: com meu pai, sozinha, de ônibus nas férias... Quase um ano longe me fez esquecer o cheiro do mato, o calor que queima mas, também, acolhe. A sensação de tranquilidade. Chegamos à casa de Nadir, irmã de tio Zé, ainda pela manhã. Combinamos de voltar às 11h para o almoço — mainha insistiu para que sua casa estivesse no itinerário, preocupada que a gente não comesse direito. Tinha certeza que seríamos acolhidos lá. Descemos então até Dona Supriana, antiga conhecida de vô Antônio. Ela estava varrendo o terreiro quando chegamos:

— Essa é a casa da Dona Supriana? — perguntei, e ela confirmou, ainda desconfiada.

Me apresentei: neta de Antônio Preto. Seus olhos iluminaram.

— Sim! — respondeu, abrindo um sorriso. — Entre, minha filha.

A casa era simples, mas aconchegante. Seu filho mais novo nos acompanhou, e no meio da conversa, veio o convite:

— Quer um café?

Aceitei, é claro.

— Eu preparei algumas perguntas, mas acredito que seja melhor que fique parecendo uma conversa normal. Vou deixar a senhora falar, ao invés de só ficar perguntando...

— Sim, fala — disse.

— A senhora se lembra de algum momento em que meu avô dava conselhos a senhora?

— Ele sempre aconselhava meus meninos. Porque eles eram pequenos. Aconselhava muito para não fazer as coisas erradas, para fazer tudo direitinho. Sempre os meninos acompanhavam... Os conselhos que ele dava. Ele morava aqui embaixo, aí depois mudou lá pra riba. Já ficou mais ruim pra gente. A filha dele dava escola, os meus meninos ia para lá. Como era...

— Tia Duquinha? — pergunto.

— Duquinha, é. Duquinha dava escola para eles.

— Então os meninos da senhora tomou aula com tia Duca? — busco confirmar...

— Tomou. Você é o quê dela?

— Eu sou filha de Domingas.

— De Domingas, né? — Ela se recorda e abre um sorriso — Ah moça, eu conheço Domingas.

Voltei a afirmar que Domingas era minha mãe e o motivo de eu estar na casa dela tão cedo. Dona Supriana me escutava com atenção, sentada numa cadeira de plástico verde, na salinha simples da casa. As paredes, também verdes, tinham algumas fotografias penduradas. Era bem cedinho e, pelo avental vermelho cobrindo sua roupa, dava pra ver que ela já começava a labuta junto com o nascer do sol. Os cabelos brancos, escapando do lenço laranja, contavam o tempo e a história daquela mulher experiente. Mas o que realmente me deixou à vontade foi a humildade estampada no seu rosto — aquilo ali me fez sentir em casa.

— Eu estou estudando jornalismo e já quase formando. O que tenho feito tem sido escrever sobre a história de vô Antônio. Já fui para São Paulo ouvir algumas pessoas da família e amigos, inclusive conversei com tia Duca, tio Edson e tio Vitorino. Entendi que precisava vir aqui também,





né?! Eu bati um papo com Zezinho. Tio Zé falou assim: você precisa ir conversar com Dona Supriana que ela é quem tem as histórias de lá. É quem sabe, pela idade e pela experiência, né?! — disse.

— Mas já tô caducando, minha filha. Eu já estou com noventa e três anos.

Fiquei surpresa:

— Noventa e três anos? A senhora está forte, andando pra cima e pra baixo...

— Tô andando minha filha, parece que na força. Porque dei desgaste na coluna e não aguento caminhar. De jeito nenhum. Eu fico só aqui mesmo, dentro de casa.

— E a senhora mora aqui a quanto tempo?

— Nasci e criei aqui.

— Então a senhora mora aqui há noventa e três anos? — A resposta viria a confirmar que eu estava diante de uma figura simbólica para nossa comunidade.

— É. Tem mais, porque minha mãe nasceu e criou aqui. Eu nasci e criei aqui. Tudo aqui nesse lugar. Nunca mudou para outro canto. Desde quando minha mãe morreu, eu fiquei com quatro anos de idade, quem me criou foi minha avó. Lembro de minha mãe, mas não tenho quase lembrança dela. Meu pai, quando foi embora para São Paulo, eu era menina, estava com dez anos. Eita, mas gostava dele. Saiu escondido de mim.

— Deixou a senhora e nunca mais voltou?

— Nunca mais voltou. Chegando lá ele casou duas vezes. Lá no São Paulo. Tanto que eu tenho três irmãos, mas não conheço. Já fizeram pesquisa pra ver se encontrava alguém, mas não encontrou. Porque ele não deixou nome e nem falou como que era, se era daqui da Bahia, a gente não sabe. Não encontrou rastro nenhum.

— E São Paulo é grande né, pra achar ali é difícil — comento imaginando a dificuldade que seria para localizar alguém em meio ao fluxo da correria na metrópole.

— É, é grande! Nós éramos dois irmãos. Morreu um e só ficou eu. Não tenho irmão, mas tinha vontade de ter.

— A senhora teve quantos filhos?

— Eu tive doze filhos. Criei dez. Aquele dali já morreu.

Ela aponta para as fotografias na parede. Em meio a vários rostos parecidos busco entender sobre qual filho ela está se referindo.

— O de cá?

— Sim!

— Qual o nome dele?

— Esse aí era Maro! E esse de cá, João. Esse, Vicente. Esse aqui, Pedro — o orgulho na voz é perceptível.

— Os quatro são filhos da senhora?

— Isso, e aqui é os netos — aponta para outras fotografias — aqui é eu e meu marido...

— Firmino?

— É, e aqui é neta.

O brilho nos olhos de Dona Supriana revela o amor que sente pela família. As fotos espalhadas pela parede da casa afirmam o seu jeito de mantê-los sempre por perto. Ela mora com dois de seus filhos: o caçula, que não sai do seu lado e vive sob seus cuidados, e outro que, na hora da nossa visita, estava trabalhando na roça. Quem a ajuda nos afazeres domésticos é a nora, responsável por colocar as panelas no fogo.

Aproveitando que ela falava sobre a família, perguntei sobre as mulheres que foram esposas de Antônio Preto.

— A senhora chegou a conhecer a mulher do primeiro casamento de vô Antônio?

— Conheci a finada Madalena. Eu conheci.

— A senhora se lembra de ter ficado sabendo na mocidade sobre como é que eles se conheceram?





— Não sei, minha filha. Porque ela morava lá para baixo. E nesse tempo não tinha esse andamento de gente como tem agora. Era mais parado. Era mais difícil de caminhar. Se suncê descer aí embaixo tem as meninas que labutou muito mais ele ainda, as meninas do finado Justino.

— Dalva, né?

— É. Dalva e Eresinha — responde confirmando que estou no caminho correto.

— Eu vou descer até lá para ouvir o pessoal. Foi o cunpadre Justino que criou ele. Consequentemente, elas devem também conhecer sua história.

Pergunto sobre as missas na região, mas percebo um certo desconforto no ar. Ela não alonga o assunto e eu não insisto. Em vez disso, trago à tona uma estratégia que já havia funcionado com tia Maurícia, lá na Lapa: provocar a memória a partir de fragmentos de outras histórias.

— Tem alguma lembrança que a senhora tem de algum dia especial em que encontrou com vô e teve alguma conversa importante?

— Sempre que a gente se encontrava, a gente conversava. Conversas assim mesmo do cotidiano — responde, tranquila.

— O pessoal fala muito que ele dava conselhos para casamentos e que tinha muito afilhado por aí, é verdade?

— Tinha mesmo, tinha muito afilhado. Esse último menino da fotografia aí mesmo era afilhado dele.

— Esse primeiro? — pergunto, me virando para a foto.

— Sim, esse que morreu.

Era seu filho Maro. A curiosidade me leva a perguntar sobre os batizados daquela época:

— E como é que foi, ele batizou na igreja?

— Isso, mas não foi mais a última mulher dele não. Batizou junto com uma cumadre que eu tinha. Ele era moço nesse tempo e casou com a mãe dela. Eles moravam juntos. Tudo numa casa. Eu dei o menino para batizar e ele fez. O padrinho que era pra ser foi embora para São Paulo e deixou para ele batizar o menino mais a mocinha.

— Então ele batizou o menino e a moça da senhora? — pergunto, confusa.

— Não, a moça era ele que criava. No jeito que era filha, mas não biológica. Era da mulher que ele casou, com uma viúva.

— Foi o primeiro casamento dele?

— Não, no primeiro casamento ele casou com uma moça. Aí agora Madalena morreu e ele casou com Evarisca e a filha se chamava Avelina, que também já morreu, que é a mãe daquela nora minha. Eu dei ele o menino para batizar, mas o companheiro dela saiu e falou com ele que batizasse o menino no lugar dele. Ele batizou. Agora eu chamo cumadre Maria de cumadre porque ela se casou com ele. Ela gostava muito dele, viu.

— Então a senhora chegou a conhecer vó Maria quando era mais nova?

— Conheci menina, minha filha. Conheci cumadre Maria menina. A família dela morava aí na Moita. Ela é filha do Zé Caboclo, né?

Confirmo que sim.

— Vó Maria sempre foi assim, daquele jeito dela? Porque hoje em dia ela tem muita crise, de perder o juízo.

— Eu sei. Não, ela não era assim não. Depois foi que pegou isso. Ela casou e tudo. Morou muito aqui ainda, no Riacho de Baixo.

— Então foi depois de casar que ela mudou?

— Depois que ela casou, que mudou para lá e aí agora ela ficou assim.

— Tendo muita crise, né? Sabia que ela tá morando lá em Riacho de Santana. Voltou a ser cuidada por mãe. Veio de São Paulo. Os outros filhos ficaram cuidando dela por um bom tempo. Já deve ter um ano que está por aí.

— Ô gente, queria ver...

Pergunto se ela ainda visita Riacho de Santana, mas a resposta é rápida:

— Não, agora não vou em lugar nenhum, minha filha. Não posso ir em canto nenhum, só aqui mesmo dentro de casa.

Comento sobre a chuva recente, tentando manter o assunto leve.

— Aqui parece que choveu muito, né? Para esse lado de cá.





— Choveu muito, mais tava seco, viu. Eu já estava até pensando assim: Meu Deus, será que não vai chover mais?

Ela faz uma pausa e muda de assunto:

— Vocês não bebem café não?

— Bebo.

Ela se levanta para servir e me ofereço para ajudar. Aproveito para trazer um nome que ouvira em outras conversas:

— A senhora chegou a conhecer Domingos?

— Que Domingos?

— Me falaram que teve um Domingos que morava perto daqui, irmão de vô Antônio.

Felipe intervém:

— Filho, não era não?

— Irmão.

Dona Supriana franze a testa, buscando na memória:

— Não conheci Domingos não. Eu alembro dele uma vez, que estava na Casa de Farinha, mexendo no forno. Mas aí eu não conheci ele não. Eu era pequena nesse tempo.

Pergunto sobre o funcionamento da Casa de Farinha, tentando visualizar a cena:

— E como é que funcionava? Quem ia pra lá? — Noto que ela ainda não tocou no café. — A senhora não vai beber não?

— Não. Depois, era roda assim... de relar mandioca. Sabe?

— Todo mundo da região plantava a sua e ia relar lá?

— Era. Ia relar lá. E vinha pra cá. Aqui que era a Casa de Farinha. Nesse lugar.

— Aqui?

— Sim. Foi indo e acabando tudo, e aí agora acabou.

— Quem participava do trabalho? — A pergunta parece reacender lembranças.

— Os povos que tinham roça de mandioca. Tudo vinha fazer farinha.

— Mas era só as mulheres que faziam ou os homens ajudavam?

— Os homens arrancavam a mandioca; as mulheres rapava, relava, e depois ia tirar a tapioca. Ela faz um movimento com as mãos, como se ainda estivesse espremendo a massa. — Passava tudo na mão assim, ó.

— E depois vendia?

— Vendia, fazia beiju, essas coisas. Tinha mulher que tirava saco cheio de tapioca.

De repente, ela olha para o lado, procurando alguém:

— Cadê, Zé está aí ou não? — Talvez tenha associado minha presença à indicação de Tio Zé, imaginando que ele estivesse por perto, visitando a família na região.

Então explico:

— Ele falou que vem no final de janeiro ou início de fevereiro. Está doido pra voltar pra cá.

— Sempre quando ele vem, ele aparece aqui e proza mais eu.

— Ele gosta, né? — Comento sobre nossa passagem pela casa de Nadir, que nos orientou direitinho. Um silêncio longo se instala, até que Dona Supriana quebra o clima, a voz baixa...

— Pois é, minha filha. Eu labutei muito com o cumpadre Antônio. Homem bom. Ele aconselhava muito o povo, aqueles mais novos... — Ela para, como se revisse cenas. — Não conheci mãe dele e nem pai.

Confirma o que já havia ouvido de outras pessoas:

— É, o povo fala que ninguém conheceu. Tia Maurícia, filha do véi Justino, contou que a mãe dele morou aqui, foi pra Guanambi, voltou e trouxe ele pra morar com o cumpadre. Depois, sumiu — digo.

Ela corrige, surpresa:





— Domingos eu conheci, aliás. Lembro dele uma vez. Não sei se foi pra São Paulo...

Menciono a possibilidade de terem sido três irmãos: Domingos, João e vô Antônio. Ela hesita:

— Agora não sei... Parece que minha vó falava que tinha uma filha mulher. Mas eu não alembro não. Só deles dois. O cunpadre Antônio ficou... o outro, não sei pra onde se meteu. Acho que não morreu não.

Mudo de assunto, tentando situar a época em que ela conheceu vô Antônio:

— Quando a senhora o conheceu, ele já tinha quantos anos? Foi perto de casar com Madalena?

— Eu conheci ele solteiro. Foi depois que casou com Madalena.

— O povo fala que ele tocava sanfona, né?

— Tocava.

— Teve ainda o menino Du, que aprendeu também.

Ela desvia o assunto:

— De primeiro, a gente quase não dava pra caminhar, porque era tudo longe. Sempre que eu ia no Riacho, encontrava Domingas... Agora não encontro mais.

— Ela ainda está lá, revendendo Natura e Avon. É professora também. Os outros filhos de vô, seus irmãos, foram todos pra São Paulo. Menos o filho de fora dos casamentos, que vive na Lapa.

Dona Supriana se surpreende:

— Mais e Teonilo, ainda é vivo?

— Não. Faz uns cinco anos ou mais, né, Felipe? — Ele confirma — Teve problema no fígado, acho que por causa da bebida. Mãe falou que vô também bebia um pouco.

— Ele bebia mesmo. Mas não era pra cair não. Ele bebia e ficava muito era alegre, mais conversava, minha filha...

— Gostava de conversar, é?

— Conversava, hora que ele bebia assim... Mais conversava, viu? Não caia não, pra deitar.

Pergunto sobre o hábito:

— Tomava uma cachaça então?

Ela ri, mas logo volta a falar da própria saúde:

— Não estou andando. Ando com um cacetinho na mão. Parece que disseram que a coluna saiu do lugar.

— O nervo?

— Sim. Só revolve operando, só que eu não posso operar.

— Por causa da idade. Noventa e três anos, né?

— É. Trabalhei muito na roça, fiz serviço que... é pesado — Sua voz carrega o peso das décadas — Carreguei madeira no ombro, capinava de enxada. Pra criar esses meninos, naquele tempo era ruim. Era ruim.

Comento sobre o clima seco, que tornava tudo mais difícil, e pergunto se ela chegou a plantar algodão.

— Não. Plantava um pouquinho, só a quantia de fiar.

— A senhora fiava também?

— Fiava.

— Fazia lençol?

— Fazia. Tecia. Eu tinha tudo. Tecia bitu, pano branco, um pano chamado riscado... Você não conheceu, né?

— Riscado? Não.

— Porque os homens mandavam fazer a roupa, né? Roupa pra homem, com pano riscado.

— Então a senhora mesma fazia as roupas dos seus filhos?

— Fazia. As de algodão.

— Aqui também era difícil ir pra Riacho, né?





— Era difícil, moça. A gente ia a pé — Ela ergue as mãos, como se medisse a distância. — Saía daqui sexta-feira, chegava lá sábado, fazia a feira, botava nas costas e voltava. Nossa, era difícil. Aí foi aparecendo carro, animal de carga... Agora todo mundo tem carro. Só eu que não.

— Carro e moto!

— Mas agora Deus ajudou e tá fácil. As coisas melhoraram. Você saía hoje pro Riacho e chegava amanhã.

— E quando adoecia?

— Não tinha hospital não. Tinha as raízes de pau. Deus ajudava que sarava. Pra fazer exame, era difícil.

Felipe lembra:

— Benzia muito também, né?

— É, benzia. Tinha os benzedor.

Tento recordar o nome que ouvi:

— O povo fala de um... véi Firmino... Não...

Felipe sugere:

— Justino?

— Não. Tinha um cara lá pra baixo que benzia.

Dona Supriana tenta acertar: — Era Zé de Marinho, não?

— Acho que não... Mas talvez pode ser! Esse ficava aonde?

— Esse já morreu. Tem uns tempos já.

— Tinha um na Cabeça do Boi?

— É esse mesmo.

— Então o povo levava pra benzer. O hospital era mais difícil, né?

— E o dinheiro? Tudo era difícil. Mas Deus ajudou que melhorou.

Pergunto sobre os remédios naturais:

— Era raiz e folha de pau. E Deus ajudava. Agora esses remédios não servem. Acho que a doença se diferenciou.

— E os meninos eram mais fortes. Ouvi na casa de tia Maurícia que bebiam água barrenta da cacimba e não adoecia — comentário.

Ela ri, como se revivesse a cena:

— Era, moça! Água barrenta. Tinha lugar que dava água branca; outro, água vermelha. Pra pegar, tinha que limpar. Moça, onde eu pegava era água misturada com sapo!

Rimos juntas e aproveito para puxar outro assunto:

— E a senhora está aí, cheia de saúde. Criou muito gado por aqui?

— Eu criava, minha filha. Agora não. Só uns dois. De primeiro era solto. Todo mundo criava junto. Agora não: tem que ter roça pra sustentar, senão não pode.

— Quando criava solto, tinha cerca?

— Isso aqui não tinha cerca. Era o matão.

Ela explica que as terras dali pertenciam a Justino, o criador de vô Antônio. Depois da morte dele, foram divididas entre os filhos e Zé Bonzim comprou uma parte.

— Mãe fala que ele comprou as terras onde ficam as paredes da casa velha de vô, no Barro Vermelho — comentário.

— Foi. Lá em riba foi ele.

Gostaria de saber o temperamento de Justino.

— Ele era atencioso com o povo. Tinha a venda. Melhorou quando ele botou ali. O cumpadre Antônio tomava conta, vendia as coisas.

— O povo diz que ele também era vaqueiro.

— Era ele e o finado Roberto. Vaqueiros de Justino. Roberto morreu logo depois.

— Criar gado solto dava mais trabalho?

— Era mais fácil, minha filha. Deixava no mato, e os vaqueiros iam olhando. Cada um cuidava do seu.



Ela menciona Marcolino, dono de muito gado, e como os animais bebiam no Riacho de Baixo. Falo de um poço no Lajedo, que Tio Vitorino disse ter sido feito por vô Antônio.

— Ele botou fogo, jogou água fria e a pedra estourava.

— O povo chamava de caldeirão. Agora falam ‘poço’, mas naquele tempo era caldeirão.

Pergunto sobre a seca de 1979.

— Eu não saí daqui não — ela descreve a água das cacimbas, misturada com lodo e até urina de sapo — A gente botava no pote, ficava vermelho que nem ferrugem. Tinha que ariar pra tirar — Vocês vieram do Riacho hoje? — muda o assunto.

Explico nosso trajeto: passamos por Nadir, depois estamos pretendendo ir até a Dalva e Dona Esperança, e por fim passar lá em Tio Arlindo.

Dona Supriana nos orienta:

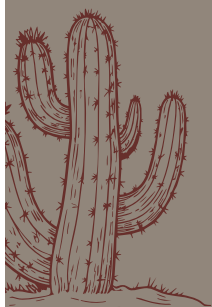
— A casa de Dalva e Eresinha é frente com frente.

— Acho que sei. Fica perto da escola com o nome do cumpadre Justino, né?

— Tem. Esperança tá na casa do genro. Ela tava doente, a filha cuidando. Fica longe pra filha ir e vir, por isso ela foi pra lá.

— A casa do genro é por aqui?

— É em Riacho de Baixo, perto da casa de Dalva e Eresinha.



O HOMEM
É SENHOR DO
QUE PENSA E
ESCRAVO DO
QUE DIZ



04



A CONVERSA COM DONA SUPRIANA FOI BREVE, MAS PRECIOSA.

Cada palavra dela ia costurando as histórias que eu vinha recolhendo como quem junta fragmentos de memórias. O caldeirão de água no lajedo, os mais de cem afilhados, os conselhos que ecoavam pela comunidade — tudo se repetia, teimoso, na voz de cada pessoa que encontrava. É fato que a sua trajetória envolveu corpos, lugares e sentimentos diversos. Por isso, estar de volta onde boa parte de sua vida foi traçada também foi marcante para mim. Era como se vô Antônio tivesse deixado marcas tão profundas naquelas terras que nem o tempo conseguia apagar. Quando cheguei às ruínas da antiga Casa de Farinha, parei. As paredes ainda resistiam, orgulhosas, enquanto o telhado pendia num suspiro derradeiro. Cada tijolo gasto que ainda resistia ali ecoava pedaço da história de tantas vidas: das missas anuais, das rezas, do samba que rolava solto depois do trabalho duro. Ali se plantava, se colhia, se transformava mandioca em farinha — um saber ancestral que teimava em sobreviver. Um território que, apesar dos rastros da colonização e da escravidão, vivem famílias que mantêm vivas suas origens indígenas e africanas. Basta olhar e perceber as características presentes no vocabulário, nos traços marcados na pele, nas vestimentas e na própria comida. Tão forte como a cultura que resistiu às tentativas de apagamento, também é possível perceber a presença do racismo e do machismo, as dores que ninguém gostava de mencionar, mas que estavam ali, escondidas no meio das risadas.

Porém, há muito do que se orgulhar. A força daquelas mulheres pretas, mães e avós, que muito carregaram mundos nos ombros para proporcionar algo melhor para os seus. Mulheres como Helena, Dona Supriana, Eresinha, Dalva e tantas outras que pude voltar a rever e reconhecer. Que a história oficial negligência todos os dias. É delas que venho e me encontro. Algo que só é possível graças ao desejo de voltar ao passado.



Quando cheguei na casa de Dalva, depois de passar por Eresinha e encontrar Joelma, sua filha, fui recebida com aquele olhar de quem reconhece mesmo depois de anos. “Mas a filha de Domingas está diferente” disseram. Ambas, se recordavam da minha imagem pela última visita. Quando fui em companhia de tia Bel. É claro, eu tinha mudado muito mesmo — no corpo, nas tatuagens, no jeito de olhar o mundo. Tudo novidade! Mas ali, naquele lugar, o tempo parecia passar tão devagar. As galinhas ciscando, a charrete enferrujada, as cadeiras de plástico na varanda — tudo parecia conservado e me levava de volta à infância na casa de vô Ana, a mãe de meu pai. Deixei a imaginação voar: como teria sido crescer ali, com vô Antônio presente, suas histórias embalando meus dias? Que memórias teríamos construído juntos nesse pedaço de chão que teimava em guardar tanto dele?

Expliquei minha abordagem já no início, para que ela se sentisse tranquila:

— Falei pro pessoal que preparei perguntas, mas não tô seguindo elas. Não quero algo mecânico, só perguntar e vocês responderem. Quero ouvir as histórias. Como a senhora cresceu com vô Antônio por perto, queria saber se tem alguma lembrança especial dele? — foi o que disse a Dalva.

— História eu não tenho não, agora, lembrança dele, só lembrança boa! Muitas lembranças — Ela respondeu com simplicidade.

— A senhora é irmã de Eresinha, são irmãs juntas ou não? — Tentei entender melhor os laços familiares, por isso o questionamento era se elas eram gêmeas.

— Não, só por parte de pai. Eu, Eresinha e Cleusa somos irmãs só por parte de pai. A mãe de Vicente, Maurícia e Neco era outra.

— Então a senhora foi criada junto com meu avô?

— Foi, nós foi criado junto. Nós tinha ele como pai na verdade, nem era como irmão. Porque ele era mais velho.

Questiono se ela sempre morou por ali:

— Nasci e criei aqui. Nunca saí, só mesmo pra ir em São Paulo a passeio. Eu e Eresinha nunca saímos daqui.



Mudei para um tema que sabia ser importante na comunidade, antecipando que ela teria muito o que falar:

— O pessoal conta que tinha muita missa aqui. Como funcionava?

— Tinha missa, de ano em ano. Todo vinte e dois ou era vinte e três de julho tinha missa aqui.

— E tinha algum santo padroeiro da comunidade?

— Tinha. Pai tinha uma devoção com Nossa Senhora da Conceição.

Acabei me recordando da informação que tia Maurícia havia me contado:

— Lá na Lapa, tia Maurícia mencionou que vô participou das cavalhadas na Batalha, nas corridas de cavalo...

Dalva confirmou, rindo:

— É, moça, no tempo dele ele era farrista demais. Pra você ver, ele tem uma filha do outro lado do Rio Grande, que hoje em dia é a Agrovila.

Joelma ajudou a contextualizar:

— Ela tá falando de vô Antônio, tia.

— Tô pensando que era vô Justino — Dalva corrigiu — Era, meu padrinho só andava montado a cavalo.

Surpresa, perguntei:

— Ele era padrinho da senhora também?

— Era. Seu avô Antônio era meu padrinho. Ave Maria... — Ela fez uma pausa, revivendo a memória — Quando era criança, se alguém chegasse aqui... antigamente o povo gostava de debochar da gente, mas eu achava ruim. Um dia uma mulher falou assim: “Seu padrinho é Antônio Preto”. Pra quê, moço? Mas eu achei ruim. Chorei, chorei. Aí, antes de acabar a brincadeira, ele chegou montado num cavalo. Alembro como hoje. Com um embornal — porque antigamente o povo não carregava nada em sacola, era no embornal de pano. Chegou com ele cheio de cheiro verde, cebola e coentro. Eu corri pra contar:

— **Ô meu padrinho, tia Cândida tava chamando o senhor de Antônio Preto!**

Ele falou:

— É assim mesmo, minha filha. Deixa pra lá. Se chamasse Antônio Branco estava mangando.

— Eu não esqueço disso. Era pequena, achava que estavam desfazendo dele.

Dalva continuou, mudando de assunto:

— Eu alembro muito da casa do seu vô era dos tachos de requeijão.

— Vô Antônio fazia tacho de requeijão? — perguntei, lembrando que alguém já havia mencionado isso.

— Sua avó... — ela começou, mas eu completei:

— Às vezes ela fala do requeijão que fazia. O que será que aconteceu com vô? Foi depois do casamento, né? — imagino encontrar uma resposta que busco há bastante tempo.

— Quem é que sabe, moça? Não sei o que foi não. Não sei se foi depois que ganhou o menino. Resguardo quebrado faz essas coisas.

Felipe comentou:

— Pode ter sido isso mesmo, porque toda hora ela fala de resguardo.

— O povo tem um dizer: resguardo quebrado não emenda — Dalva afirmou.

— Antes de ter tia Duca, ela engravidou e perdeu. Depois, quando engravidou dela, o pessoal diz que ficou assim, precisando de cuidados — Expliquei o que sabia.

Joelma acrescentou:

— Ela não era daquele jeito, cuidava da casa e tudo.

— Desenvolveu Alzheimer também — continuei. — Quando tem crises, lembra muito de quando era criança.

— É outra que se não estivesse doente estava nova. Porque a doença acaba com a pessoa. Principalmente quando dá na mente — Dalva refletiu.





— Mas então produziam requeijão e o leite era do gado daqui mesmo? — Voltei ao assunto anterior.

— Era do gado dele mesmo.

Busquei sobre a educação de vô Antônio:

— A senhora sabe como ele aprendeu a ler e escrever? Porque ele aprendeu, né?

— Aprendeu. Agora não sei como foi o começo, o que ele fez. Menina, naquele tempo dele, não sei nem se tinha professor. Pra ensinar antigamente era debaixo de um pé de pau. Fazia uns banquinho, cavava as furquilhas, enfiava o pau e as crianças sentavam.

Lembrei de um relato da primeira viagem que fiz:

— Quando reunimos tia Cleusa, Regina e o pessoal lá em São Paulo para ver as fitas cassete — algumas vídeo-cartas onde vô deixou recados — tia Duca contou que começou a dar aula debaixo de um juazeiro, ainda novinha.

Dalva confirmou, com orgulho:

— Deu mesmo. Você vê Déia, minha filha mais velha das mulheres... Ela estudou na Várzea Redonda. Montava num cavalo, pegava Lúcia num je-gue e iam estudar onde? Debaixo de um pé de pau. Antigamente era mais difícil. Hoje não aprende a ler porque não quer.

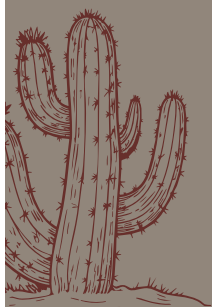
— Antigamente o povo se esforçava mais — concordei. — Quem sabia ler, sabia muito. A senhora chegou a aprender?

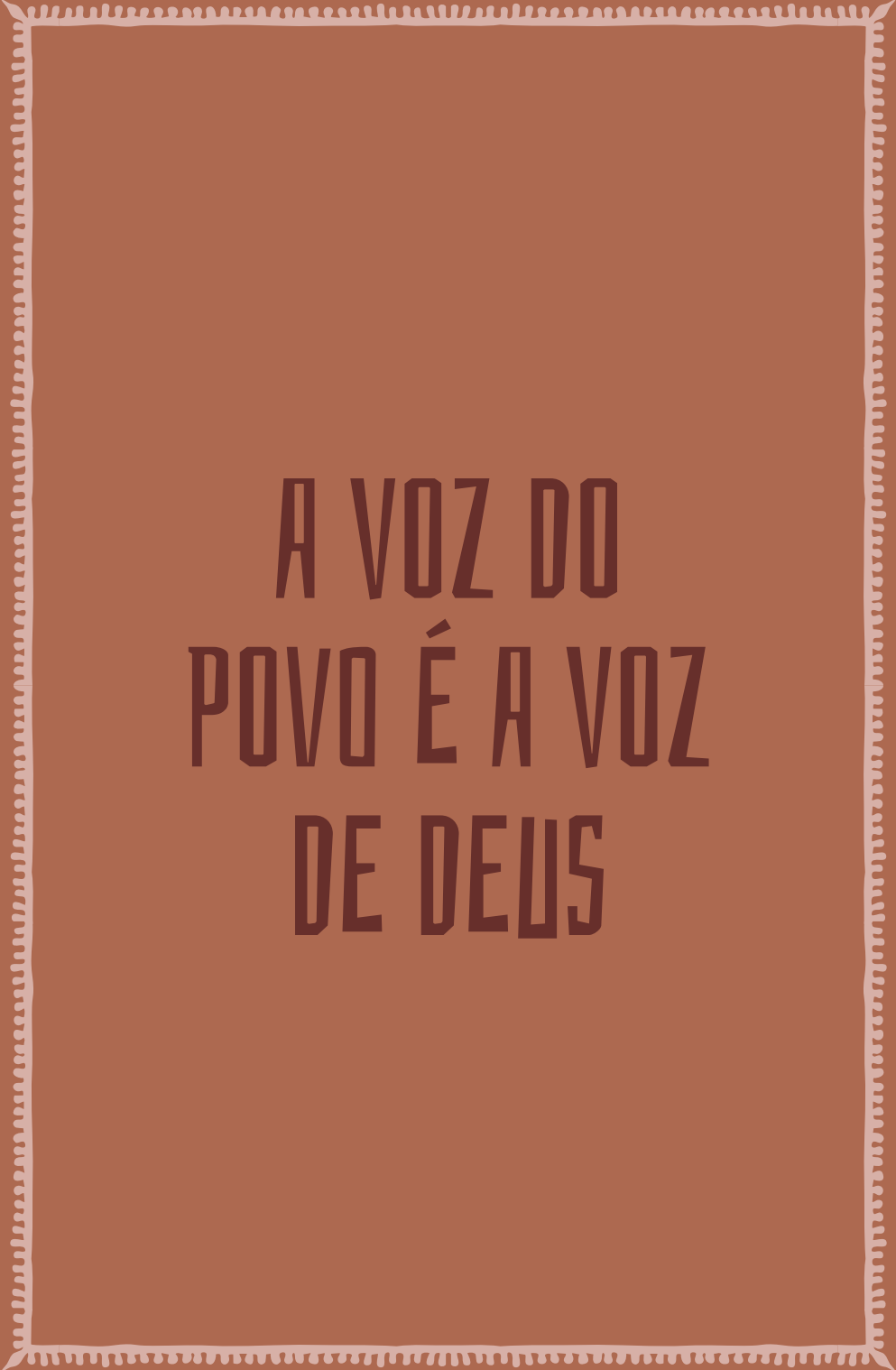
— Eu só sei fazer meu nome, fazia. Agora as vista tá ruim.

— Mas com quem aprendeu?

Houve uma pausa antes de responder:

— Eu aprendi foi com Maria de Gi... Ela casou aqui com um rapaz do Curral das Vargens, mas era de Macaúbas. Veio pra cá, casou e ficou morando lá. Era a professora que tinha.





**A VOZ DO
POVO É A VOZ
DE DEUS**



05



DA CASA DE DALVA SEGUIMOS ADIANTE, LEVADOS NÃO SÓ PELO

vento, mas pelo fio invisível das narrativas que se tecem no caminho. O corpo vivo da memória que se faz voz, gesto, escuta. O próximo destino: o lar de Dona Esperança, residência onde as histórias que outrora estiveram distantes da literatura, se movimentam nos lábios, no ritmo das pausas, no calor das repetições realizadas por uma mulher que, aos noventa e cinco anos, guarda a vida no baú das experiências. Pelas palavras de Dalva, a rota era simples — mas sabíamos que em terras como essas, os mapas precisos são desenhados nos detalhes da fala. “Passa o areião e vira na primeira entrada” — uma instrução que carregava em si o eco de gerações. O sol das dez horas já aquecia a terra e nós, participantes na tradição de ouvir, seguimos em frente.

Severino nos recebeu na cancela. Mainha, conhecedora dos códigos da comunidade, já havia ecoado nossa chegada no grupo “Riacho de Baixo” — aquele espaço digital que, de certa forma, replicava a roda de conversa dos terreiros. Por meio de uma transmissão que não se prende a tecnologia, mas se adapta mediante as ferramentas. No grupo, os mais velhos, com pouca leitura, interagiam como podiam. Muitas vezes por meios de áudio no WhatsApp. Antes mesmo de pisar na Bahia, eu já lançava perguntas ao grupo, fisingando fios de memória. Foi Noemi, neta de Dona Supriana, quem transformou minhas indagações em uma narrativa. A avó, alheia às redes sociais, ainda não sabia de minha busca — mas Noemi, como um faro muito bom para reconhecer trajetórias importantes, adaptou a tradição: pegou o celular e registrou a voz da matriarca, suas pausas, suas risadas, o peso das palavras. Aquele áudio não era só informação, era o trabalho de resgate da oralidade. O desejo de fortalecer a presença.

E foi essa presença que me chamou para o encontro. Porque não contente com o relato no grupo do whatsapp, busquei pelo corpo, o olho no olho, o ar

que embala a fala. Quis ver de perto. Quando chegamos, esperamos na cancela, respeitando o tempo da casa. O sol queimava, o vento soprava quente, e Severino, inicialmente desconfiado, tornou-se porta-voz daquela ética do acolhimento que só quem vive a tradição entende. “Sou filha de Domingas” — e naquele instante, minha origem deixou de ser apenas a identidade, tornando a senha para o pertencimento. Dona Supriana, trazida aos poucos do quarto, era mais que uma narradora: era um arquivo vivo, sua voz um repositório de tempos que os livros não alcançam. A casa, simples e fresca, era o palco onde aquela memória se fazia presente. Ah, que orgulho transborda quando lembro de onde vim! Esse sangue que corre em mim é feito desse acolhimento, dessa humildade que não se explica — se vive. Meu irmão e eu fomos envolvidas por essa corrente de afeto, como se o tempo não tivesse nos separado nunca.

E ali, entre o silêncio que antecipa a fala e os gestos que completam as palavras, eu entendi: oralidade é o ato de tecer o tempo. Não apenas contar, mas reativar a memória no agora — fazê-la respirar, suar, rir. Como escreve Leda Maria Martins, é uma “escrita do corpo”, onde o passado não está morto, mas dança no ritmo da voz que o invoca. Entre sorrisos e olhares, eu entendi: algumas raízes nunca secam. Elas apenas esperam, pacientemente, pelo regresso do tempo de regar o solo. Pela chuva.



— A senhora nasceu por aqui mesmo?

— Foi. Nasci num lugar chamado Tabuleiro.

Eu estava sentada do seu lado, mas percebendo a sua dificuldade em ouvir, aumentei a voz para que ela me compreendesse melhor. Queria saber como ela conhecera meu avô.

— E como foi que conheceu vô Antônio?

— Acho que eles eram gente de fora — Dona Esperança respondeu — Depois mudaram pra Riacho de Baixo. Foi o véi Justino que criou ele. Devia ser afilhado. Mas acho que eles não eram daqui mesmo não. O pai dele se chamava Atanázio, não era? A mãe parece que chamava Jesuína. Era minha mãe que falava né, o nome desse povo. A mãe mesmo eu não conheci.





Ela estava correta. Questionei se eles haviam crescido juntos.

— Não, eu fui criada no Tabuleiro — explicou, desenhando no ar a distância. — Daqui pra lá, três léguas. Era difícil da gente se encontrar assim. Quando encontrava era em festa, então ficava um pra lá e outro para cá. Minha mãe ia muito em festa. Ele criou primeiro que eu, porque era mais velho. Então, quando eu criei ele já estava criado.

Aproveitei para mergulhar no assunto das festas, curiosa do jeito que sou quis saber como eram. Sua voz parecia viajar enquanto reconstruía a cena:

— Era reza. O povo ajuntava um rebanho de gente, pegava um bocado de pano, estendia em uma mesa. Quando não tinha mesa, cortava pau e fazia umas forquilhas. Enfincava no chão, botava umas tábuas, estendia pano, botava o santo e ia rezar todo mundo. Tinha casa que na hora que acabava de rezar já ia dançar e tinha casa que os donos do santo não queriam. O povo sambava muito. Tinha dia que o povo sambava até amanhecer. Sambava a noite toda e amanhecia o dia. Tinha casa que os donos não importavam, o povo dançava até dizer chega. Juntava as forquilhas e botava os paus, cortava ramo de pau e jogava...

— Faziam latada?

— Fazia! De palha de coco, de pau... Tinha festa em que a dona da casa já fazia almoço. Aí mesmo na casa do véio Justino já aconteceu isso. Acabou, amanheceu o dia e foi fazer almoço. Nós sambamos, que no outro dia de ir daqui pro Tabuleiro, fomos com os pés doendo de tanto sambar naquele chão duro.

Perguntei se dançavam descalços. Dona Esperança disse que as mulheres vestiam saia. Seu genro Joacyr, dono da casa onde estávamos, observando a conserva interveio...

— Ela quer saber se era descalço ou se era de chinelo?

— Era tudo de chinelo de couro, não é dessas que usa hoje não.

— Então as mulheres botavam um saião pra sambar?

— Era do modo que desse certo. Era de saia cumprida, outra hora era de saia curta, de todo jeito.

— Seu avô dançava — conta Joacyr.



— E como era? Tinha o samba e os que tocavam pandeiro?

— Tinha, pandeiro, tambor, viola.

Comentei que minha mãe havia mencionado que Dona Esperança tinha uma barraca.

— Tinha, tá com muitos anos que deixei. Eu tinha uma venda em casa, lá no Tabuleiro, depois deixei.

— O que a senhora vendia lá?

— Estes dias um menino veio cá e eu estava conversando mais ele. Eu falei que eu só não vendia ali carne e toicim, mas no mais, de cereais assim: bolacha, bolo, bala doce e bebida, era refrigerante, era cachaça, era cerveja, rapadura, farinha, arroz, feijão, de tudo vendia.

— E como era difícil naquela época, o povo não ia longe para comprar, era tudo ali mesmo, né?

— Era.

— E vô, ele ia muito nessa venda?

— Não, eu nem lembro mais se ele morava aí no Riacho de Baixo. Quando eu botei essa venda aí. Há muito tempo eu vendia assim em festa, bolo, essas coisas. Depois que eu botei pra vender em casa de tudo. Vendia pouco, porque o pessoal também era pouco.

— E a farinha? Era da farinha que fazia no véi Justino?

— Das farinhas que fazia em casa. Aqui tinha muita roda de fazer farinha. A gente plantava mandioca, no tempo que tinha a venda tinha cobrava o quarto. Outros dava a oficina pra os outros fazerem.

Joacyr explicou como funcionava a roda de mandioca:

— Na mão. O pessoal rodava na mão. Ela era uma roda bem grande e ficava mais ou menos assim: passava dessa altura do chão — Joacyr diz indicando o tamanho — e em cima ela era dessa altura. Tinham feito um pedal de bicicleta, só que os dois eixos ficavam tudo no mesmo sentido. As pessoas rodavam, ficava um de um lado e o outro no outro. Rodando. A cavalo era diferente. Eles tinha a estrutura e ponhava, por exemplo, um varão assim de um lado e outro do outro. Tinha os mourão que segurava



ela no meio. O cavalo ia rodando e eles passavam um reis lá e de cá passava em outro, na rodinha menor, que girava lá aonde ralava a mandioca.

Felipe que até o momento só ouvia atento pergunta:

— Era igual cana de açúcar, né?

Joacyr concordou e continuou, detalhando o processo:

— Depois daí passou a motor. Que pena que a gente não tem um vídeo mostrando como funcionava a roda. O pessoal fazia a mão, mas a roda de ralar mandioca tocada a cavalo era uma engenharia muito bem feita. Eles faziam a estrutura dela e em volta ia colocando um varão assim cruzado, para formar uma roda. Na cabeça dele ponhava um torninho. Ao ponhar o reis que era o que fazia funcionar, trocando de um para outro, de acordo com que o animal ia rodando, ia soltando todinho e não embaraçava um no outro. Quando o animal girava, movia todo o restante. Girava lá aonde ficava a serrilha que ralava a mandioca. Era mais largado que o motor, então você já sabe que era bem mais ligeiro do que a roda de mão. Na roda de mão eram as pessoas que puxavam, então ela era bem mais lenta. Já a roda a cavalo cortava bem mais, já fazia bastante. Se pegava um animal bom pra puxar a roda era bem mais rápido.

Severino retorna a figura de meu avô:

— O povo da beira do lajedo conheceu seu avô por Antônio Preto, agora esse povo da beira do Curral de Pedra, do Juá só conheceu ele por Antônio Justino.

— Antônio Justino?

— Você só ouvia falar, foi Justino que criou ele.

Perguntei a Dona Esperança se ela havia conhecido as mulheres de vô Antônio.

— Conheci, todas as três.

— Lembra de Madalena, a primeira?

— Alembro.

Severino interveio:

— A primeira mulher dele era do Curral das Vargens. Era desse povo aí.

— A segunda mulher com quem ele casou tinha uma menina, né? Dizem que ele até batizou ela. Avelina era a menina.

— Evarisca, não era? — questionou Severino.

Dona Esperança corrigiu:

— A filha era Avelina.

— E Maria ainda é viva? — Severino me pergunta.

Respondi que sim e que ela estava morando em Riacho de Santana. Questiono Severino se ele andava muito na companhia de meu avô:

— Nós era amigo, depois se eu tocava muito em festa mais ele. Tinha a harmônica que ele se divertia e tinha a harmônica de meu pai, quem tocava era eu. Nós tocava em festa junto. Ele tomava uma cachaça amuada. Ele aprendeu tocar em uma que Justino comprou, o compadre não aprendeu e aí vendeu a harmônica. Ele ficava tocando em festa, ajudando nós. Uma vez mesmo, a gente estava lá perto de Riacho... Meu pai me deu a harmônica para tocar e falou assim: Eu gostei de ver Antônio Justino tocar, a gente chamava ele assim e o pessoal da Lagoa da Pedra também chamava ele por esse nome.

— O senhor lembra de alguma música que tocava na sanfona?

— Hoje não, porque já esqueci isso tudo. Eu ainda tenho a harmônica, mas não toco mais não. Acabou a influência.

Severino não se recorda das músicas que faziam sucesso nas rodas em que participava, mas diz que não tocava Asa Branca, canção de Luiz Gonzaga, ele tinha outras modas. Uma tal de mulher casada...

— Mulher Rendeira... Levanta Maria Bonita, levanta para coar o café... Eu lembro da letra, era menino ainda e lembro do pessoal em festa tocando...

— Joacyr recorda trecho de música que é associada a Lampião.

Joacyr acrescenta:

— Seu Antônio naquela época era a pessoa mais desenvolvida que tinha aqui. Ele sabia ler e escrever... — comento das cartas e o professor continua — Ele escrevia cartas para o pessoal. Como fala? naquela época fazia de conta que ele era o cartório. Porque tudo tinha que passar por ele...





A mulher de Joacyr que estava na cozinha na companhia de sua irmã preparando o banquete para o almoço, chegou com suco e biscoitos para o pessoal reunido na sala. Também aproveitou para participar da conversa:

— Do Seu Antônio não teve os casos dos casamentos na casa do finado Justino? A senhora contou para ela? — direciona a pergunta para sua mãe.

— Sim, falei.

— Foi quantos casamentos que teve em um dia só? — ela pergunta.

— Teve um dia que teve... uns dez não chegou a ser não. Porque teve dois fora, foi o de Arlinda e o de Zula, lá na Moita. Foi nove.

— Nove casamentos em um dia só? — respondo surpresa.

— Ali na Moita, em época de Santo Antônio, também tinha muito casamento. Era festa para todo lado... — Joacyr acrescenta.

— Foi oito! Dez com dois fora fica assim...

— E como é que funcionava para batizar o povo na fogueira de Santo Antônio?

— Batizar na fogueira? Aí é besteira do povo de ficar saltando fogo. Saltava o fogo para lá e para cá e tinha aquelas palavras que o povo falava: “Dizem que lá vem, ô...”

— Às vezes, vó Maria traz recordações de cantiga e antes tinha isso, de jogar verso...

— Tinha as cantigas de roda — lembra Joacyr.

— Teve muita roda! Tinha festa que tinha o samba, tinha Umbanda, e tinha a roda pra quem gostava... Quem gostava de Umbanda ia participar, quem gostava de samba ia sambar e quem gostava da roda ia cantar ou rodar... — relembra Dona Esperança — Esse negócio de rádio, televisão, não havia por aqui não.

— Quando chegou aqui para a região o pessoal ia longe assistir um rádio.... Era uma atração e tanto, agora o toca-disco para ouvir música já nem se fala... — complementa o professor.

— Vê uma pessoa que for pra São Paulo hoje, se fosse antigamente quando chegava lá e mandava notícia, você ia saber quase com um mês. E tinha

carta que vinha até ligeiro, e tinha outras que demorava pra chegar aqui. Tinha que ir no Riacho ou na Lapa procurar na agência para poder saber se estava ali. Pra modo você ler e ver o que vinha na carta. Naquele tempo era difícil, hoje não.

— Hoje a pessoa recebe a mensagem na mesma hora que é enviada... — concordo.

— A gente pega aquele pessoal de antigamente, era um povo muito inteligente e criativo. Eles com seu próprio jeito, arrumava uma forma de sobreviver. Tinha uma roda de fiar mesmo que já era mais simples, e tinha o Tear que fazia o pano, era uma engenharia muito bem feita. Quem fazia a renda era muito inteligente...

— Era tudo feito na mão? Em casa?

Joacyr:

— Na mão...

— Eu estava conversando com Dona Supriana e ela me falou que fazia roupa de Riscado, em casa. Ela mesma quem fazia as roupas para os filhos. Porque era distante e não tinha como comprar...

— Ali, naquele algodão você tinha que tirar o cisco dele, passar no es-caroador e voltar a passar no arco. Bater, sentar na roda e fiar, depois que tinha a linha, você ia pra tear — Dona Esperança volta na memória buscando a imagem de uma atividade que também desempenhou...

— Pra fazer lençol, bitu...

— Era, fazia de tudo.

— Tinha uns panos de riscado, que eles faziam todo de quadrinhos. Era uma máquina que tinha anil. Eles tiravam a tinta e ponhava a linha ali. Tingiam o pano. Panhavam a parte da tinta que era atingida e a outra branca, e fazia tudo de quadrinho. Era bonito — Joacyr relembra.

— Eu ainda tenho lá em casa dois lençóis e duas toalhas de pano de algodão. Eu fei e teci. Tem lá em casa ainda.

— Naquela época me parece que todo mundo dava um jeitinho de sobreviver, tudo era distante... — faço uma observação.



Quem me responde é Joacyr:

— Porque era daquela forma, ou a pessoa fazia ou não sobrevivia. Na época ou a pessoa fazia ou ele não sobrevivia.

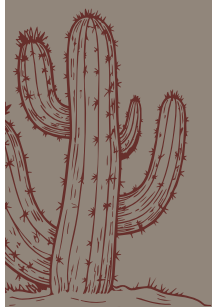
— Todo mundo trabalhava, não faltava serviço. Lá em casa mesmo, mãe escorçava os caroços, para tirar o algodão... e outra já ajudava puxando ali... tinha que ser duas pessoas no escorçador — complementa sua esposa.

— Isso aí menina, não era toda mulher que fazia não, era algumas. Pra mexer com algodão todo mundo sabia, mas para fiar não era todas não. Fazer um riscado, calças para os homens... aquilo ali era complicado — Dona Esperança afirma, orgulhosa — Eu ainda tenho lá em casa dois lençóis e duas toalhas de pano de algodão. Eu fiei e teci. Tem lá em casa ainda.

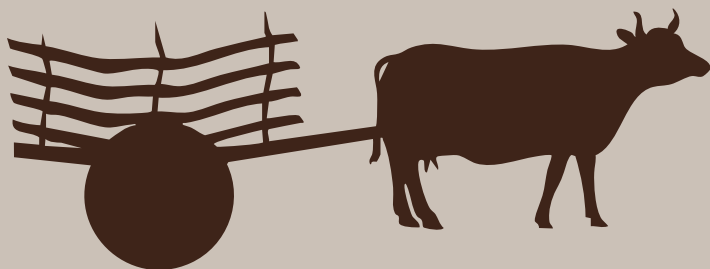
Joacyr entende o valor:

— A gente pega aquele pessoal de antigamente, era um povo muito inteligente e criativo.





**GATO
ESCALDADO
TEM MEDO DE
ÁGUA FRIA**



06



O ALMOÇO JÁ RESPIRAVA NO AR DESDE A PRIMEIRA PALAVRA

trocada na casa de Dona Esperança. Suas filhas preparavam a comida e o cheiro — ah, o cheiro! — me enchia a boca de água e a alma de antecipação. Que delícia, viu? Mais que um banquete, era um ritual: as histórias entrelaçadas aos sabores, os temperos da memória misturados aos da panela. Ali, eu me alimentei duas vezes — o corpo, de peixe e farinha, além da galinha; a alma, de risos e lembranças. Nem deixamos a comida assentar, tão grande era a pressa de seguir.

O sol do meio-dia rachava o chão quando chegamos à última casa do meu avô, lá no Barro Vermelho. O tempo havia devorado as paredes de adobe, deixando apenas vestígios sob o mato insistente. Mas o pé de juazeiro — aquele mesmo das histórias da minha mãe — ainda resistia, firme como uma testemunha silenciosa. (Confesso: entramos sem pedir licença. Mas era uma invasão de saudade, não de grosseria. Só queríamos colher o que o tempo não levou). Não ficamos ali por muito tempo. O que buscávamos já não estava mais ali. E também, tínhamos um compromisso marcado.

Era um trabalho que não cabia na folha de pagamento. O salário vinha em bezerros, em histórias, em sinais da terra decifrados sob o sol inclemente. O vaqueiro do sertão baiano — como meu avô, como Ferreirinha — não era somente um encarregado. Era um tradutor. Traduzia o vento que anunciava chuva, o mugido que pedia água, o rastro invisível do gado solto na caatinga. Não havia cerca, não havia relógio. Havia a geografia como patrão e a memória como mapa. É verdade. Ferreirinha mal ergueu os olhos da bicicleta enferrujada enquanto eu perguntava sobre meu avô. Seus dedos calejados insistiam no rolamento gasto — aquele mesmo que sucumbira às estradas de areião, tão traiçoeiras quanto as memórias que eu tentava arrancar dele. A bicicleta, substituta moderna do cavalo, era agora seu “companheiro de batalha”. Mas

nenhuma máquina substituiria o que ele perdera quando os filhos de vô Antônio venderam o gado. “Conta aí do véi, Ferreirinha!”, cutucou Nadir, sua irmã, mais disposta à conversa. Ela sabia que a história daquela relação era mais complexa do que um simples ressentimento pela venda do gado. Era sobre um modo de vida que se esvaía, sobre laços que a partida de meu avô desatou sem cerimônia.

Ferreirinha resmungou algo sobre os tempos em que o gado ainda pastava solto no Riacho de Baixo. “De oito em oito dias a gente ia olhar tudinho”, disse, os olhos perdidos no passado enquanto suas mãos ainda trabalhavam cheia de graxa. Nadir completou: “E de quatro bezerros, um era dele. Era assim o trato”. O sistema de “parceria”. A herança dissimulada da escravidão, tão comum no sertão baiano. O vaqueiro ganhava com o que criava, mas a terra nunca seria sua.

— O véi era conselheiro — insistiu Nadir, tentando fisgar a atenção do irmão — ensinava tudo pros mais novo.

Ferreirinha apenas concordou com a cabeça, lembrando dos dias longos trazendo o gado das matas para as mangas, das noites dormindo sob o couro cru, da água que tinham que buscar no Lajedo, muito antes dos poços artesianos chegarem.

— Ô água boa aquela — suspirou Nadir, como se ainda sentisse o gosto.

Quando perguntei por alguma lembrança marcante, Ferreirinha apenas sacudiu a cabeça.

— Marcado não tenho não.

Mas seu silêncio dizia mais que palavras. Na bicicleta que consertava, talvez estivesse consertando também a própria história — de vaqueiro sem gado, de parceiro sem parte, de homem cujo ofício virara memórias guardadas. Ferreirinha vivera tudo isso sob o comando de vô Antônio, um “véi de boa atenção”. Nadir, percebendo o desconforto, mudou de assunto para os caldeirões de antigamente. Mas eu sentia: aquela conversa truncada era justamente o retrato mais fiel da relação entre meu avô e seu vaqueiro — feita mais de silêncios e olhares desviados do que de palavras. Como o gado que tomou outros rumos com a morte do ex-patrão,

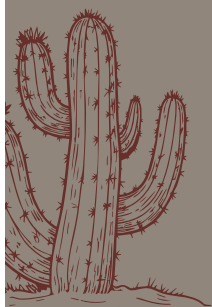


os detalhes dessa história também trilharam caminhos não lineares no espiral do tempo.

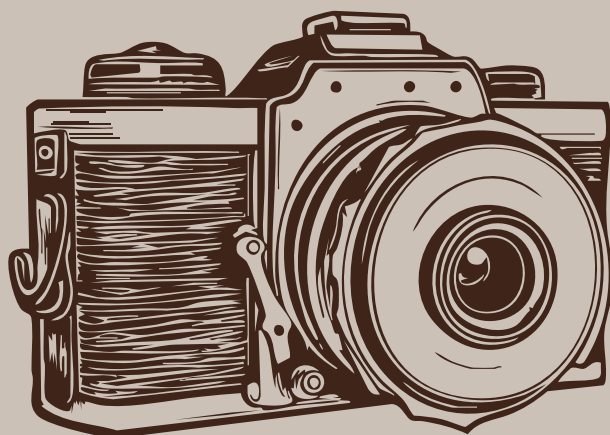
De volta, na casa de Nadir, o convite à mesa já nos aguardava novamente. Mas como dizer sim depois de tanto sabor? Recusamos com o peso no peito, mas os frutos do pé de siriguela e a passagem pela casa de Odila e Tim preencheram qualquer vazio. A conversa com Ferreirinha também havia me presenteado com outras perspectivas. Que lugar abençoado! Cada canto um verso, cada rosto um poema. Minha mochila estava cheia e era de história. Pura poesia. Versos escritos nas linhas de expressões que marcam o tempo.

Mas o tempo, esse ladrão, nos empurrava adiante. Partimos então para a casa do tio Arlindo — aquele que por tantos anos dividiu a vida com a tia Maurícia, irmã da vó Maria. E assim seguimos, entre sombras e sol, entre casas e ausências, carregando no peito o sabor do que ficou e o cheiro do que ainda há de vir.





**QUEM NÃO
É VISTO,
NÃO É
LEMBRADO**



07



QUANDO CHEGUEI, TIO ARLINDO ESTAVA SENTADO NO CHÃO, AO

lado da casa. O olhar dele carregava aquela solidão que a gente reconhece de longe. Fazia alguns anos que tia Maurícia tinha partido, e dava pra ver que a casa já não era a mesma. Mesmo sofrendo com a Erisipela e outras doenças, ela sempre cuidou daquele lugar com um carinho que só ela tinha. Agora, mesmo com Eva, a nora, fazendo o que podia, faltava alguma coisa ali. O tempo foi passando, levando um pedaço daquilo tudo com ela. As galinhas viviam soltas, entrando e saindo da casa como quem não tinha dono. Os netos transformavam os cômodos em reinos de brincadeira, mas tio Arlindo parecia só um espectador — cansado. Como se já tivesse desistido de lutar. Enquanto conversávamos, senti um aperto no peito. Era saudade? Era empatia? Um pouco dos dois. Tia Maurícia tinha deixado marcas profundas em mim. Sempre admirei sua fé inabalável — até quando foi a São Paulo pedir ajuda ao Pastor Valdomiro Santiago, homem que ela tanto admirava. Ela buscava por dias melhores, e no fim encontrou o descanso. Mas o vazio que ficou era grande demais. Ali, naquela casa, cada canto guardava um pedaço dela.

Respirei fundo e deixei a memória me levar. Era preciso lembrar — honrar tudo o que ela construiu, toda a força que deixou na criação dos meus tios, da minha mãe... e em mim.



— O senhor tem alguma lembrança de vô Antônio? Alguma história que conte sobre ele?

— De quem? Do finado Antônio?

— Sim, de vô Antônio.



— Era verdade que Dona Maurícia morava mais ele, seu Arlindo? — Eva que estava varrendo o outro cômodo aparece apoiando na vassoura, participando da conversa.

— Sim, morava.

— Ela quer saber como era a vida dele lá, se o senhor se lembra de alguma coisa que ele fazia — continuou.

— Alembro!

— Ele trabalhava muito assim? — perguntou.

— Trabalhava. Era boa pessoa.

— E o senhor costumava trabalhar junto com ele? — pergunto curiosa.

— Trabalhava. Quando ele tinha um servicinho, Mirian, pagava eu para ajudar, né?! Quando a gente chegava na casa dele, qualquer coisa ele dava. Gente boa. Agora dona Maria, ela era de umas modas.

— Ah! Até hoje ela tem os problemas dela — Eva lembra.

— Tem. Nas vezes que eu ia lá, ela saía e fazia espetáculo comigo. Mas eu não importava não — tio Arlindo se recorda das crises de vó Maria. Nesses períodos era preciso ter calma para não se ofender com os xingamentos que saíam de sua boca.

— E do homem lá, o senhor não sabe mais nada dele?

— O povo fala que ele tocava sanfona, né? — digo.

— Quem?

— Vô Antônio.

— Tocava.

— E ele era bom na sanfona?

— Era, tocava. O véi também bebia, Mirian.

— Bebia? Moço...

— Das vezes que ele vinha aqui em casa...

Eva interrompe a conversa novamente e diz ao fundo:



- Mas não era pra chumbar não, né?!
- Não, chumbar não chumbava não. Quando vinha lá de cima, ele vinha alegre — continuou...
- E o senhor tocava sanfona com ele também?
- Não.
- Quando o senhor conheceu meu avô, ainda era menino novo?
- Não, eu já era véi.
- Ah! Foi quando o senhor se casou com tia Maurícia, não foi? — me recordando do que já ouvi falar.
- Foi, isto mesmo.
- O senhor está com quantos anos?
- Setenta e sete.
- Pois é, dizem que tia Maurícia cuidou de vó Maria, né?
- É, cuidou. Saiu de lá quando casou.
- Então quer dizer que, quando o senhor casou com tia Maurícia, o véi já era casado?
- Já. Uma vez o véi foi de viagem pra São Paulo e deixou eu mais Maurícia morar lá embaixo. Lá na casa lá.
- E ele ficou quanto tempo fora?
- No São Paulo? Acho que ele ficou lá uns quatro anos, Mírian. Ele criava um gadinho, foi e deixou o gadinho dele pra eu zelar. Foi...
- Então o senhor cuidava do gado e ficava morando na casa?
- Foi. Agora, quando ele chegou, eu vim pra aqui.
- Morar nessa casa daqui, né?
- Foi, nessa daqui.
- Então tem bastante tempo que o senhor mora aqui, né?
- Tem.

— O senhor se lembra de quando tio Edson nasceu? O senhor já estava com tia Maurícia?

— Lembro, ele era pequeno, Mírian.

— Quando o senhor se casou?

— Foi, ele era pequeno.

— Pois é, né? Então o senhor cuidava de gado. Era vaqueiro também?

— Era assim quando ele foi pra São Paulo, que ele deixou eu lá na casa. Nois fazia um requeijãozinho lá, junto.

— Ah, então quer dizer que o senhor também fazia requeijão?

— Maurícia fazia.

— Vó Maria ainda lembra, ela conta de quando fazia requeijão.

— Maria conta?

— Conta.

— Milagre você vir aqui, Mírian...

— É que eu tô morando em Minas.

— É?

— É, aí eu venho pouco por aqui.

— Tá estudando lá, é?

— Tô estudando, já formando agora.

— Pois é, o tempo passa, né?

— É, passa. O senhor ainda chegou a acompanhar tia Duca dando aula embaixo do pé de juazeiro?

— Tia, quem?

— Duca.

— Duquinha?

— É!

— Eu alcancei.



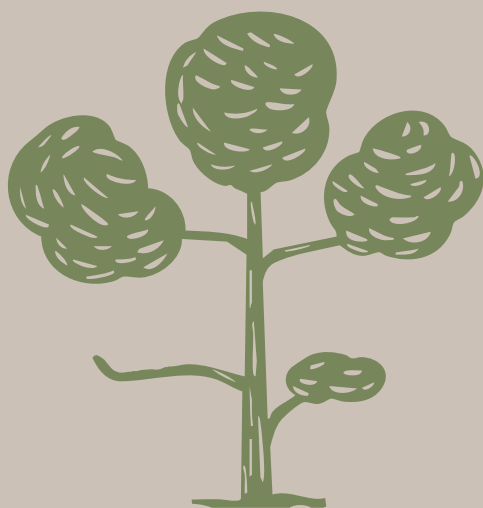


- Alcançou?
- Alcancei.
- O senhor sabe como era a aula?
- Eu nem sei mais, Mírian. Mais alcancei.
- O senhor deixa eu tirar uma foto, pra mostrar?
- Quá, gente feio não precisa tirar foto não.
- Que feio o quê, moço? É pra ela ver...
- Não, gente feio, deixa...
- Só uma foto só, então?
- Pera aí, vem então.
- Pode tirar?
- Pode, pra mode a gente dar graças a Deus por ficar véi, num é?
- Tá vivendo muito, né?
- Tá.
- Vou tirar aqui, viu?
- Vou tirar o chapéu da cabeça então.
- Tá bom! Setenta e sete anos... — vou dizendo enquanto bato a foto —
Aí, isto. Vou mostrar pra mãe.
- Deixa eu ver aí o retrato, Mírian.
- Quer ver o retrato do senhor? Aqui ó — mostro o registro no celular.
- É mesmo. Mais tá véi.
- Está nada! — Felipe discorda.
- Tá novo e vivo, vivão — digo.
- É a valência. Véi nojento, né, menino?
- Que véi nojento, o quê? Óia, moço — Felipe responde.

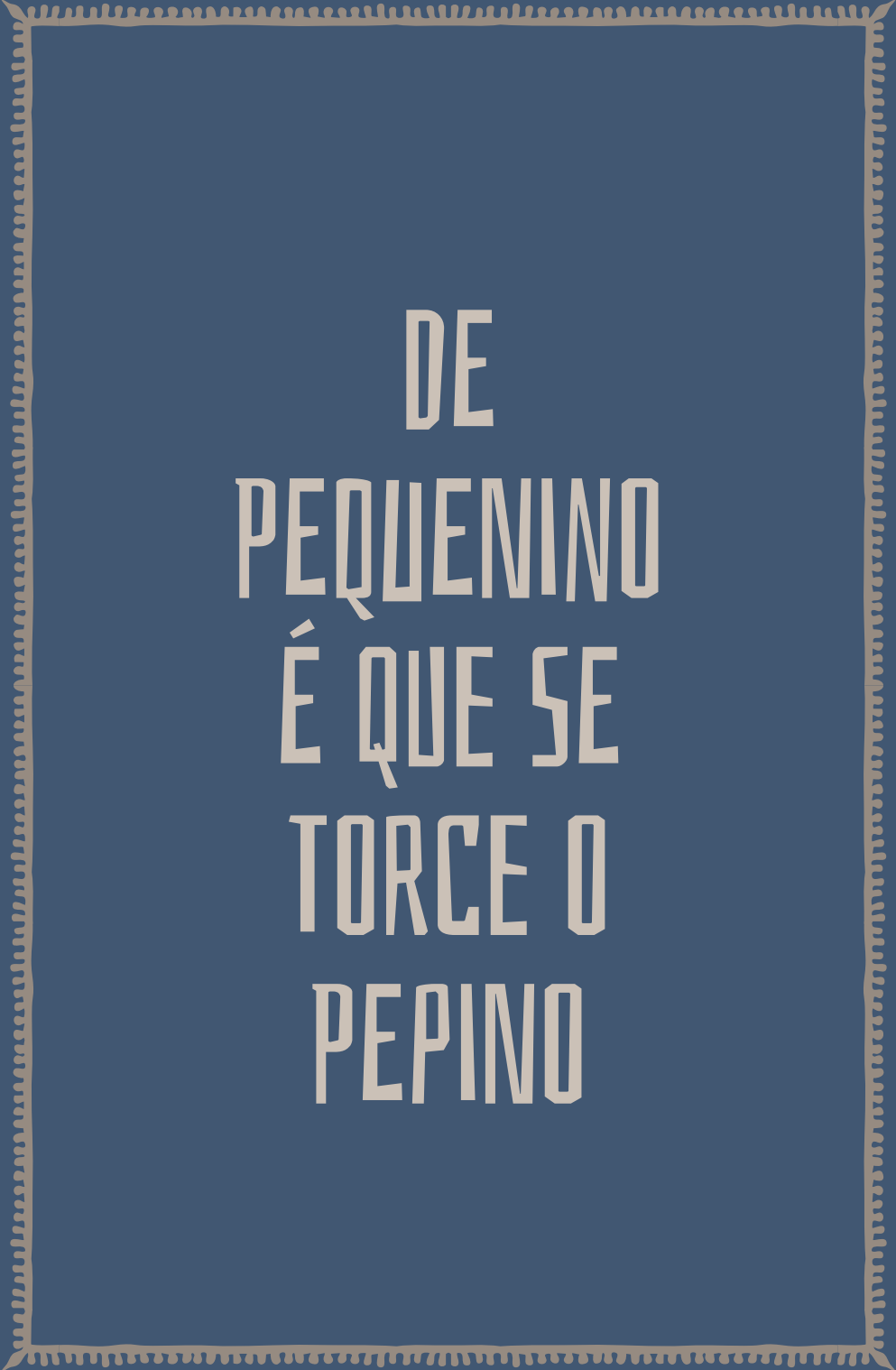


PARTE III —

Árvore







DE
PEQUENINO
É QUE SE
TORCE O
PEPINO



01



NO MÊS DE AGOSTO DESSE ANO FUI VISITAR MINHA FAMÍLIA NA

Bahia. A última vez que estive por lá foi em janeiro, no início de 2024. Foi nessa viagem que realizei os rituais com pessoas próximas ao meu avô na região das comunidades de Barro Vermelho e Riacho de Baixo. A oportunidade para voltar novamente à minha terra surgiu em um momento em que sentia a forte necessidade de estar em minha comunidade e de revisitar outros lugares da memória. Desde que me mudei para Mariana, voltar para a Bahia tem sido um grande desafio. Costumo imaginar antes de chegar em casa sobre quais possam ser as mudanças ocorridas no período em que estive fora. E tenho aprendido a lidar com as frustrações de não conseguir construir um cenário real. Hoje já fazem quase três anos desde que precisei me mudar. Uma fase de muito aprendizado e grandes mudanças de perspectivas. Principalmente espirituais. Esse é o lado positivo. Só que não estar mais presente no cotidiano da minha comunidade e da minha família também me priva de acompanhar de perto as mudanças provocadas pelo passar do tempo. Isso é difícil.

Retornar a terra de Riacho de Santana sobretudo é a minha maneira favorita de recarregar as energias. O resultado sempre me surpreende. Um misto de nostalgia e esperança. Quando chego em casa sinto que preciso nos primeiros dias me readaptar ao ambiente novamente, matar logo a saudade que aperta no peito e me situar das mudanças aparentes. Quando estive lá em agosto, me planejei anteriormente para priorizar antes de mais nada o meu descanso. Dessa vez, iria buscar me esforçar ao máximo para não ficar só trabalhando online ou focada no livro, queria realmente me conectar comigo e com os meus.

A carta que escrevi para meu avô em fevereiro foi o pontapé para procurar me conectar com a jornada espiritual. Não consigo descrever em palavras o que senti no dia em que escrevi. Foi estranho! Em todo o processo de escrita senti

uma energia muito forte que me levou logo depois a buscar por um terreiro. Quis compreender melhor e desenvolver a minha conexão com o que estava me mantendo viva e havia me levado até ali. A ancestralidade. E ter o apoio de pessoas que poderiam me orientar melhor pareceu crucial. Toda a experiência desse projeto despertou novamente uma parte de mim silenciada pelos traumas em razão da experiência com o cristianismo. Eu queria um motivo para cultuar as forças superiores e encontrei, além de uma família para me dar suporte.

Acredito que essa viagem não tenha sido nada planejada por mim. A minha preocupação com o bem estar da minha família de sangue, principalmente com o meu irmão mais novo, Felipe, me colocou em uma situação onde senti a urgência de estar na Bahia. Aos dezesseis anos a adolescência e os hormônios são algo difíceis de compreender. É um período onde tudo é muito intenso e parece que o mundo está contra a gente. E por mundo, gostaria de enfatizar, os nossos pais. Digo isso, porque não fui uma adolescente muito fácil de lidar. Mainha que o diga! A experiência do racismo e do machismo trouxeram muitos traumas que na época por muito pouco não foram eles os responsáveis pelo fim da minha vida. Encontrei fuga das dores na rebeldia. Me revoltei com o mundo e me rebelei contra ele, já que não me dava o amor que eu esperava dos outros. Muito menos compreensão.

Com essa idade, o desejo está à flor da pele. A necessidade de prazer. Alimentar a intensidade dos sentimentos sobre a vida faz parte de ser adolescente. Isso inclui querer sair de casa e voltar quando quiser, tomar as decisões sobre seu próprio nariz, desbravar o mundo sexual, etc. Muitos pais foram preparados para reprimir o filho nessa fase. Com mainha e painho não foi diferente. Lá em casa, Gessé e eu ainda vivenciamos a fase do portão trancado e da chave guardada na cintura de mainha. Pular o muro escondido para dar volta na rua era de lei. Então, potencializada pela ansiedade, imaginar que o mesmo ciclo estava se repetindo com o mais novo me fez refletir sobre o que poderia ter sido diferente quando foi a minha vez.

Tive a oportunidade de aprender recentemente que na vida não há problema em que alguns ciclos se repitam. Porque, mesmo que situações semelhantes possam acontecer, nunca é a mesma pessoa tendo a mesma





experiência de antes. A cada novo movimento nossa bagagem de vida está diferente, tem coisas, pessoas, vivências, tudo em novidade. E daí sempre se tira novos aprendizados. Cusdei a compreender. Em razão dos traumas, fiquei sim com medo de que meu irmão precisasse lidar com a privação da liberdade de ser, pela idade idade, de fato adolescente. Não gostei da possibilidade da vida exigir que Felipe precisasse se vestir com a armadura da força e da maturidade antes do tempo. Assim como haviam feito meus pais.

Aprendi com as amizades que a Universidade proporcionou sobre a importância da ação de aquilombar. De se conectar com uma rede de apoio e ter pessoas com quem contar nos momentos difíceis. Se aos dezesseis anos, no período em que comecei a fase de buscar experienciar o amor em relacionamentos afetivos com homens, tivesse tido alguém ao meu lado dando suporte para lidar com as rejeições, talvez teria sido menos traumático. E menos doloroso. Lembro de me sentir muito sozinha durante essa época.

Foi por meio dessa reflexão que pude compreender que seria importante a minha presença na Bahia naquele momento. Para ser suporte do meu irmão nem que fosse por quinze dias. Tava calor, viu? Sol quente de rachar! O fim do inverno, que aqui em Minas Gerais corresponde ao aumento da temperatura, mas que não deixa de exigir um casaco quente toda vez que precisar sair, significa sol, vento e seca no interior do nordeste. Acrescenta aí também uma quantidade exagerada de calor. Não é pra qualquer um. Por isso é que lá faz sentido andar de chinelo pra todo canto e com pouca roupa. E é claro, sempre com uma sombrinha pra se proteger do sol. Me refiro também ao guarda-chuva.

É aquele negócio que a gente não entende, mas só sente. Pois bem, viajei por quase vinte e seis horas de ônibus de Mariana até a cidade de onde eu venho, totalizando as paradas e as espera. Na intenção de resgatar meu irmão das dores da adolescência. Dei de cara comigo mesma. Logo antes de pisar os pés em casa. Quanto mais vai passando o tempo e torno a reencontrar Felipe... Meu Deus do céu. Esse menino se parece comigo demais. O sorriso, a pirraça e o brilho nos olhos ao contar a vida.

Quisera eu que esse fosse o único momento que encarei meu reflexo. Quando a poeira de minha chegada baixou, já havia almoçado e descansado da viagem, foi que me dei conta. A espiritualidade havia me colocado ali. Não era à toa. Eu havia me preparado dessa vez para lidar com meu pai. Já não era segredo para ninguém que agora eu tinha minha família de santo. Crescer em uma família cristã protestante com fortes raízes no pentecostalismo me levou boa parte da vida a negar as nossas raízes, como é comum nas famílias brasileiras, a carregar preconceito pelas religiões de matriz africana. De todas, a reação do meu pai era a que eu mais temia precisar de psicológico para lidar.

Não vou dizer que é fácil, tá? Quem vive sabe! Sustentar o peso de ter a sua crença ridicularizada e tida como inferior. Principalmente em um ambiente familiar. Me perguntei muito durante toda essa aventura se em algum momento faria sentido tudo isso que estava vivendo. Esperava que os conflitos acontecessem com meu pai, em decorrência dele ser mais difícil de embate e já termos tido vários durante a vida, porém me surpreendi. Nem havia feito vinte e quatro horas completas desde a minha chegada. Conversando com uma pessoa próxima que me contava as atualizações da vida que levava, no meio disso, veio o relato sobre a situação de minha mãe.

Para esse ano de 2024 decidi como meta tentar deixar um pouco os problemas de lado e focar mais em mim. “Ema, emma, emma, cada um com seus problemas”. Em razão disso, também busquei ficar um pouco mais distante da minha família. Em uma conversa com uma amiga certa vez, ela deu o nome para isso, romper com o cordão umbilical, de fato. O que significou menos ligações para casa e menos mensagem. Acabei por diminuir ainda mais um contato que já era pouco. Me pergunto se essa foi uma boa escolha. Me ausentar em troca de espaço e tempo comigo. Na verdade, precisei disso.

Mainha sempre foi a pessoa com quem conversei com certa frequência, mesmo que de modo irregular, desde a saída de casa. Muito pouco se sabe sobre a vida aos dezoito anos, e muitas vezes precisei recorrer a ela para pedir ajuda. Problemas como, por exemplo, o interruptor da casa pegando fogo, minha muda de flores “maravilha” cheia de pulgões, bolo de fubá





que não cresce etc. Mesmo sabendo me virar para um caralho. Não é atoa que levo o sobrenome dessa mulher.

Mas não se engane. Nem sempre fomos assim tão próximas. Depois da pandemia, a distância foi quem uniu a gente. Quando na prática, era a minha vez de estudar e trabalhar para ser alguém na vida. Como obra do destino, desempenhando o mesmo papel que ela havia desempenhado anos atrás. Aos cinquenta e quatro anos, imaginando o dia em que finalmente irá conseguir se aposentar de anos trabalhando com a arte de ensinar crianças em creches da rede pública da cidade, hoje ela também é a cuidadora de meu pai e de minha avó, sua mãe. Parte de seu ofício enquanto mulher preta. O cuidado com as pessoas que amam.

Trabalhar com educação, cuidar do lar e das pessoas que ama, revender produtos da Avon e da Natura e ir à igreja. Esses são os primeiros pensamentos quando penso em minha mãe e no que a caracteriza. Analisando um pouco até sinto que não a conheço tanto. Na verdade, ousou perguntar se será que ela mesma se conhece tanto assim. Tenho poucas memórias dela praticando o cuidado que exerce com os outros consigo mesma. E o autocuidado faz parte do caminho para o amor próprio e para o autoconhecimento.

Eis o meu plano original: chegar na Bahia, ficar uma semana com a família e terminar os projetos de trabalho que estavam em andamento. Depois, iria dar um jeito, não sei como, de reunir meus primos mais novos na casa de vó Ana. Na roça, lá em Lagoa de Baraúna. Povoado de Riacho de Santana. Havia mais de seis anos que eu não ia lá. Por diversos motivos. Um deles era a dificuldade de encontrar alguém pra me levar ou alguém que quisesse ir. Ficaria com eles por lá durante o final de semana que acontecem as comemorações do aniversário da cidade. Longe do barulho e me reconectando com a minha história. Seria uma boa oportunidade para vó Ana repassar os causos antigos que ela tem guardados na mente com alguns dos netos reunidos. Algo que já tive o prazer de ouvir.

Não tinha como dar errado. Imaginei. Busquei apoio de mainha desde o início. Ia levar cartazes, lápis, material didático e passear com eles no mato. Falar sobre a importância das folhas, enquanto elemento medicinal. De toda a vida que existe embaixo da terra. E queria também plan-

tar uma árvore em conjunto. Sério, o plano era bom. No começo, toda empolgada com a ideia, queria fazer mil coisas. Mas o objetivo ainda era o mesmo. Ensinar para a criançada o que eu estava aprendendo sobre a ancestralidade.

Só que aí veio essa conversa. Até aquele momento senti o forte apoio de minha mãe. Com uma pessoa só até poderia ser impossível de realizar mais duas pessoas já abrem espaço para mais possibilidades. A decepção não veio por mainha mudar de ideia e sim, por ela se opor contra. Quando digo opor, falo de realmente botar fogo na lenha para que as coisas dessem errado. A situação que me informaram a respeito da minha mãe nada tem a ver com a realidade. Mas o impacto da informação sim, esse alterou a minha. Lembra que eu falei de encontrar o meu reflexo? Acredito que foi nesse momento que vi. A imagem de uma menina-moça embebida pelo desejo de ser amada pela mãe, que em nome de seu amor tenta reprimir os desejos de sua filha para que ela não dê trabalho e se comporte como as pessoas esperam dela.

Fofoca quando cai na boca do povo queima solta! Não dá pra controlar o que é verdade o que é mentira, porque aí tudo já passa a ser verdade. Segundo o que me disseram, mainha estava indo falar com gente da família que eu queria fazer um ritual com meus primos na roça. E aí contaram mais, que havia intenção de matar criança também, pra fazer macumba. Já viu isso? O choro voltou engasgando quando ouvi. Estava de volta ao cenário de anos atrás, onde tudo o que queria era chorar muito pela dor de sentir que mainha não me amava e nem confiava em mim. Não quis muito lidar no momento. Lembro de voltar para casa, me enfiar no quarto, e chorar profundamente em silêncio. Pra não acordar vó Maria na cama próxima.

No outro dia cedo, ainda sem dar bom dia para ninguém fui ao quarto de mainha. Eu não queria resolver e se fosse antes ficaria sem falar com ela por um bom tempo. Essa é minha resposta quando, normalmente, estou chateada com algo. Primeiro preciso ficar quieta na minha, processando a quantidade exorbitante de pensamentos que surgem em minha mente. O que vou fazer com isso? Volto para Mariana ou lido com o fato de mainha ainda não confiar em mim, mesmo depois de anos morando fora? Converso? Mas como que vou falar se toda vez que preciso me abrir para





ela começo a desabar em lágrimas? Tem o fato de que sinto que ela não me ouve, vale a pena perder meu tempo? Dúvidas eu tinha, solução não. Mas parada diante da porta, resolvi abrir. E foda-se, eu não ia deixar isso passar. Escolhi ouvir o que ela tinha a dizer.

Ao confrontar minha mãe, ela negou a parte que envolvia a morte. Mas será que eu ia achar o que estava precisando? A verdade é que nós não iríamos chegar em lugar algum. Não tinha como. Depois de crescer lidando com decepções ocasionadas por nossa relação conflituosa, pude compreender que não chegaríamos a um acordo se eu não estivesse disposta a primeiramente liberar perdão. Acredito que por termos tantos conflitos durante o meu crescimento me perdi no real motivo de minhas frustrações com minha e qualquer cutucão já provocava dor forte. O que eu precisava mesmo era liberar perdão e deixar tudo isso seguir junto à água corrente. Mas eu não estava preparada. Já não tinha o seu apoio e agora tinha outra pessoa que merecia o foco. Então, foi nesse momento que decidi por quanto tempo iria ficar por lá, o suficiente para evitar problemas maiores: duas semanas. Mudança de planos. O contexto me levou a encarar outra perspectiva para a minha estadia ali.

O fato é que quando se trata de traumas você nunca vai estar preparado para lidar até se ver de frente com ele e sem saber o que fazer. Doía muito! Disso eu sei. A minha vontade era estancar o ferimento o mais rápido possível, mas tudo se torna ainda mais difícil quando o buraco é mais embaixo. Mesmo se minha mãe negasse tudo o que ouvi, a ferida já estava à flor da pele. O golpe trouxe à tona uma versão minha que era insegura, sentia o mundo a atacando o tempo todo, e principalmente, solitária. Como muitos diriam, dei uma brochada. Dois dias e a minha empolgação por estar ali diminuía drasticamente. Eu tinha vontade de só ficar chorando pelos cantos, escondida. E nesse momento, tudo que queria era espaço. Decidi ficar a semana na cidade e aproveitar a Festa de Agosto, depois iria para a zona rural visitar os parentes.

Tem algo que ouvi certa vez, que nunca me saiu da cabeça. Foi em um dia muito aleatório, enquanto voltava do trabalho em Ouro Preto. Tudo era muito novo, o livro ainda estava sendo alinhado e só tinha em mente a ideia do que queria fazer e o motivo. Um livro sobre a história do meu avô. Voltando no fim de tarde e conversando com uma mulher, que tenho

grande admiração pelo trabalho que desempenha, sobre a conclusão do curso de jornalismo, também contei dos planos que gostaria de pôr em prática com minha família.

A minha família paterna vive presa, desde que me entendo por gente, dentro de um ciclo repleto de violências. Percebi isso quando li pela primeira vez o livro “Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas” escrito por bell hooks, grande intelectual que me inspira todos os dias. Ela faz uma reflexão muito interessante sobre o amor na infância, e como o nosso lar, independente das circunstâncias em que ele esteja estruturado, disfuncional ou não, é a nossa primeira escola. É com os nossos pais e as pessoas próximas que aprendemos inicialmente sobre a arte de amar.

Acontece que, para que o amor se faça presença na criação, os adultos responsáveis pelo ensino precisam saber amar. Porém, considerando o ambiente em que muitos crescem, envolto pelo caos, a negligência, o abuso e a coerção física e psicológica, é até contraditório esperar que essas pessoas saibam como praticar a ação de retribuir amor se não compreendem a necessidade de buscar por isso. Na verdade, pense comigo... Se a pessoa que te ama é a mesma que te machuca em nome do amor. Aqui recordo experiências próprias de na infância apanhar de meus pais com o objetivo de corrigir algum comportamento e logo em seguida ouvir “tô fazendo isso porque te amo, melhor eu te corrigir do que a polícia”. Se são situações como essa que você tem no cotidiano, obviamente, é nelas que vai acreditar: que o amor e violência andam juntos.

Esse é o ciclo. Meu pai foi mandado embora de casa muito novo por meu avô. Se não vai obedecer as regras então vaza daqui e vai viver sua vida pra lá. A mesma coisa aconteceu comigo, certa vez. Em nossa família não fomos ensinados a compreender o que sentimos e como expressar as emoções. Tudo é muito bruto, ríspido. A minha família é da roça, somos cuidadores da terra e a mesma aridez do solo também corre em nosso sangue. A infância de meu pai e minha mãe podem ser resumidas, em certo sentido, no contato com a enxada e a cabaça de água na cabeça. Eles não tiveram trocas de afeto na prática amorosa. Eu não tive também. É o que acontece entre a gente, os nossos. Apanhamos tanto que deixamos de acreditar que possa existir o amor, porque se amor é isso, escolhemos viver uma vida em que o amor não seja prioridade. Gostaria



de enfatizar, que o contexto social, a pobreza e a falta de assistência básica não são os principais motivadores para a existência de lares adoecidos emocionalmente. Em ambientes onde a disciplina de crianças é obtida por meio da punição e da agressão, como poderiam ser formados adultos emocionalmente estáveis?.

Gostaria de me abrir sobre um desejo profundo que carrego desde a infância: intimamente desfrutar da experiência de um lar com uma criação amorosa. Não há nada de utópico, mas quando busco visualizar a realização prevejo o árduo trabalho que existe pela frente. Como se quebrar um ciclo? Sei que o primeiro passo é identificar o acontecimento que marca o seu início. Enquanto conversava sobre o fardo que minha família carrega, essa mulher que me ajudou a mudar de perspectiva me ofereceu um conselho. Eu estava focada nas dores e na experiência do adoecimento em decorrência das violências. Mas o segredo eram as outras pessoas que também estavam inseridas nesse contexto e começavam a conceber o conceito de amor. As crianças.

Entendi que a minha missão a partir daí não seria mais consertar os erros do passado ou mudar a cabeça de quem veio antes. Talvez possa ser que em algum momento eles estejam abertos para esse tipo de diálogo, não descarto a possibilidade. Mas a jogada que decidi realizar, a partir da orientação, seria genuinamente movimentar oferecendo afeto e cuidado, além de discussões sobre a importância do amor. De certa maneira, esse também era o objetivo das atividades que queria executar com meus primos. Me conectar com eles por meio da sabedoria oferecida pela natureza e após estabelecer um espaço de troca, ouvir e compartilhar sobre o que venho aprendendo. Para a gente que vive em meio a guerra, o amor pode sim florescer em um campo de batalha.

Eu desanimei de realizar o plano coletivo, mas não desisti da ideia de ir até a casa de vovó Ana, na roça. Quer saber o que me fez botar na cabeça o pensamento de que eu precisava ir lá? É o seguinte, durante o decorrer da minha finalização do curso de jornalismo e da execução desse projeto precisei trocar de orientador. Não vou mentir não, eu estava com muito medo de não dar certo. Até esse momento é bem provável que já tenham percebido o meu carinho e o envolvimento com todo o trajeto. Isso tudo é pessoal. Qualquer deslize e poderia colocar a perder o que na prática es-

tava salvando a minha vida. Então, anteriormente à reunião marcada para apresentar o caminho que tinha sido traçado até o momento e que me daria a resposta sobre ter ou não um novo orientador, decidi fazer algo.

A essa altura eu já tinha certo entendimento sobre minha conexão com a ancestralidade. Então senti no coração o desejo de acender uma vela branca com um copo de água e pedir caminho aos meus ancestrais. Fiz isso. Logo depois até escrevi um relato sobre a experiência. Dia dezesseis de abril de dois mil e vinte e quatro. Durante o ritual eu visitei uma memória muito antiga. Já havia em outros momentos me recordado das épocas em que estive na casa de vó Ana, lá na roça, embebida pela saudade. Mas nunca com detalhes tão precisos... Ouso descrever dizendo que fui transportada para o passado, mas a sensação era tão viva e real que indicava que também estava no presente. De olhos fechados, durante o ritual, parecia que eu estava dentro de um sonho habitando um lugar calmo e sagrado. Por um tempo me desliguei do mundo à minha volta. É até difícil de conceber em palavras a experiência. Não tinha como o resultado da reunião ser negativo depois disso. Me senti segura e tranquila enquanto conversava com o novo orientador, que aceitou acompanhar a aventura.

Coloquei na cabeça que ia voltar até aquele lugar novamente e assim o fiz. Fui de ônibus para a casa de tia Cristina, na comunidade do Poço de Lau. Mainha ficou na cidade, decidi ir só mesmo. De lá consegui uma carona de moto com tio Lió até as terras em que meu pai cresceu. Era quase dez horas da manhã e o sol ardia. Enquanto a moto pulava saltando os buracos e as costelas de vaca. Eu encontrava conforto no vento batendo forte no rosto e na paisagem familiar. Por tantas vezes quis estar de volta à infância e à adolescência e reviver com detalhes tão precisos as memórias da época em que viajava para a casa de meus familiares na roça, durante o período de férias da escola. O cheiro forte do mato misturado com a poeira da estrada de terra vermelha entrando pelo meu nariz me transportava diretamente para o passado. As cercas de madeira marcando as terras dos vizinhos. A cancela vermelha, que guarda tantas memórias de minhas chegadas e partidas. A casa de Naná. A cancela de madeira. E o longo caminho até o pé de Jatobá e o terreiro da casa.

Quando você está presa entre as memórias do passado e a realidade do presente é muito difícil não notar as mudanças e o que continua ali no





mesmo lugar. O Jatobá que outrora havia servido de sombra fresca para que eu e meus primos dessemos vida ao mundo da imaginação agora tinha sua madeira sustentando a estrutura do curral, que inclusive ocupava muito mais espaço. O pé de imbu continuava sendo a casa das galinhas. A charrete verde ainda estava lá, só que sem nenhuma utilidade. Seis longos anos se passaram e a destruição da floresta nas mangas do fundo da casa denunciando o mau envelhecimento das terras. Depois que minha avó se mudou para a área urbana os recursos para manutenção ficaram escassos e a responsabilidade de cuidar da casa e do terreno de nossa família coube a meu tio Leotides, conhecido entre o povo por Lió, um dos filhos de Ana de Coco, um dos apelidos de meu avô paterno.

O caso é que conforme o tempo passa muitas coisas vão se perdendo da memória, os detalhes vão ficando irrelevantes, mas não por conta da perda do valor e sim por nosso cérebro precisar apagar informações. Ele seleciona o que acreditamos ser o mais valioso para manter no HD ou o que está vivo. Quando sua mente está ocupada tentando sobreviver a rotina exaustiva de trabalho, pensando nos problemas pessoais, nas contas a pagar, nas faltas, nos anseios e expectativas para o futuro incerto que te espera com o fim da graduação é muito fácil não lembrar das memórias marcantes, elas passam despercebidas. Das memórias cultivadas e das experiências de vida. E por vezes, você acaba nesse processo de se esquecer dos detalhes.

Eu estava na roça encantada, como se estivesse conhecendo pela primeira vez um lugar onde já tinha criado um álbum de memórias. Retornar traz essa sensação na gente. De que aquilo ali é sagrado. O seu valor está em tudo o que foi possível viver, só que percebido logo após o período de falta, no meu contexto ocasionado pela distância. A mesma responsável pelo fato de que ao retornar, era preciso aprender coisas novas sobre o lugar onde cresci e julgava conhecer. Diante da lembrança do que era e de tudo o que foi um dia estar na casa de vovó Ana, acordar com o galo cantando a vida pela manhã, tomar banho depois do almoço no tanque de água salgada, esperar o sol esfriar para brincar de bola no terreiro, fazer casinhas de terra embaixo do pé de jatobá, é que pude enxergar nesse dia o significado dessas terras. Quer saber o que eu gostava de fazer nos dias nebulosos na casa de vó? Sair de fininho e ir para o tanque de água chorar

os desabafos sobre as frustrações que ouvia dos adultos lá embaixo do pé de canafístula.

Tem coisas que eu gostaria de ter dito na carta que escrevi para o meu avô, coisas que eu queria que as palavras levassem para longe. As dores dessa época. Mas elas ainda não haviam passado percebidas. Nem sempre as violências do racismo e do machismo estiveram visíveis. Ainda estou no processo de identificar as consequências dos traumas. Hoje, perto de completar vinte e dois anos, me sinto um pouco mais segura para dizer em voz alta que sofri abusos, muitos deles vindos de pessoas próximas da minha família. E foram às raízes da árvore que serviu de consolo para abrigar as lágrimas de uma menina-moça solitária. Por vezes, chorar em seus pés aliviou o fardo de esconder do mundo todo o sofrimento, parte do ofício em ser mulher preta: sustentar a imagem da mulher forte desde a infância.

Na casa de vó em Lagoa de Baraúna tem dois tanques de água, um destinado para uso nas atividades de casa, comida, louça e roupa, além de beber; e o outro para banho. Para quem não sabe, os poços artesianos são uma tecnologia de captação de água, comumente utilizada nas zonas rurais das cidades do interior do nordeste como ferramenta para lidar com a crise hídrica. Também são conhecidos como tanques de água ou poços de barro. Brinquei na infância em muitos deles. Era gostoso perder horas banhando nas águas barrentas, na companhia de Sônia, Carla, Claudinha, Duda ou Tiago.

Esse que a gente costumava tomar banho é dividido por uma cerca de arame farpado. Do lado mais próximo da casa é a parte rasa, onde anos atrás pela pouca idade eu costumava me limitar a mergulhar apenas ali; e do outro lado fica a parte funda, lugar onde o gado costuma beber água. O tronco da árvore fica localizado do outro lado, na parte que eu evitava acessar, mas suas raízes cresceram no rumo da casa, ocupando o lado raso do tanque de água. Por conta disso, costumava sentar em cima delas, logo depois de um banho na água barrenta ou quando buscava tranquilidade ao assistir as águas se moverem. Era de costume, pela falta de água no poço, das raízes do pé de canafístula ficarem expostas no tempo da seca. Era mês de agosto quando estive lá pela última vez.





Sabe o que é coisa de doido? Nesse dia ouvi uma voz falando pra eu abraçar a árvore, logo quando cheguei lá. Juro pra vocês! Mas só quem entende o que eu tô falando consegue acreditar. Eu estranhei e não entendi nada. Como assim abraçar a árvore? Por quê? Voltei para a casa de vó Ana pra fazer almoço, intrigada. Minha mente demorou o período em que a comida ficou pronta para processar o que tinha ouvido. Novamente, a dúvida. Como assim é pra eu abraçar a árvore? De barriga cheia, decidi retornar ao tanque de água. Quer saber, não havia entendido muito o motivo, mas iria responder ao desejo. Cheguei lá e vi que estava impossibilitada de abraçar a árvore pelo arame farpado em volta dela. Que provavelmente havia sido colocado ali quando ela ainda tinha um tamanho menor, pois visivelmente estava apertado no comprimento. Escolhi dizer em voz baixa que estava sentindo vontade de tocá-la, pedi licença e o fiz, justifiquei dizendo que não sabia o porquê.

Logo me veio à mente as lembranças das vezes que chorei ali e novamente pela emoção me deixei desabrochar nas águas. Eu estava cansada, sabe. De ter que carregar tanto peso nas costas, tantos traumas psicológicos, tantas dificuldades básicas, tantas memórias dolorosas. Queria não carregar as frustrações causadas pelo desejo de ser amada pela minha mãe. Queria não ter que lidar com o meu reflexo fragilizado. Queria conseguir fazer as pazes com o meu passado. Até desejei que a minha história fosse diferente. Botei pra fora como fiz tantas vezes em anos atrás.

Lembro de me distrair olhando para a copa da árvore e reconhecer a ambientação sonora. O canto dos pássaros misturado com barulho de galinha ciscando no mato e do vento movimentando a folha das árvores. Tinha vários casais de pássaros, de espécies distintas, em cima de minha cabeça. Eles cantavam a vida. Eu estava curiosa sobre a relevância da árvore. A dúvida retomou a mente. Ao contemplar o cenário, que parecia de ficção, tive alguns pensamentos. Essa árvore está aqui a tanto tempo né, quantas casas de João de barro não foram construídas em cima dela? Quantas casas de inchu não passaram por aqui? Quantas pássaros, quantas formigas, quantas outras vidas? Presa na reflexão percorri o olhar por todo o corpo da árvore até chegar na raiz, onde eu estava sentada. Eu também havia me pousado ali diversas vezes. Essa árvore estava em minha trajetória, pensei. Não obtive resposta no momento para a dúvida

que havia ficado no ar. Voltei para a casa de tia Cristina e comentando com ela que lá estava tudo seco, também falei da árvore. Que ainda continuava lá no mesmo lugar. O pé de canafístula? Ela disse: está lá desde antes da gente chegar.

Depois de me frustrar com mainha e ter que lidar com a minha versão vulnerável, pedi aos meus guias ajuda para me conectar com a ancestralidade, sentia necessidade de enfrentar essas dores e era preciso força. Uma ação de reivindicação do meu direito de não me sentir mais solitária nas batalhas da vida. Mas será que eu sabia na prática o que significava ancestralidade? Essa era a pergunta.

Agora, preciso que vocês acompanhem comigo essa linha de raciocínio. Imaginem uma árvore grande, muito grande. E em todo o seu corpo habita vida, além dela mesma. Não menos importante do que as outras partes, são suas raízes as responsáveis por levarem energia até o restante do corpo. A força vital. Contribuindo para que a árvore cumpra seu ciclo de existência. Ela está diretamente conectada com a terra, nossa mãe. Inclusive, é essa energia que faz brotar as sementes e os frutos. Também responsáveis por dar continuidade a vida e levar adiante a força da energia, promovendo a existência de outras vidas. Mas foi preciso me reconectar com ela pra perceber. Que a árvore também me dava forças para continuar existindo. Antes da minha família paterna chegar naquelas terras, o pé de canafístula já contava sua história. A gente faz parte dela. Porque a ancestralidade é tudo o que antecede ao homem, a própria natureza. Conforme foi dito pela grande intelectual e ativista Makota Valdina, certa vez. Repito suas palavras: a minha ancestralidade é toda a natureza criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo e a árvore era a representação dela. Da continuidade. Toda a sua estrutura, incluindo sementes, tronco, flores e frutos, é responsável por alimentar outros seres vivos. Assim como funciona o movimento de uma cadeia alimentar.

Nesse processo percebi que as minhas dores faziam parte de um ciclo que passava também por esse lugar. Por essa árvore. Envoltas por um objeto que a feria, ela cresceu diariamente sobrevivendo em um contexto violento. Eu não sou a única de nossa família a ter cultivado memórias ali. Não sou a única que essa árvore nutriu. É fato! Mas de todo modo preciso pontuar que em meio às dificuldades, ela foi abrigo. Uma ancestral viva



que também gostaria de honrar nesse livro. Preciso dizer, Pai Joaquim de Angola é o nome do ancestral responsável por me repassar esse saber e a me levar a compreender o valor de meu território. Esse lugar é sagrado. A árvore. A força vital que corre em minhas veias. A ancestralidade. A memória. E a minha história de vida.

A esta altura do campeonato, pode ser que você ainda se pergunte: será que o que ela narra é fato acontecido ou é metáfora? O que tudo isso tem a ver com Antônio Preto? Conto para vocês recordações de uma viagem que me trouxe uma lição sobre o valor da memória e de nossa árvore genealógica. Essa aventura não teria tomado essa proporção se não fosse toda a experiência de buscar conhecer a história de minha família, a partir do desejo de reconstruir as identidades de Antônio Preto por meio dos rituais de rememoração. Para que essa pessoa que vos fala chegasse até aqui, muitos foram os pés dos que trilharam antes. E só consigo compreender isso pois aprendi a reconhecer a ancestralidade como a força que me mantém viva. E também a reconhecer as figuras dos mestres e mestras que estiveram envolvidos na minha caminhada e a diversidade de suas identidades. Aos encantados que habitam outros lugares da existência e foram citados nessa obra: vô Antonio, Du, tio Tió ou Teonilio, cunpadre Justino, tio Arlindo, e tantos outros, peço a licença para representá-los aqui. É de grande interesse honrar suas identidades e suas lutas.



Caminho começado
é meio
caminho andado







Mariana, Minas Gerais

14 de fevereiro de 2024

Saudações, meu querido avô,

Pensei em escrever essa carta apenas ao fim da caminhada em busca da sua história. Mas antes que me desse conta, as lágrimas me empurraram para as palavras. Hoje é 14 de fevereiro de 2024. Por aqui, é Quarta-feira de Cinzas. A noite passada não me deu descanso. Entre revirar na cama e os olhos acesos pela insônia, foram os pensamentos inquietos, movidos pela preocupação, que me fizeram companhia. Acordei meio indisposta. Ainda assim, levantei para lutar mais um dia. Comecei logo cedo trilhando um caminho de mergulho ao passado. Comecei cedo um mergulho no passado. Estive lendo o livro *Em Busca de Mim*, da Viola Davis. E, a cada página, me reconheço. É curioso que, justo hoje, em plena Quarta-feira de Cinzas, o dia esteja ensolarado. Mais curioso ainda é perceber que, dentro de mim, é a cor cinza que pulsa — mas cheia de esperança, vô.

Inspirada pelo livro de Viola, fui levada às memórias que julguei perdidas. Por tanto tempo me perguntei por que me lembrava tão pouco da minha história — e, quando lembrava, eram apenas os fragmentos mais dolorosos. Agora compreendo. Mergulhar na história de outra mulher me levou a mergulhar na minha. Um processo de autoconhecimento e de escavação. Nos últimos dias, venho revisitando o passado com olhos novos.

Comecei o projeto do livro movida por um desejo profundo de cura. Eu não quero morrer, vô. Parecia injusto. Desde que nasci, há mais de duas décadas, venho lutando para encontrar ferramentas de sobrevivência. E, há quase três anos, me escondi dentro de uma fantasia — uma armadura que acalmava o peito. Mas ela já não me protege. Com o tempo, me perdi entre realidade e expectativa, entre o que sou em essência e o que aparento ser. Meu passado ficou turvo.

Agora, à medida que minha memória ressurge, entendo o porquê. Fiquei desconectada de mim mesma por tanto tempo, protegida pelos muros que ergui, que acabei também distante das minhas raízes. Quero voltar a me conectar. A mim. Ao senhor. A mainha. Quais são as dores que nos atravessam em comum? O que é transferido para os nossos por meio do sangue?

Gostaria de encará-las e dizer que não, ela já não tem mais poder. Gostaria também de te agradecer por ter preparado tão bem minha mãe para o mundo. Crescer numa casa comportada de tantas dificuldades, falta de assistência básica à saúde, alimentação e educação, por negligência do poder político, não deve ter sido fácil. Sei que hoje as condições de sobrevivência ainda estão melhores. Meu avô, sobre o senhor, mainha diz com tanto orgulho no peito, com tanto amor, que aprendi a sentir o mesmo. Me pergunto bastante sobre esses segredos que mainha carrega de sua vida anterior, antes da conversão ao Cristianismo, escondido da visão de todos. Fico em dúvida se realmente tenho coragem de conhecer esses medos profundos que provocam suas preocupações e ansiedades. Como é possível guardar tão bem os traumas vividos? Ser forte o tempo todo é um fardo, mas que ela carrega com uma dignidade impressionante. Como ela consegue oferecer tão bem o cuidado? Mulher guerreira. Essa é minha referência. É nela que me inspiro.

Domingas, a menina que, aos treze anos de idade, deixou o lar acompanhada das expectativas de um futuro melhor e das palavras contrárias pronunciadas por quem desacreditava no sonho



que o senhor ousou cultivar. Imagino o senhor, aos nove anos, em corpo de criança, também sendo jogado em um mundo de responsabilidades. Como foi administrar tantas tarefas enquanto o desejo de seu coração era desfrutar da infância? Talvez mainha, tia Duca, tia Bel, tio Edson, tio Vitorino possam me responder. Me questiono, existe possibilidade das respostas serem diferentes? Hoje as lembranças vieram em pequenas ondas. Recordei dos dias na casa do morro, das histórias inventadas sob o pé de limão, que acolhia no peito como se fossem reais. Dos sábados em que mainha ia à feira, pai trabalhava com ferro velho, e eu ficava com Gessé e Felipe — a única menina mulher. A sensação de me sentir sozinha é forte. Lembro das conversas por cima do muro com as netas de dona Alzira, dos pastéis e das frutas que ela trazia ao retornar para casa.

Acredito que a sabedoria que te faz permanecer vivo dentro da linha do tempo, e que o moldou como pai, conselheiro e educador são potencializados pelos sonhos de seus ancestrais — que cruzaram o oceano forçados a sonhar longe da própria terra. Reinventaram suas ferramentas. Uma herança grandiosa. Tenho trilhado um caminho em busca dessa sabedoria, do meu legado. Quero continuar viva. Tenho certeza de que o senhor pode me ajudar. Afinal, mesmo encantado é referência.

Cresci recriando expectativas. Muitas, frustradas. Mudamos daquela casa do morro depois de um assalto. Voltamos da igreja e Gessé notou a luz acesa no quarto dos nossos pais. Abro aqui um parêntese: nunca entendi por que mainha sempre trancava aquela porta. Às vezes parecia uma falta de confiança. O que havia de tão secreto ali? Hoje vejo que talvez fosse uma metáfora — um modo de guardar seus próprios traumas, de proteger o que era só dela. Naquele dia, invadiram o quarto pelo telhado. Levaram pouco, mas o suficiente para deixar marcas: inclusive o dinheiro da mensalidade da escola em que eu e Gessé estudamos. Quando tudo aconteceu, vó Maria e tio Teonílio estavam em casa e não notaram nada estranho. Fiquei assustada. A partir daí, comecei a

dormir embrulhada da cabeça aos pés, mesmo no calor. O medo foi meu cobertor por muitos anos.

Quando nos mudamos eu já tinha nove anos. Muitas experiências ruins me acompanhavam. Meu corpo começava a desabrochar e a vida me mostrava sua dureza. Na época, fiz amizade com uma menina da escola, Glebia. Estávamos na quarta-série do fundamental. Lembro que saía escondida cedo de casa para ir brincar com ela. No quintal de sua casa passava um córrego sujo, que era cheio de piabinhas. Tinha os dias que ia depois da aula. Chegava tarde em casa e apanhava feio. Também recordo do dia em que ela me contou sobre um homem que pagava cinquenta reais para tocar nas meninas. Fiquei tentada. Pensei no tanto de doces que compraria. Não parecia ser algo horrível. Afinal, eu já havia sido tocada com essas intenções por um tio — em uma das férias na roça da avó paterna.

Pensei em aceitar. Me iludi que talvez não fosse tão horrível. Já tinha me sentido desconfortável antes. Hoje entendo: mainha interveio. Protegeu sem saber. Mas essa não foi a única vez. Outros episódios vieram. Anos mais tarde, já com as curvas do corpo acentuadas, vivi traumas ainda mais profundos. E por muito tempo carreguei sozinha a culpa, sem saber como sair disso tudo. Te conto isso, vô, porque não aguento mais guardar. Sobrevivi. Mas as marcas me acompanham. Quero deixar esse passado para trás. Mas quando olho no espelho, vejo o reflexo dessa menina que foi forçada a virar mulher antes do tempo. Agora que estou recordando começo a perceber a força dessa criança. Ela grita por acolhimento. Só quer ser amada. Baixar a guarda. Parar de lutar. É o que eu também desejo. Mas será que tenho forças para amá-la? Será que o amor cinza que carreguei é suficiente?

Meu querido avô Antônio Preto, escrevendo a carta, nem havia me dado conta da mudança. Imersa nas palavras, nem notei que o tempo mudou do outro lado da janela. Ficou nublado. Agora olho para a linha do horizonte e enxergo um fundo cinza. Que



curioso, quero me lançar para lá. Sigo cantando ao som de Mateus Aleluia. O amor está renascendo das cinzas. Sinto o transbordar no peito. Emoção que não dá para conter. Coração acelerado. Um nó na garganta. Mãos trêmulas. Vistas turvas.

Comecei o ano voltando à nossa casa, em Barro Vermelho. Não me lembro de forma nítida daquele lugar. Não vi o curral em funcionamento. Nem participei das lapinhas de Natal. Não vi vó Maria com lucidez preparando o requeijão. Mas te escuto nos ditos de mainha:

“Em casa de ferreiro, espeto de pau.” “Melhor só do que mal acompanhado.” “Ser pobre não é defeito, ser porco sim.”

Eu te sinto aqui, vô. Nesse espaço-tempo onde me encontro. Prometo em voz alta: jamais soltarei a mão daquela garotinha. Nela está a força, a sabedoria e o legado que eu procurava. Essa é minha oferenda na encruzilhada. Para Exu. Sob as cinzas do amor. Em agradecimento aos caminhos abertos. Te (re)conhecer como meu ancestre me trouxe poder. Bebi da água do conhecimento. E a sede não passa. Sigo em busca de mais. Da vida.

Axé.

Com profunda admiração,
Mírian dos Santos.





Essa carta marca a travessia. A chegada até o portal. Ao atravessá-lo — ainda com o corpo suspenso entre dois mundos — ouvi uma voz sussurrar baixinho:

— Quando quiser me encontrar, é só olhar para dentro.

O calor no peito confirmou: era meu avô. Agora, estamos conectados. E seguiremos juntos o trajeto. Sinto que este é o momento de começar a escrever o livro. A caminhada em busca de cura me trouxe até aqui — o meio do caminho, a encruzilhada. É com a sabedoria ancestral de Antônio Preto que me preparo para seguir adiante. Cura e escrita caminham lado a lado. Quero contar a vocês, leitores, uma história de amor, fé e resistência. A linha do tempo espiralar é a chave de acesso. É preciso movimentar. Enquanto a memória retorna ao passado, nossa história avança rumo ao futuro. De mãos dadas. Seguimos.

